

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS
SABADO, 12 DE JULHO DE 1969 N.º 16 724 ANO 49.º UM ESCUDO

COMPRE JOGO
no
CAMPIÃO
LOTÁRIA - TOTOBOLA



Aspecto das homenagens populares ao prof. Marcello Caetano no Rio de Janeiro

MARCELLO CAETANO NO BRASIL

UM COMUNICADO CONJUNTO SERÁ HOJE PUBLICADO

• O PRESIDENTE DO CONSELHO CHEGA AMANHÃ A LISBOA (13 HORAS)

RIO DE JANEIRO, 12 — (R.) — Um comunicado conjunto será emitido hoje para assinalar a visita do dr. Marcello Caetano, a primeira efectuada por um

Chefe de Governo português à América do Sul. O documento, que será assinado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros, dr. Franco Nogueira, de Portugal, e José de Magalhães Pinto, do Brasil, acentuará, segundo se espera, o espírito de comunidade existente entre os dois países.

cadeiras seriam História. Literatura e Artes Plásticas.

(Continua na 13.ª página)

CONVITE PARA O JAPÃO

Termina no próximo dia 21 o prazo para a inscrição das concorrentes

Foi já fixada a data em que terminará a recepção das inscrições. Apenas até ao dia 21 poderão ser entregues no «Diário de Lisboa» o cupão e as fotografias das candidatas à iniciativa de eleger uma jovem como representante portuguesa ao Concurso Internacional de Beleza, no Japão.

Grande festival de juventude, de graciosidade e harmonia, o Concurso Internacional de Beleza, realizado anualmente no Japão, constitui autêntico cartaz de turismo internacional. A presença de jovens representantes de inúmeros países torna ainda mais aliciante o grande certame.

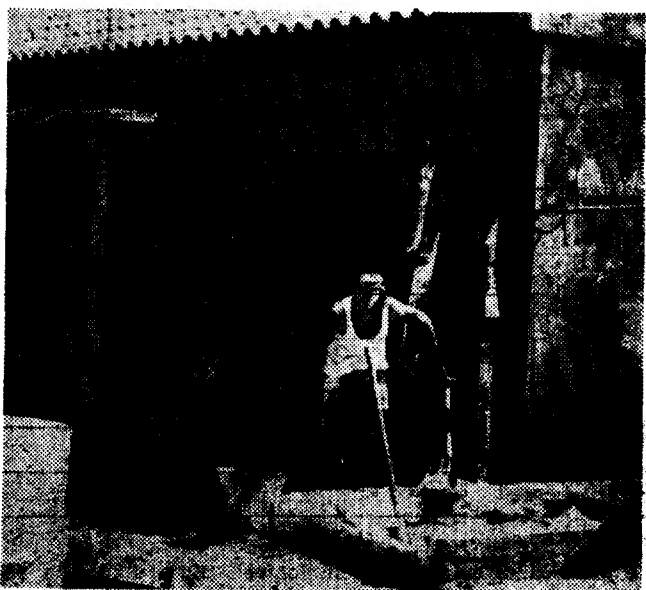
Por iniciativa do «Diário de Lisboa», Portugal estará representado este ano pela primeira vez no Concurso Internacional de Beleza, para selecção da Rainha Internacional de Beleza de 1969. A jovem será, pois, eleita entre as leitoras do nosso jornal.

Podem ainda concorrer todas as jovens cujas datas de nascimento sejam posteriores a 1 de Setembro de 1951, e que possuam a na-

cionalidade portuguesa pelo menos a partir de 1 de Março do corrente ano.

(Continua na pág. seguinte)

Aguarda-se, também, que mencione que as Universidades de Angola e Moçambique incluiriam, em futuro próximo, temas de cultura brasileira nos seus programas. Fontes bem informadas disseram que essas



Em frente da Brandoa é Casal da Mira, freguesia da Amadora, mais um bairro clandestino que nasce (reportagem na central)

Intensificação da luta no Vietnam

ATAQUE A HUÉ

SAIGÃO, 12 — (R.) — Artilheiros do Vietcong bombardearam durante a noite Hué, a antiga capital imperial, e 21 outros alvos militares e civis, segundo revelaram hoje informadores militares.

Dois grandes foguetões de 122 mm caíram na cidade, situada a 640 quiló-

(Continua na 16.ª página)

«VEJO-ME A OBSERVAR

MIKE
PERTO
DA LUA»



MIKE e PAT COLLINS

«É engraçado pensar em mim projectando-me nos próximos dias, e ver-me colada ao televisor, observando Mike perto da Lua» escreve a mulher do cosmonauta Mike Collins no artigo que, juntamente com outro noticiário, publicamos nas páginas 7 e 9

«VOLTA À FRANÇA» EM BICICLETA

AGOSTINHO VENCEU A ETAPA DE HOJE

• PASSOU A 14.ª NA CLASSIFICAÇÃO GERAL

REVEL, 12 (Pelo telefone, do nosso enviado especial Amadeu José de Freitas) — Joaquim Agostinho, o já famoso ciclista de Brejenjas que se tornou vedeta da «Volta à França-1969», conseguiu hoje outra excepcional proeza: venceu mais uma etapa do «Tour» — a de hoje entre La Grande Motte e Revel.

AGOSTINHO DEFENDEU-SE NA ETAPA DE ONTEM

Do nosso enviado especial AMADEU JOSÉ DE FREITAS
com o patrocínio do BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

GRANDE LA MOTTE, 12 — Cá chegámos todos — em passelo suave, alegre, distraído, todo ele feito de repouso e tranquilidade. Só o vento e que aborreceu um bocado, senão teria sido muito mais agradável. Não se pense que estou a dizer isto em ar de crítica acerba, pois se fosse comigo já bem tinha ficado em um desses muitos recantos

agradáveis que tenho visto nesta peregrinação gaullesa. Mas o que é inegável é que o «Tour» tirou umas pequenas férias — já va-

(Continua na 25.ª página)

— Não posso descrever a alegria que sinto. Dedico a todos os desportistas que me ampararam este grande triunfo! — informou-me Joaquim Agostinho, aqui mesmo na meta, completamente encharcado pelo suor.

Agostinho ganhou com um minuto e quinze segundos de

(Continua na ultima página)

HOJE 44 PÁGINAS

VISADO
PELA CENSURA

Edição da noite

CORREU-LHE BEM O EXAME QUE O JÚRI LHE FEZ EM CASA — MAS UM DESPACHO «CHUMBOU-O»

Chama-se Jorge Alberto Silva Carvalho, tem 18 anos e frequenta o Liceu Charles Lepierre. Inscreveu-se no Liceu Pedro Nunes para se submeter ao exame das seis cadeiras do 7.º ano que constam da alínea do 3.º ciclo que dá acesso a Escolas, que pretende seguir. Mas — e aqui começa o caso — já depois de ter prestado provas escritas de Filosofia e Organização Política, o Jorge Alberto foi vítima de uma repentina e grave afecção da sua saúde: descolamento da retina. Aliás, o jovem finalista do curso liceal é miope e a sua deficiência oftálmica determinou decisivamente a escolha feita quanto aos estudos universitários.

Operado de urgência há precisamente duas semanas, na Cruz Vermelha, pelo dr. Artur Pina, o Jorge depois de uma semana de internamento naquele hospital, recolheu a casa, onde continua em recuperação, com uma vista completamente tapada e a outra parcialmente, não podendo além disso suportar a luz. Entretanto, o pai do estudante em causa havia re-

querido ao titular da pasta da Educação, não só a permissão de que a oral de Filosofia pudesse efectuar-se em sua própria casa (o Jorge Alberto dispensou da oral de Organização, mas que os exames das quatro disciplinas de que aquele não tinha ainda prestado prova escrita antes do descolamento — porque se reservava para o fazer na 2.ª chamada — pudessem ser realizados em Outubro.

Pois bem, hoje o Jorge Alberto fez a oral de Filosofia, em casa, e tudo correu razoavelmente — levava 12 valores da escrita e subiu para 14. Apesar de não ter estudado durante os últimos 15 dias (lógico) o Jorge achou até o exame fácil.

Mas... Mas o descoroamento reina não só no olho do rapaz como dos pais, porque o outro pedido não foi correspondido. Um despacho do director-geral do ensino liceal indeferiu a pretensão de o Jorge fazer as quatro disciplinas restantes na época de Outubro. A lei diz — diz o despacho e é verdade — que

os candidatos só se podem submeter a dois exames para completar a respectiva alínea na época de Outubro. Logo, o Jorge Carvalho não pode fazer exame em Outubro. Logo, está «chumbado». Logo, o exame de ontem (foi Filosofia) soube a pouco, soube a nada. Porque o imponderável não foi superado pelo despacho de um director-geral do Ministério da Educação.

VIDA MUSICAL

Encerramento do Curso de Flautas de Bambu da Fundação Gulbenkian

Encerra-se, na terça-feira, o Curso de Verão de Construção e Execução de Flautas de Bambu, para professores de música, promovido pela Fundação Gulbenkian na sua sede, e regido pela professora suíça Jacqueline Reichel, em colaboração com os professores Vitoria Reis e Vitor Marques Dinis.

Assinalando o encerramento do curso, realizar-se-á no mesmo dia, às 17 horas, no Auditório da Biblioteca Nacional (ao Campo Grande), uma audição pública em que colabora também a classe infantil de Flautas de Bambu.

dirigida na Fundação Gulbenkian, pela professora Vitoria Reis. A entrada é livre.

Concerto na Estufa Fria

O próximo concerto de iniciativa municipal tem como executante a Orquestra Filarmónica de Lisboa, sob a direcção da maestrina Natércia Couto. Efectua-se na Estufa Fria, amanhã, à noite, com início às 21 e 45. O programa é o seguinte: «Suite Lusitana n.º 5» e «Turismo em Portugal», de Natércia Couto; «Concerto Lusitano» (primeira audição), de José Brandão, sendo solista de guitarra Maria Lúcia de S. Marcos, e «Sinfonia n.º 6», de Tschalkowsky.

CONVITE PARA O JAP

(Continuação da pág. anter.)

Para participar nesta iniciativa, basta preencher cuidadosamente o cupão que publicamos, remetendo-o para o «Diário de Lisboa» acompanhado de duas fotografias (a preto e branco ou a cores), formato grande, para facilitar a primeira selecção do júri constituído para o efeito.

A jovem eleita, apurada por reunir mais atributos, é oferecida a oportunidade de realizar uma autêntica viagem maravilhosa: juntar-se-á em Paris às representantes de outros países, seguindo todas para o Japão, num avião da «Japan Airlines», com escala pelas cidades de Kyoto, Nagoya e Tóquio, num período compreendido entre 28 de Agosto e 17 de Setembro.

Prémios valiosos e tentadores aguardam as participantes na selecção para a conquista do título de Rainha Internacional de Beleza 1969. A vencedora será atribuídos dois milhões de «yen», o que equivale a cerca de 160 contos, na nossa moeda. A segunda classificada receberá um milhão; a terceira 800 mil; a quarta, 600 mil; e a quinta, 300 mil «yen», correspondentes, respectivamente, a cerca de 80, 50, 30 e 20 mil escudos.

Insistimos, porém: embora termine no dia 21 o prazo para recepção das inscrições, as candidatas não devem demorar o envio do cupão e das fotografias, para evitar atrasos na realização dos primeiros trabalhos de apuramento.

A exploração de pedreiras de mármore

Foi hoje enviado ao Governo o parecer emitido pela secção permanente da Câmara Corporativa acerca do projecto de decreto-lei sobre a regularização da exploração de pedreiras de mármore.

No parecer, a Câmara Corporativa propõe que se elimine a referência aos «mármore» na epígrafe do decreto-lei e propõe alterações no sentido de que a legislação a publicar seja aplicável a todas as pedreiras — de márpedre, granito e de outros materiais decorativos ou de construção.

A JUNTA DE FOMENTO DAS PESCAS VEM CONTRARIAR O ESPÍRITO DO ESTADO CORPORATIVO

— segundo o presidente da Corporação da Pesca e Conserva

Sob a presidência do sr. José António Ferreira Barbosa, presidente da Corporação da Pesca e Conservas, reuniu o respectivo conselho da secção das conservas de peixe, convocado expressamente pelo seu vice-presidente, sr. Laurence Baptista Lopes de Mendonça, para apreciar a posição da indústria de conservas de peixe e implicações que para ela podem resultar da publicação dos diplomas que criaram a Junta Nacional do Fomento das Pescas e a Comissão Consultiva das Pescas, do Ministério da Marinha.

Estiveram presentes os srs. José de Oliveira Marques, Filipe da Nazaré Fernandes, José António dos Reis Ramos, Henrique Ferreira Simões, António Aires Ferreira, Luís da Silva Correia, António José Ventura e Manuel da Silva Abril, membros representantes das entidades patronais dos trabalhadores

desta importante actividade económica nacional; e, ainda, o director do Instituto Português de Conservas de Peixe, sr. eng.º Hélio Paulino Pereira, e por convite do presidente, o vogal da direcção, sr. Jacob Perianes Palma. O presidente expôs as pontas de vista que o levaram a discordar das disposições daqueles diplomas por contrariarem os princípios doutrinários do Estado Corporativo e o espírito e o próprio texto da lei n.º 2086.

Apreciando o primeiro diploma, chegou à conclusão de que o mesmo conduz, de certa forma, à subordinação dos interesses e legítimos direitos da indústria das conservas de peixe aos critérios emanados de entidades predominantemente ligadas directamente ou indirectamente à pesca, quando as duas actividades se encontram, e muito bem, integradas, em posição paritária na Corporação.

Acrescentou que já fizera conhecer superiormente estes pontos de vista e aguarda que algumas modificações venham a ser introduzidas nos diplomas em apreciação, de molde a dar satisfação aos reparos feitos.

Todos os membros do Conselho se pronunciaram em sentido idêntico e em especial o vice-presidente, dando inteiro apoio ao presidente.

Por considerar necessário pedir esclarecimentos quanto à eventual vinculação da indústria de conservas de peixe à Junta Nacional de Fomento das Pescas, o Conselho

deliberou, por unanimidade, as suas representações corporativas empresarial e sindical, enviar superiormente uma moção neste sentido.

VIDA SOCIAL

Partiu ontem para Luanda, com sua esposa, o dr. Mário Moraes de Oliveira, governador do Banco de Angola, que se desloca àquela província em missão de serviço. Acompanha-o o secretário-geral do mesmo Banco, dr. Alberto de Oliveira Pinto.

CASAMENTO

Casaram-se hoje, na igreja paroquial de Cascais, a menina Lisete de Sousa Lourenço, filha do sr. Joaquim Lourenço e da sr.ª D. Domingas de Almeida Sousa (falecida), com o sr. Fernando José Fradique Ribeiro, aspirante do Exército, filho do sr. Manuel Ribeiro e da sr.ª D. Teresa Fradique Ribeiro.

Apadrinharam o acto nupcial, por parte da noiva, seu pai e sua tia sr.ª D. Maria Rosalina Lourenço e, por parte do noivo, a menina Josélia Ferreira Badoca e seu irmão sr. António Fernando Fradique Ribeiro.

Falta de água na parte alta de Cascais

CASCAIS, 12. — Voltou a verificar-se falta de água na parte alta desta vila. Foi a primeira vez que tal aconteceu, este ano.

ORDEN DOS ENGENHEIROS

Parte, amanhã, para o Ultramar o sr. eng.º Fernando Pessoa, secretário-geral da Ordem dos Engenheiros, que vai promover diligências para a instalação efectiva das secções regionais de Luanda e de Lourenço Marques.

tendo sido fortemente afectados os bairros do Rosário, Torre, Cobre e Pampilheira. A falta de água registou-se a partir das 16 horas e manteve-se até ao fim da tarde e durante toda a noite, dado não haver pressão suficiente para a elevar até aquela zona. Graças, porém, às medidas postas em prática pelos Serviços Municipalizados, a água passou a ser «bombardeada», a fim de atingir aqueles bairros, abastecendo-os embora com algumas deficiências. Entretanto, segundo fomos informados pelo sr. eng.º Neto Gomes, chefe dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Cascais, espera-se que as dificuldades actuais diminuam, a partir da próxima segunda-feira.

MOVIMENTO CONSULAR

O sr. António Robert Thiele foi nomeado cônsul de Portugal em Reims; os srs. Ruy Fernando do Carmo Ribeiro e Carlos Maria da Luz foram nomeados vice-cônsules, respectivamente, em Almonte e em Boston, e os srs. Francisco Antunes Pimentel e Eugénio Miguel foram nomeados chanceleres dos consulados-gerais em Paris e Hong-Kong, respectivamente.

paneuropa EXCURSÕES

EUROPA ESPLENDOROSA — Magnífica viagem em autoturismo de luxo, 33 dias de viagem, visitando: Espanha, França, Itália, Áustria, Suíça, Alemanha, Holanda, Bélgica e Inglaterra.

Partidas garantidas: 16 e 23 de Julho.
Preço, tudo incluído Esc. 15.675.000

MÉDIO ORIENTE E TERRA SANTA — Em avião e autoturismo de luxo, 12 dias de viagem, visitando: Todos os Lugares Santos, Jerusalém, Belém, Nazaré, Tiberíades, Caná, Cafarnaum, Tel-Aviv e Atenas. Partida garantida: 9 de Agosto.

Preço tudo incluído Esc. 13.560.000

SUIÇA, ALEMANHA E ÁUSTRIA — Em avião e autoturismo de luxo, 15 dias de viagem, visitando: Zurich, Munich, Salzburgo, St. Wolfgang, Viena, Spittal, Lienz, Cortina d'Ampezzo e Innsbruck. Partidas todos os domingos.

Preço, tudo incluído Esc. 8.350.000

SUIÇA, OS DOLOMITAS E VENEZA — Em avião e autoturismo de luxo, 8 dias de viagem, visitando: Zurich, St. Moritz, Merano, Cortina d'Ampezzo, Veneza, Milão, Lugano, Lucerna e Basileia. Partidas garantidas em 13 e 20 de Julho; 3, 17 e 24 de Agosto.

Preço, tudo incluído Esc. 6.860.000

Informações e inscrições:

PANEUROPA — Rua Braamcamp, 11 C/D — LISBOA-1
Telefones: 561871-2-3-4-56723 (10 linhas)

CONVITE PARA O JAPÃO

Recomendamos, preencha-o com letra bem legível, junte uma foto de busto e outra de corpo inteiro (a preto e branco ou a cores, em formato grande), e envie para «DIÁRIO DE LISBOA» — Selecção da Rainha Internacional de Beleza - 1969 — Rua Luz Soriano, 44 — LISBOA - 2.

CUPÃO DE INSCRIÇÃO

NOME _____
MORADA _____
LOCALIDADE _____
DIA DO NASCIMENTO _____ DE _____ DE 19 _____
PROFISSÃO OU ACTIVIDADE _____

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

A FEDERAÇÃO DOS CINECLUBES

TREZE ANOS DE ESPERA

por MANUEL DE AZEVEDO

O interesse pelo Cinema — fenómeno da mais alta importância industrial, comercial e artística — teve muito cedo os seus inevitáveis reflexos na sociedade portuguesa, atingindo cada vez mais vastas camadas da população. A própria evolução da cinematografia, emprestando ao filme um conteúdo cultural inimaginável no início, foi atraindo ao cinema algumas personalidades portuguesas com incontestáveis méritos artísticos e literários. Por volta de 1930 o cinema português parecia fadado para grandes feitos...

A geração dos anos trinta, porém, foi sendo a pouco e pouco triturada por um conjunto de circunstâncias adversas, tanto mais perigosas quanto é certo parecerem, em certos casos, circunstâncias favoráveis. Na voragem das facilidades aparentes e dos compromissos com o primarismo comercial e ideológico se foram autodestruindo algumas personalidades que chegaram a ser prometedoras, enquanto outras se isolaram ou desistiram.

Ao findar a Segunda Guerra Mundial, o panorama era desolador, no tocante a vozes e obras de real mérito ou prestígio. Era, porém, promissor, na medida em que, á falta de uma verdadeira «élite», havia um vasto sector atento e interessado pelos aspectos artísticos, culturais e sociais do cinema.

Refazer tudo pela base foi — no fim de contas — a ideia mestra que esteve na origem do movimento cineclubista português: congregar as pessoas interessadas pelo fenómeno fílmico, de modo a surgir um novo público, mais consciente, de onde viessem a destacar-se novos críticos, ensaístas, realizadores e técnicos. Depois de al-

gumas tentativas frustradas o movimento, iniciado pelo Cineclube do Porto, em 1956 contava já com vinte cineclubes cuja população total era cerca de 15 000 associados. Em 750 sessões culturais realizadas, haviam surgido dezenas de comentadores e críticos, equipas de estudantes e aspirantes a técnicos e cineastas.

Nesses dez anos, a obra dos cineclubes alastrou pelo País. Estas instituições chegaram a ser, em certas localidades menores, os únicos centros culturais existentes. Pelo entusiasmo conquistado os cineclubes eram, não só o fulcro de uma cultura cinematográfica, mas, igualmente, o estímulo para um interesse mais generalizado por outras formas artísticas.

Pode dizer-se sem qualquer exagero, que o movimento cineclubista foi o mais importante, vasto e profundo acontecimento cultural português das últimas décadas.

Pois apesar disso, em vez dos estímulos que merecia, este esforço generoso deparou com muitas incompreensões e hostilidades, dificuldades e barreiras, que só não destruíram o cineclubismo

porque este se apoiava num entusiasmo autêntico e vasto, dispôs de numerosos dirigentes combativos e serenos e soube conquistar o interesse e apoio das novas gerações.

A obra do cineclubismo português, aberta e persistente, teve directa influência na aparecimento de uma nova geração de críticos e cineastas, impulsionou a fundação da Cinemateca Nacional e deu origem a um movimento editorial voltado para o cinema, que não existia.

A desconfiança e o sectarismo imobilizantes limitaram e castraram, porém, muitas iniciativas. Tudo se fez para destruir uma obra que parecia ultrapassar as esperanças mais optimistas e abrir perspectivas extraordinárias, num País onde o cinema sempre fora olhado com desconfiança e certo desprezo pelas «élites» intelectuais.

Apertado num verdadeiro círculo de ferro, o movimento cineclubista conseguiu, porém, sobreviver. Não podendo mais ignorar a sua existência, o Governo — era então ministro da Presidência o sr. dr. Marcello Caetano — publicou um Decreto-Lei em 16 de Abril de 1956, com o qual se criava a Federação Portuguesa dos Cineclubes. Nesse diploma se reconhecia pela primeira vez a grande actividade dos cineclubes nos últimos anos e «o interesse desse movimento como facto relevante de educação e cultura».

No art.º 4.º desse Decreto-Lei dizia-se: «Até á aprovação dos estatutos, a Federação será ainda por uma comissão organizadora, constituída pelo secretário Nacional da Informação, ou funcionário que o represente, que será o presidente, e por quatro vogais designados pela Presidência do Conselho, dos quais duas individualidades com amplo conhecimento do meio cinematográfico português, e do movimento dos cineclubes, e dois membros das actuais direcções dos mesmos clubes».

No art.º 5.º acrescentava-se que a comissão organizadora competia, entre outras coisas, «preparar um projecto de estatutos a submeter á aprovação da Presidência do Conselho».

Entretanto... passaram-se treze anos. Hoje o sr. dr. Marcello Caetano é Presidente do Conselho e o sr. dr. César Moreira Baptista é secretário de Estado da Informação e Turismo.

Parece que, até por isto, é oportuno normalizar e regularizar esta situação anómala, que se arrasta há mais de uma dúzia de anos, como se o transitório fosse definitivo.

No já referido Decreto-Lei, dizia-se a certa altura: «Caso a gerência da comissão organizadora dure mais de um ano...».

Ali se admitia, portanto, que poderia durar menos de um ano. Mas durou, pelo menos, treze!

Nota do dia

A PROCURA DA JUSTIÇA

DEVE SER AMANHÃ o último, domingo em que se cobra, pelos preços actuais, o direito de comprar bilhete de comboio. De amanhã a oito dias, como já se sabe pela comunicação oficial da C. P., os bilhetes de comboio vão aumentar de preço. Como de há uns dias para cá têm aumentado assustadoramente, não os bilhetes, mas as temperaturas, estamos daqui a calcular como toda a gente e mais quem puder voltará amanhã para fora de portas.

O aumento de preços dos bilhetes de comboio segue-se à recente revisão dos vencimentos do pessoal ferroviário posta em vigor desde o começo do ano. É o fenómeno: sobem os vencimentos, sobem os preços das coisas e dos serviços. A palavra inflação, que ninguém gosta de pronunciar, ouve-se, no entanto, por todo o mundo, desde o Brasil, onde é tradicional, até aos poderosos Estados Unidos, onde se procura opor-lhe todos os travões. É o tal ciclo infernal, que por toda a parte se pretende evitar mas a que parece ninguém ser capaz de fugir.

Com o processo inflacionista vem a consequência inevitável da desvalorização das moedas: por cada unidade de moeda, apenas se pode comprar uma quantidade decrescente de mercadoria. Porque, quando as donas de casa se queixam de que têm de levar mais dinheiro para as compras no mercado e desabafam que está tudo mais caro, apenas exprimem, por essas palavras, uma realidade diferente. Quer dizer, o valor dos produtos, excepção feita das variações sazonais, não se altera. O dinheiro é que vale menos.

No caso do preço dos bilhetes de comboio há elementos que não são do conhecimento de toda a gente ou que, pelo menos, não se têm presentes na avaliação do problema, mas a que, se bem que veladamente, se alude no comunicado que a C. P. trouxe a público. É o preço de protecção concedido ao transporte de algumas mercadorias por considerações tidas como de equilíbrio económico. Ninguém se apercebe disso, mas a verdade é que a não elevação do preço de certos produtos resulta, em parte, do preço de favor estabelecido para o seu transporte.

Fica-se agora sabendo, ainda pelo comunicado da C. P., que o Fundo Especial de Transportes Terrestres está a contribuir anualmente com meio milhão de contos para cobrir parte do «deficit» da exploração ferroviária. Donde se apura também (apura-se, confirma-se ou confessa-se) que a exploração ferroviária, parece que tradicionalmente deficitária, está ela própria por seu turno a subsidiar outras actividades que na sua essência nada têm com os transportes mas que deles dependem. É um caso de agravamento por repercussão.

A ideia de uma redistribuição dos encargos de um sector de exploração, necessariamente considerado de interesse público, por outros sectores com ele relacionáveis, uma operação por assim dizer de compensação, não parece disparate nem injusta. Mas parece que têm de se fazer entrar em linha de conta todos os elementos de repercussão, não vá pagar quem não recolhe qualquer benefício nem deixe de pagar quem tira vantagens da operação. Salários, preços, lucros, valor não apenas económico mas também social do sector, tudo isso tem de ser pesado e medido de cada vez que se pensar fazer ou se fizer sem pensar qualquer espécie de economia integrada. Talvez não seja possível fugir a todos os desequilíbrios, mas é indispensável atenuá-los.

RECTÂNGULOS DA VIDA

TELEPATIA

As pessoas dantes sorriam, pois claro. Ou não acreditavam, pura e simplesmente, ou então relegavam os fazedores de tais habilidades para o circo, na companhia de ventríloquos, ilusionistas e outros que tais. No circo ninguém pergunta o porquê das coisas, elas são logo aceites. O público do circo é em geral muito receptivo porque jovem ou mal informado ou ambas as coisas. É assim porque é assim e pronto. Dão-se sempre palmas, muitas palmas. Há os que são mais altos do que os homens e os que são mais baixos do que os homens; há também os que transmitem o pensamento, o que não está muito longe de tirar pombo do chapéu. Uma habilidade. Sempre há cada um. Cada um é como é. O tipo é formidável.

Mas de súbito cessaram as palmas

e o circo fica sério e salta para a Universidade. Eis a América e a Rússia lançando-se com o entusiasmo e o espírito de emulação habituais na sua viagem conjunta e tão separada pelo cérebro humano. Não é uma viagem fácil, e, embora menos arriscada do que as dos astronautas, é muito mais. Difícil porque os navegadores não se movem no espaço aberto, mas

por
**MARIA
JUDITE
DE
CARVALHO**



em minuciosos labirintos miniatúrais, incompreensíveis, até porque, segundo o Prémio Nobel australiano John Eccles, a complexidade do cérebro ultrapassa tudo o que de mais complexo existe no mundo.

Na Rússia, a agência Novotsi comunica às gentes ainda suspeitosas da Europa ocidental que nos programas de estudo soviéticos haverá em breve uma cadeira de transmissão de pensamento. Já em 1965 se faziam na U. R. S. S. experiências como a de Nikolaieff, que recebeu, em Novosibirsk, metade das mensagens que lhe estavam a ser enviadas por pensamento, de Moscovo, à distância de 3000 km. Tratava-se, porém, de experiências individuais. Só agora se entra a fundo na questão.

Na Universidade da Califórnia, a doutora Moss fez recentemente uma conferência perante médicos, psicólogos e psiquiatras, com bilhetes a 25 dólares. Tema versado: telepatia. Objectivo em vista: utilizá-la em futuras ligações com os cosmonautas.

PISOS EXCEPCIONAIS

EM PAÇO DE ARCOS
PARA VENDER OU ALUGAR

No Edifício Panorama, a um minuto da Estrada Marginal e junto ao Mercado, 6/5/3 casas assoalhadas, três casas de banho, copa e cozinha. Impecável construção, pronta a habitar. Não tem intermediários. Condições de pagamento a combinar. Informa no local, Av.ª Senhor dos Navegantes (Junto à Igreja Nova) ou pelo telefone 2433639.

Festa anual

do Externato Girassol

Celebrou-se no passado dia 28 a festa anual deste externato, a que assistiram os familiares dos alunos.

Foram representadas algumas peças de teatro infantil, seguidas da actuação de patinhos, tendo a festa decorrido com muita animação.

No decorrer do lanche que foi servido, a todos os presentes na sede do Externato Girassol, Av. da República, 60-1.ª, Esq. foram entregues aos alunos os trabalhos por estes executados no decorrer do ano lectivo.



Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CARGALEIRO VAI FALAR NO VET CLUBE

O ceramista Manuel Cargaleiro, que há muitos anos vive em França, é o convidado de honra e palestrante na reunião mensal do Vet Clube de Lisboa, que se realiza no Hotel Flórida, no próximo dia 17, às 13 horas.

INDUSTRIAS DE PANIFICAÇÃO

No próximo dia 16, às 15 horas, será empossada a nova direcção do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, eleita para o triénio de 1969-71.

Para assistirem ao acto, que será presidido pelo sr. dr. Isaias Gomes Gautier, presidente do Conselho Geral do organismo, e que se efectua na sede do Grémio

— Rua dr. António Candido, 17, em Lisboa — foram convidados, além de várias entidades oficiais, representantes das Corporações, dirigentes corporativos e industriais de panificação.

A direcção eleita é constituída pelos srs. Tomé Tavares Dinis, José Correia e Fernando da Conceição Nunes da Trindade.

+ACTUALIDADE religiosa

A questão do celibato obrigatório segundo uma declaração dos bispos holandeses em Coire

O Secretariado dos Bispos Holandeses publicou uma declaração a respeito do Colóquio de Coire (Suíça) que neste momento está a decorrer. Sublinhou o interesse dos seguintes problemas:

— a questão do celibato obrigatório dos padres;

— a participação de sacerdotes na discussão dos assuntos que lhes dizem respeito.

Eis o texto da declaração:

«Os bispos holandeses não podem decidir só por si acerca da admissão de representantes dos sacerdotes no Colóquio, tal como foi pedida por grupos de sacerdotes; mas estão prontos a discutir este pedido com outros bispos em Coire, e a dar-lhes o mais possível de satisfação.

«Os bispos da Holanda sabem que numerosos holandeses, tanto clérigos como leigos, esperam muito desse colóquio, sobretudo no que diz respeito ao celibato obrigatório dos padres.

«Os bispos holandeses aproveitarão a oportunidade — conformes ao voto e às decisões do conselho pastoral de Noordwijkerhout (Outubro 1968) — para se informarem acerca da situação nos diversos países, quanto a esta matéria. Em seguida consultarão os seus colegas, para saber que disposições podem ser tomadas, e como.

«Se estas perspectivas não dão resposta a todas as expectativas, é porque o Colóquio de Coire não pode ser outra coisa, além dum ponto de partida.»

Hans Kung critica o cardeal Daniélou

O cardeal Jean Daniélou — como se sabe — declarou que não tinha «plenamente confiança» na equipa de teólogos responsáveis pela revista internacional *Concilium*. «As orientações deles não me parecem seguras» — declarou o cardeal.

Entrevistado pelo jornal suíço de Zurique *Tages-Anzeiger*, o P. Hans Küng respondeu, nomeadamente:

«Lamento profundamente que um teólogo que dantes escrevia bons livros e durante muito tempo foi considerado em Roma suspeito de heresia, se comporte agora como um inquisidor-mor. Não sei se isso faz parte da dignidade cardinalícia. Mas, no que se refere ao teólogo, é inaceitável que se ataque sem razão nem provas um grupo de confrades, que aliás em boa parte foram peritos do Concílio e são membros da Comissão Internacional de Teólogos.

Penso que são métodos com os quais não podemos continuar a trabalhar. Estas recíprocas acusações de heresia no interior da Igreja deveriam ser evitadas a todo o custo. Quanto a mim, opor-me-ei a qualquer acusação de heresia a respeito dos conservadores; mas temos o direito de nos opor igualmente a que, na Igreja, a teologia «progressiva» seja apelidada de herética.»



Ford à frente em performance Cortina- o carro de corrida com 5 (ou 6) lugares

Impossível? Não, basta perguntar aos que já lutaram contra ele em provas desportivas. 600 vitórias Cortina em 4 anos. Moderno e desportivo, com um impressionante palmarés que prova a sua fibra. Este campeão é também um magnífico carro de família. Por muito boas razões. Espaço

para toda a gente. Um porta-bagagens gigante, sem rival na sua classe. Total facilidade de acesso. Portas traseiras que só abrem pelo exterior, no caso de levar crianças consigo. 4 velocidades sincronizadas. Assentos ricamente estofados. Carpete. Ventilação Aeroflow. Sistema de travões (de disco à frente) com dois circuitos independentes. Coluna de direcção com dispositivo amortecedor. Todo o conforto dos carros mais caros.

O Cortina foi concebido a pensar em si. Escolha o seu Cortina entre os modelos DeLuxe e GT (2 e 4 portas) e Estate Car (5 portas). Não acredita num carro de corrida com 5 (ou 6) lugares? Experimente o Cortina e verá.

Ford Cortina



A SUA DISPOSIÇÃO
NOS CONCESSIONÁRIOS FORD

AUTO BOAVISTA, LDA.
R. da Boavista, 81-B - Telef. 669141

L. MENDES COELHO, LDA.
R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 46147

AUTO RALI, S.A.R.L. - Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 41632
Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 280537 - Capela

CINCO DIAS NO ESTORIL

Dezasseis países concorrem ao I Festival Internacional do Filme Turístico

Mais de quatro dezenas de filmes oriundos de 16 países serão exibidos a partir da próxima terça-feira no edifício do antigo Casino Estoril, integrados no certame organizado pelo

jornal «Publituris» com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol — o I Festival Internacional do Filme Turístico.

Durante cinco dias passarão a concurso 36 produções enviadas de Espanha, Itália, Alemanha Federal, Bélgica, Holanda, Áustria, Inglaterra, Irlanda, Suécia, Suíça, Canadá, México, Brasil e Venezuela, acrescidas de outras sete que são a representação portuguesa. O júri é constituído por Baptista Rosa, Lauro António, Manuel Neves, Augusto Cabrita, Nuno Rocha, Luís Filipe Ros e Albino André.

Entretanto, haverá algumas exhibições extraconcurso: na terça-feira «S. Tomé», de Pascal Angaut, «Albufeira», de António Macedo, e «E era o mar...», de Fonseca e Costa; na quinta-feira «Aguas vivas», de Alfredo Tropa,

«Évora», de Fonseca e Costa, e «Fado», de António Macedo; e finalmente no sábado (dia de encerramento do festival) a curta-metragem «Algarve», de Pascal Angaut.

Como curiosidade anota-se que há vários filmes inscritos pela Direcção-Geral de Turismo, Lufthansa, Viasa e Ibéria.



«Foi tu ressembles a la vie» (letra de Pierre Delande e música de Raymond Bernard) ganha força no «hit-parade» francês da canção graças ao desempenho de Dany Marco dessa balada dolente e calma. Dany Marco, já conhecida da plateia do Casino Estoril, voltará em Agosto a terras portuguesas

AUGUSTO MARZAGÃO EM LISBOA

Vindo de Londres, chegou hoje a Lisboa o director do Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro, sr. Augusto Marzagão, que vem ao nosso País acertar os últimos pormenores para a presença de Maria Valejo naquele certame musical.

Através do empresário Artur Pereira, a direcção do festival brasileiro endereçou convite a quatro compositores no sentido de se escolher uma melodia que se integre no estilo interpretativo de Maria Valejo. Assim, Nóbrega e Sousa, José Mesquita, Manuel Paão e Jorge da Costa Pinto escreveram composições que Augusto Marzagão vem apreciar. Augusto Marzagão participará, ainda, no júri do Festival da Canção da Figueira da Foz.

DIVULGAÇÃO

DO BOM CINEMA

A Sociedade Filarmónica União Artística Piedense realiza, no próximo dia 15, na Cova da Piedade, a 9.ª sessão da «Divulgação do Bom Cinema», na qual será exibido o filme «O Homem da Mala Preta», de Jean Claude Bonnardot, com Laurent Terzieff

Sindicato dos Toureiros

Na segunda-feira, às 19 horas, o ministro das Corporações visita o Sindicato Nacional dos Toureiros Portugueses, onde preside a uma sessão solene, durante a qual será descerrado um seu retrato.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

MONUMENTAL DE CASCAIS

AMANHÃ, 13 de Julho
às 17.30 H. — M/ 6 ANOS

A MAIS FABULOSA CORRIDA DA ÉPOCA

Esta corrida não será televisada

CAVALEIROS

JOSÉ LUPI-LUÍS MIGUEL DA VEIGA

SENSACIONAL COMPETIÇÃO ENTRE OS MAIS DISCUTIDOS TOUREIROS DO MUNDO

«EL CORDOBÉS» PALOMO LINARES

FORCADOS AMADORES DE LISBOA DE NUNO SALVAÇÃO BARRETO



4 TOIROS
DE JOSÉ LUPI
E
4 TOIROS
DE HERDEIROS
DE PAULINO
DA CUNHA E SILVA

TRIUNFADORES DA ÉPOCA



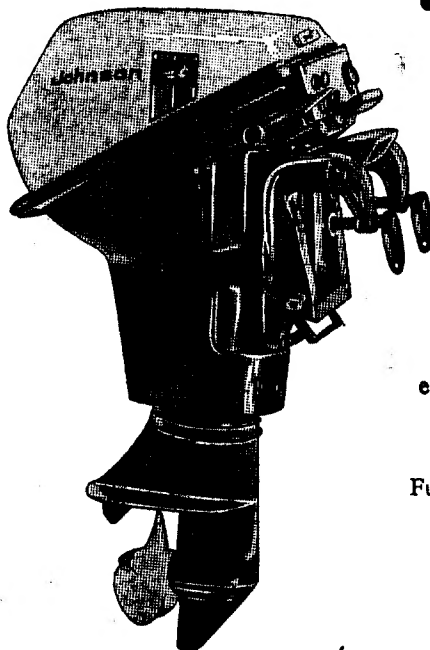
BILHETES À VENDA

NA AG. A B E P — RESTAURADORES — TABAC. FREITAS R. 1.º DE DEZEMBRO, 85 E EM CASCAIS NOS LOCAIS DO COSTUME

OS MELHORES PREÇOS PARA AFICIONADOS SOL, DESDE 50\$00 — S/SOL, DESDE 100\$00 — SOMBRA, DESDE 120\$00 — JUVENTUDE, 30\$00



...o fora-de-borda Johnson de 9,5 CV é ideal para pesca e caça submarina ao longo da costa. Não esqueça: divirta-se com Johnson!



...este é o Johnson de 9,5 cv que navega 80 milhas sem reabastecimento.

Quem disse que todos os fora-de-borda são iguais? O 9,5 CV rebaixado, que se vê na gravura, esclarece-o. Tão versátil como robusto, oferece-lhe sólidas vantagens. 1) Economia pelo comando da ignição e da aceleração. 2) Grande duração do veio do hélice em aço inoxidável. 3) Suavidade pela utilização de amortecedores de vibrações. 4) Funcionamento regular devido à sua carburação. Rendimento? Propulsiona um barco de 4,5 metros a 20 milhas horárias. Funciona suavemente, ao «ralenti», enquanto o peixe procura o anzol. Veja todos os grandes Johnson desde 1,5 CV até 115 CV. Todos com garantia de 2 anos, quando utilizados em embarcações de recreio. Todos apoiados pelo Serviço de Assistência após venda.

Johnson
O símbolo de confiança

Dirija-se ao Distribuidor Exclusivo
NÁUTICA, BELLO & FILHO, S.A.R.L.
Travessa da Praça, 4 (Bélem) Lisboa
Tels. 636154-637970 ou ao Agente local

NA

FEIRA POPULAR de LISBOA

A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»

O ENTUSIASMO É CADA VEZ MAIOR
CADA NOITE CADA SUCESSO

DE TODOS OS PONTOS DO PAÍS ACORREM MILHARES DE VISITANTES PARA SE DELICIAREM NESSE PEQUENO MUNDO DE ATRAÇÕES E CURIOSIDADES, QUE UMA NOITE INTEIRA NÃO CHEGA PARA VER

ABERTURA ÀS 19 HORAS

HABILITE-SE AO SORTEIO DE UMA MOTORIZADA CASAL, OFERTA DA METALURGIA CASAL, DE AVEIRO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO EDEN

TÍTULO — «O Roubo da Pietá» («Operation St. Peter»).

REALIZADOR — Lucio Fulci (1968).

INTERPRETES — Lando

Buzzanca, Jean-Claude Brial, Christine Barclay, Uta Lavka e Edward G. Robinson.

Vejamos: nada temos contra os programas (falamos de programas papel com anúncios, gralhas e «palavras para ler no intervalo») dos diversos cinemas da capital. Normalmente poderiam ser mais bem feitos, mais criteriosos, nos dados apresentados, mais bem escritos. Outras vezes, porém, dão de chapa o que levariamos algum tempo a organizar. Com «O Roubo da Pietá» passa-se isso mesmo. O texto do programa diz quase tudo. Vamos portanto lê-lo em voz alta:

«Só bandidos eram quatro ou cinco ou talvez mais ou talvez nenhum que roubaram num audacioso, inteligente e bem planeado assalto uma estátua no valor de cinquenta milhões de dólares para venderem numa fabulosa e lucrativa transacção pela espantosa quantia de oitenta dólares. Isto é «O Roubo da Pietá».

«O filme de facto narra com uma comicidade irresistível recheada de situações perfeitamente imprevisíveis a história de um «gang» em busca do assalto que lhes irá dar a reforma e a independência económica. As primeiras tentativas naufragam miseravelmente. Na verdade, os desajeitados e improvisados ladrões, com o velho sistema de arrombar a parede do edifício que fica

dem assaltar, vão na primeira tentativa dar a uma esquadra da Polícia e na segunda a uma agência funerária. Não podendo cometer mais erros, decidem-se: Local — Basílica de S. Pedro. Objectivo — A Pietá de Miguel Ângelo.

algo de muito semelhante (e melhor apesar de, mesmo assim, mediocre) com «Operação São Genário». Quanto aos interpretes, haverá a salientar o trabalho de Lando Buzzanca (o James Tont promovido) Jean-Claude Brial e de um grupo de belezas mais ou menos (ou pretensamente) exóticas. Agora sim está tudo dito!

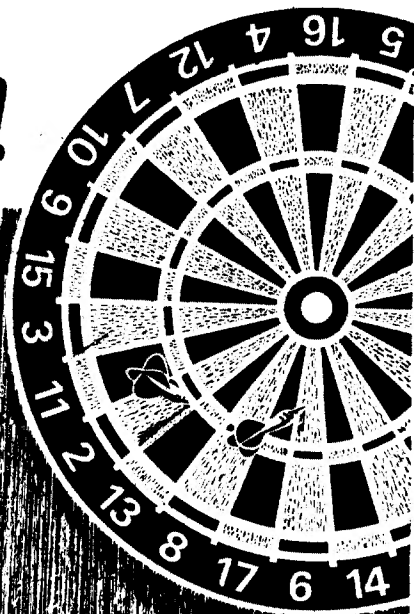
L. A.

Poderosa elegância

Toshiba

vai consigo!

ondas médias
ondas curtas
frequência modulada
estereofónicos



Vasta gama de 12 modelos diferentes

Rádio-gramofone portátil mod. GP-27 DAY

Toshiba RÁDIOS

A venda em todos os bons estabelecimentos e nos Agentes Toshiba

BREQUE

CERVEJARIA — PASTELARIA — RESTAURANTE

ABRE HOJE

MAGNÍFICA PASTELARIA

ÓPTIMA COZINHA AMBIENTE SELECIONADO
RUA BUENOS AIRES, 28 (A ESTRELA) LISBOA

Pepsie

APLAUDA UMA BELA COMÉDIA NO

TEATRO LAURA ALVES

Tel. 86 47 56 — (ADULTOS)
HOJE, 2 SESSÕES:
ÀS 20.45 E 23 H.

3.º MÊS

No elenco

- IRENE CRUZ
- JOÃO LOURENÇO
- ANTÓNIO ANJOS
- GRACA LOBO
- DAVID SILVA

MAIS 10 DIAS

COLISEU

Só HOJE, às 21 e 30

(Maiores 17 anos)

O GRANDIOSO FILME

AMBIÇÃO DE GLÓRIA

com James Mason, George Peppard e Ursula Andras

AMANHÃ
À TARDE E À NOITE
ULTIMAS EXIBIÇÕES



Alfredo Capitani

Vencedor dos CONCURSOS MUNDIAIS de beleza de BERLIM e MADRID. Melhor de LISBOA (Vencedor) e de LISBOA (Finalista) e de outros grandes HOTELS EUROPEUS.

Afirma:

Je 'gin Jockey.
Prodotto che onora l'industria
Portoghese non ha confront
qualcunsi parallelo
Rapitani

DE QUALQUER ÂNGULO

GIN

JOCKEY

É SEMPRE

GIN

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

JOCKEY

"O GIN JOCKEY. Produto que há na Indústria For-
tuguesa (do seu conteúdo) em qualquer paralelo."

GIN JOCKEY

LICORES MUNDIAL, LDA,
RUA DO SÉCULO, 9 - LISBOA



SOLAR DO MINHO

de: EDUARDA MARIA

RESTAURANTE TÍPICO

COZINHA MINHOTA — a cargo de Júlio Reis

FADOS • FOLCLORE

(Gerência Artística de César Morgado)

RUA DO VIGÁRIO, 60 — ALFAMA, TEL. 86 68 11

M/ 17 anos

O voo da Apollo 11

«FAZ BOA VIAGEM DEPOIS NOS VEREMOS»

—será o que a mulher de Collins vai dizer ao marido à partida

por PATRICIA COLLINS

Um exclusivo «Life» — A. E. I.

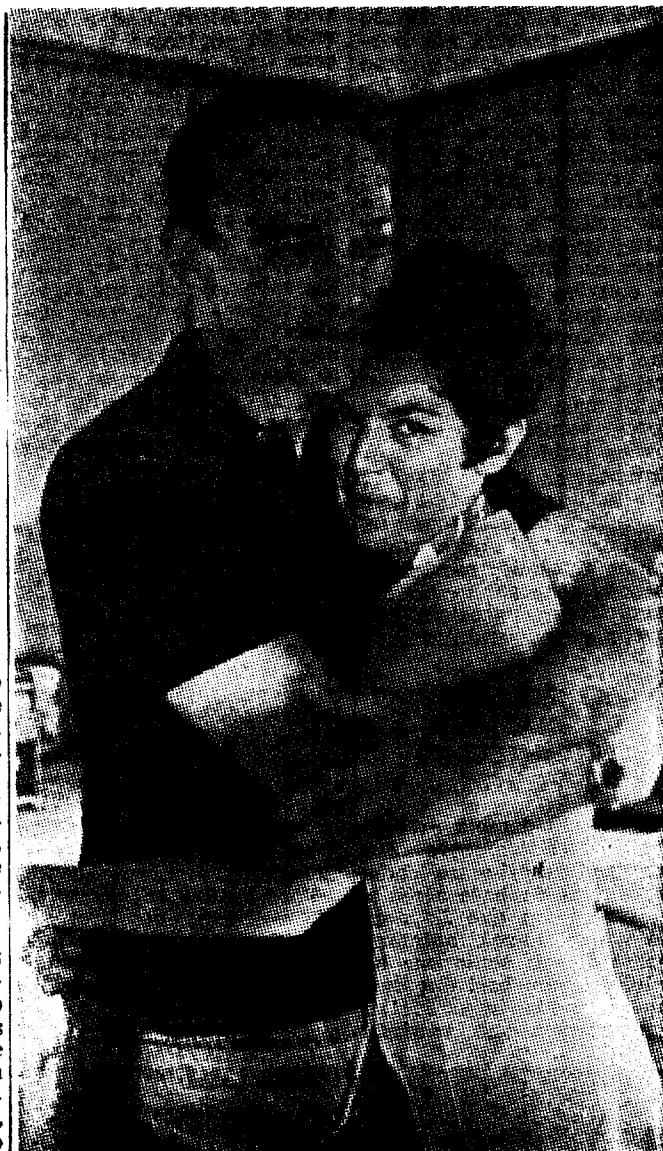
É ENGRAÇADO PENSAR em mim projectando-me nos próximos dias, e ver-me sentada, com os olhos «colados» ao televisor, observando Mike perto da Lua. Sou o género de mulher que habitualmente se senta e ouve os ruídos formidáveis do foguetão pela rádio, porque por nada desejaria ver um desses engenhos ficar reduzido a pedaços mesmo ao pé de mim. Mal ficava com a certeza de que o foguetão tinha abandonado a rampa de lançamento sem novidades, então ligava o receptor de TV e esperava ver imagens das mulheres saindo das suas casas, quando tudo estivesse terminado.

Então, eu já tivera tempo para encarar serenamente a hipótese de que isso poderia suceder. Não que ele discutisse esse assunto comigo e até ficara bastante deprimido com o que sucedera anteriormente. Dizia sempre pensar que estava eliminado nas provas e apenas debatia o problema consigo mesmo. «Esperem até eu contar o que se passa à Pat, ela vai ficar terrivelmente surpreendida». Não penso, no entanto, que lhe tenha ocorrido a ele, em primeiro lugar, que isso ia alterar por completo a nossa maneira de viver. Não se preocupou, creio bem, muito com o assunto. A primeira coisa que me aconteceu,

logo após Mike ter sido seleccionado, foi ter de voar para Houston, com instruções expressas para procurar um lote de terreno próximo do Centro Espacial e arranjar um arquitecto e um construtor que, respectivamente, planeasse e construísse a nossa nova casa.

Mike tinha a firme certeza de que eu seria capaz de me sair bem da incumbência, tratando de tudo o melhor possível. Uma das coisas que sempre me ocorre, quando penso em meu marido, é aquela segurança perante a vida, aquela certeza de que tudo correrá bem, de que tudo

(Continua na página seguinte)



Pat e Mike Collins num momento de ternura na cozinha da sua casa

Estávamos a viver na Califórnia nessa altura, e o Mike encontrava-se em operações de treino de combate, na Base Edwards, pertencente à Força Aérea. Ele sentia-se extremamente feliz nesse trabalho e dispunhamos de um verdadeiro lar. Estava há dois anos nesse serviço, e o facto para nós representava um período de relativa calma. Todo o nosso tempo de casados, na verdade, fora passado em deslocações de uma base para outra, com permanências de cinco ou seis meses nos locais. A circunstância de, por uma vez, arranjarmos poiso certo, subiu-nos à cabeça, de certo modo, e, rapidamente surgiram dois bebés. Foi nessa época, aliás, que eu comecei a ouvir falar no programa espacial e, consequentemente, na selecção de homens para novos astronautas. Não me habituava ainda à ideia, quando Mike se sujeitou às provas para que fora superiormente designado, no segundo grupo de astronautas, e não foi aprovado.

ESCOLHIDO A TERCEIRA

Mas surgiu uma terceira selecção, e dela resultou a escolha de meu marido.



O astronauta Michael Collins, que ficará aos comandos do módulo lunar, enquanto os seus colegas Neil Armstrong e Edwin («Buzz») Aldrin serão os pés na superfície da Lua. Sua mulher Janet iniciou hoje uma série de artigos escritos pelas esposas dos cosmonautas da Apollo 11

UM BOCADINHO DE LUA

CONTARÁ A HISTÓRIA DO SISTEMA SOLAR?

por W. A. SWARTWORTH

Exclusivo «Washington-Post» «D. L.»

Apesar de séculos de estudo e apesar de o Homem estar prestes a desembarcar na superfície da Lua, o nosso satélite continua a ser, em larga medida, um enigma.

Os cientistas traçam já um mapa da Lua, surpreendentemente pormenorizado, graças a um número imenso de fotografias conseguidas por engenhos espaciais. Conhecem muitas das suas características físicas e são capazes de traçar um esquema dos seus movimentos celestes, com grande perfeição. No entanto, as questões realmente cru-

ciais, continuam sem resposta.

Donde veio a Lua? Que idade tem e como evoluiu? Que forças modelaram a sua superfície? Qual a sua composição e estrutura interna? Haverá nela alguma forma de vida?

Eis alguns dos enigmas com que deparam os estudiosos da Lua. O programa Apollo dos E. U. A. irá certamente ajudar a resolver, pelo menos parcialmente, alguns destes enigmas.

De acordo com o que presentemente se crê, a Lua é um astro do sistema solar, cuja superfície não tem sido modificada, des-

de a sua formação, nem por factores meteorológicos nem por factores erosivos. E, por isso, o estudo da sua origem e das suas propriedades físicas e químicas poderia contribuir significativamente para que o Homem viesse a compreender a origem e a história inicial da Terra e de todo o sistema solar.

O PRIMEIRO PASSO FOI DE GALILEU

O dr. Harold C. Urey, da Universidade da Califórnia, um dos cientistas lunares mais notáveis do mundo e Prémio Nobel, observou: «Dêem-me um pequeno pedaço da Lua e serei capaz de contar a história do sistema solar».

(Continua na página seguinte)

Depoimento das mulheres dos astronautas

(Continuação da pág. anterior)

«funcionará» convenientemente.

A princípio, a nossa vida de casados foi, para mim, como ver surgir um mundo novo. Eu nascera em Boston e ali fora criada como um dos oito filhos de Joseph e Júlia Finnegan. Todas as pessoas minhas conhecidas, invariavelmente, eram ou advogados ou padres. O meu pai era advogado e político, os meus irmãos também haviam escolhido o Direito e — convém dizer — os rapazes que me acompanhavam também. Foi então que, de repente, me encontrei a trabalhar em França, numa base operacional da Força Aérea, rodeada por jovens habituados a experimentar as velocidades incríveis dos «jactos», e a falar constantemente, usando as mãos para explicar os arrojados movimentos dos seus aviões no espaço. Todos pareciam tão jovens e desprendidos...

APRECIADOR DE BOA MESA E BOA CECILIA DE VINHOS...

Mike não parecia evidenciar-se relativamente dos outros. Conheci-o no clube de oficiais da base aérea e na altura em que fiz uma coisa que nunca anteriormente fizera: sentar-me ao balcão de um bar! Em Boston ser-me-ia impossível e nem mesmo me passaria

pela cabeça fazer tal coisa. Lembro-me perfeitamente de, naquela noite em que travámos conhecimento, ele me ter perguntado se eu gostaria de ir até à cidade mais próxima comer uma refeição tipicamente francesa. Isso correspondia exactamente aos meus desejos e por isso deliciava-me ter encontrado uma pessoa com o mesmo pensamento. Aliás, Mike era muito entendido em comidas e o mesmo sucedia no capítulo dos vinhos. Filho de militar, vivera em muitos países, e deles me resolveu falar — e de uma maneira bastante atraente — naquela nossa primeira noite. Possuía o dom da palavra, aliás, e conseguia debruçar-se sobre qualquer assunto que o interlocutor lhe propusesse quer a conversa versasse ficção, poesia ou teatro. Eu achava-o engraçadíssimo, e nunca me ocorrera que uma pessoa pudesse albergar em si tantas qualidades.

Para mim, estar em França constituía, antes de mais nada, uma surpresa. Eu frequentara a Faculdade de Emmanuel, um estabelecimento católico de ensino, existente na minha cidade natal. Diplomei-me em Inglês e sempre quis escrever ou dedicar-me ao ensino. E ainda acalentava essas ambições!

Para ajudar ao pagamento das despesas escolares, eu trabalhava em obras sociais durante as férias de Verão, mais precisamente na secção de crianças. Mal me diplomei, portanto, resolvi in-



Mike e Pat Collins divertem-se no pátio da sua casa com seus filhos (Ann, Mike e Kate) e o seu cão pastor alemão «Dubhe»

gressar nesse emprego com suntuosos respeitantes a mães solteiras. Assim, tinha de as visitar todos os meses e observar quais os problemas com que elas se debatiam desde as questões de

saúde até às dificuldades monetárias.

DE ASSISTENTE SOCIAL A FUNCIONÁRIA DA FORÇA AÉREA

Quando penso nesses tempos, afligo-me, pois estou hoje particularmente habilitada a sentir tudo isso melhor, dada a minha condição de mãe. Nessa altura, porém, eu tinha 21 anos apenas e saíra há pouco da Faculdade... Mas as mães que eu visitava tomavam-me a sério! Esse foi, portanto, o meu emprego durante dois anos e meio. Eu poupava o máximo para poder empreender a sonhada viagem à Europa. Coleccionava brochuras e escrevia cartas para me informar das possibilidades. Ora, isso levou-me a supor que, numas férias de três semanas, eu não poderia, nem por som-

(Continua na página seguinte)

A COLHEITA DO SOLO LUNAR PARA ANÁLISE CIENTÍFICA

(Continuação da pág. anterior)

Os astronautas da «Apollo 11» darão esse «pequeno pedaço». O dr. Urey e

outros especialistas podem então começar a fornecer as respostas aos segredos milenares da Lua.

Desde os tempos mais recuados que o Homem tem contemplado a Lua com espanto e curiosidade. Alguns atribuíram-lhe poderes místicos e chegaram mesmo a temê-la e a venerá-la como a um deus. Outros mediram o tempo e fizeram as sementeiras, regulando-se pela sua face inconstante. E os líricos e os poetas desde sempre se inspiraram nela.

Só nestes últimos 350 anos é que uma certa ordem começou a emergir do caos de mitos e erradas informações que rodeava o único satélite natural da Terra.

Galileu deu o primeiro passo em frente, em 1610, quando apontou o seu tosco telescópio para a Lua e descobriu que a superfície do satélite «não é plana, uniforme e perfeitamente esférica», como muitos filósofos julgavam, mas sim irregular, acidentada e cheia de cavidades e sinuosidades, não sendo diferente da face da Terra...

OS MARES SELENITAS

Dai em diante, os estudiosos da Lua aperfeiçoaram os seus instrumentos e técnicas e granjearam um considerável — ainda que evidentemente incompleto — somatório de conhecimentos. Estava reservado aos cientistas da Era Espacial virem preencher imensas lacunas, trabalho que está a ser rapidamente acelerado.

A vista desarmada, a Lua surge como um globo liso e prateado com grandes retalhos negros, que a mente pode compor em figuras tão fantasiosas como a do «homem na Lua».

As fotografias feitas pelos astronautas revelam uma paisagem agreste e medonha de montanhas, e

uma confusão de *highlands* e planícies desertas e crateras — milhares e milhares de crateras, grandes e pequenas, tão numerosas que, muitas vezes, se sobrepõem.

As regiões brilhantes que se vêem da Terra são as «terras» mais altas; as áreas escuras são bacias, a nível relativamente baixo, chamadas maxes, designação, que reflecte a ideia vigente no século XVII de que essas zonas seriam aquáticas.

ASTERÓIDES PESADOS

A maior parte dos cientistas entende que os principais acidentes lunares foram modelados por uma combinação de vulcanismo e quedas de meteoros, mas há um grande desacordo quanto à importância de cada um desses factores.

Pensa-se que pesados asteróides escavam os mares, que, há longínquos tempos, estavam cheios de lava ou cinzas vulcânicas. Os mares ocupam larga porção da face visível da Lua, mas, por singular coincidência, a face oculta da Lua apresenta muito poucos e todos relativamente pequenos.

Os astronautas da «Apollo 11» projectam alunar no Mar da Tranquilidade (*Mare Tranquillitatis*) (1), no lado mais próximo, a cerca de 18 milhas (29 quilómetros) do local onde poeou o engenho espacial americano «Surveyor 5».

BASALTO COMO NA TERRA

O «Surveyor 5», equipado com aparelhagem nuclear miniaturizada, chegou à Lua a 10 de Setembro de

1967 e procedeu à primeira análise química *in loco* de um corpo extraterrestre. Descobriu que o material básico analisado era basalto, uma rocha de origem vulcânica, bastante vulgar na Terra.

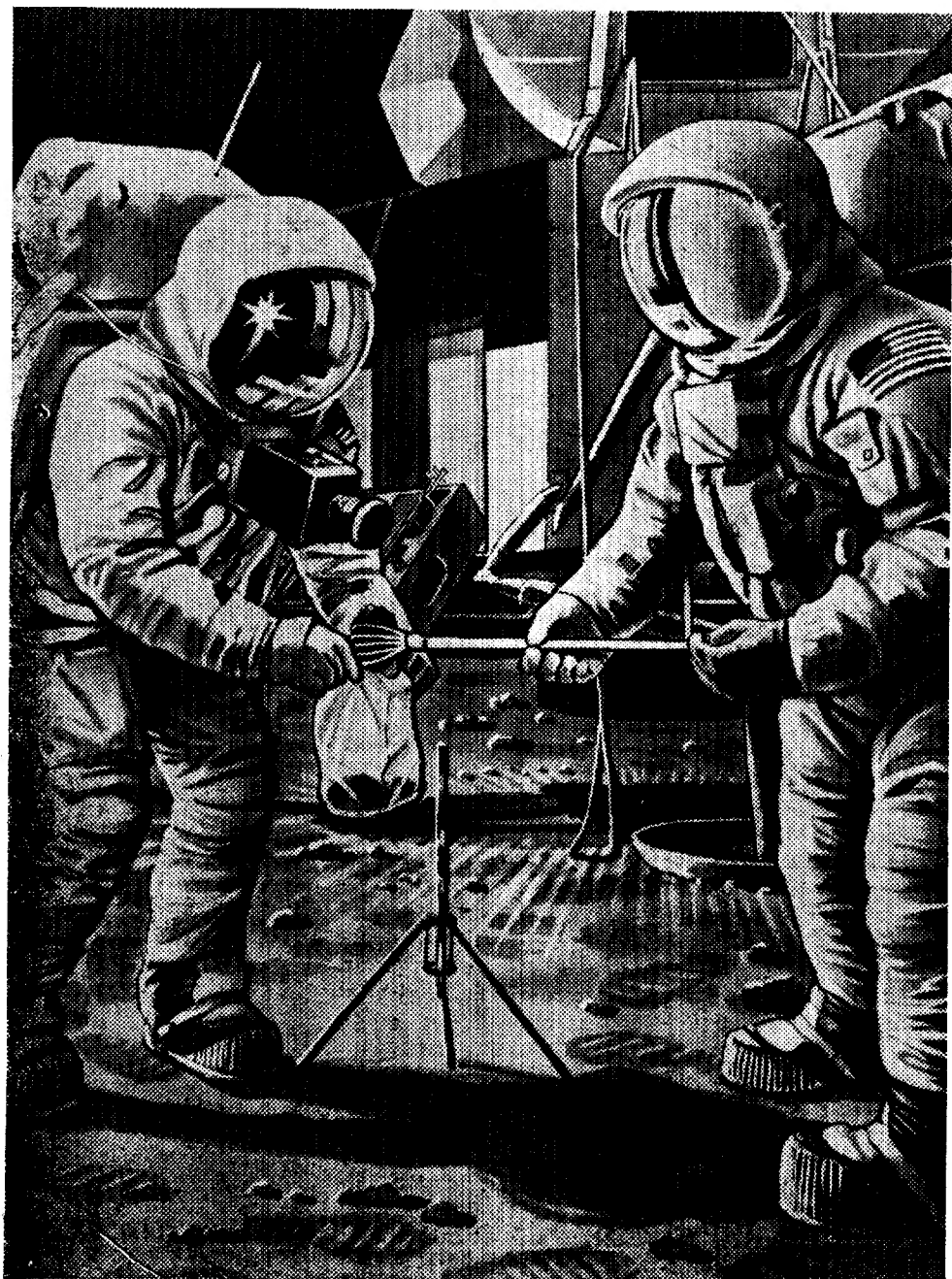
Os cientistas concordam geralmente que a superfície lunar é coberta por um material cinzento, granular, ligeiramente coesivo e não muito diferente da finíssima areia dos rios. Os testes revelaram que esse material pode aguentar com um peso considerável.

(1) Em 1651, Giovanni Riccioli arranhou a designação de Mar da Tranquilidade, presumivelmente por esse «mar» parecer tão sereno. Agora, passados 318 anos, o Homem está prestes a pôr pé nessa planície, que — como hoje o Homem sabe — conheceu sempre uma existência bravia e tormentosa.

COMBOIOS ESPECIAIS PARA O TRANSPORTE DE TRABALHADORES PORTUGUESES NO ESTRANGEIRO, QUE VEM PASSAR FÉRIAS A PORTUGAL

Comunica-nos a C. P. que para transporte, em 2.ª classe, de trabalhadores portugueses que vêm passar férias a Portugal por em circulação, no período de 26 de Julho a 3 de Agosto, comboios especiais com partida de Irun, respectivamente às 10-50 (a), 16-20 (b) e 23-55 (c), e chegada a Pampilhosa às 4-14, 8-18 e 17-32, a Porto (Campanhã) às 7-10, 11-00 e 21-35 e a Lisboa (Santa Apolónia) às 8-27, 12-40 e 21-28 horas.

- (a) — Dias 26 e 27 de Julho e 1, 2 e 3 de Agosto.
- (b) — Dias 26 e 31 de Julho e 1, 2 e 3 de Agosto.
- (c) — Dias 26 de Julho e 2 de Agosto.



A gravura ilustra a cena que se passará na Lua, dentro de dias, quando os astronautas Neil Armstrong e Edwin («Buzz») Aldrin recolherem 50 quilos do solo lunar

Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

LANÇAMENTO DA APOLO 11

Ensaio das manobras de acoplagem e separação

CABO KENNEDY, 12 — (R.) — Os dois astronautas, que descerão com o módulo lunar «Agua» no satélite da terra dentro de oito dias, ensaiavam hoje duas das fases mais críticas da sua missão.

Neil Armstrong e Edwin Aldrin projectam passar a maior parte do dia no simulador do módulo lunar fazendo manobras de acoplagem e de separação do «Columbia», a nave espacial, que os conduzirá para uma órbita em redor da Lua.

Os dois e o seu companheiro Michael Collins serão lançados de Cabo Kennedy às 9.32 horas locais (13.32 TMG) de quarta-feira 16 de Julho para a Lua. Em 20 de Julho, descerão Collins o «Columbia» e desembarcarão no Mar da Tranquilidade, na Lua, para se tornarem os primeiros homens a visitar outro mundo.

Collins deverá passar o dia a pilotar um jacto de treino «T-38» em exercícios de treino de voo.

Os três astronautas encontravam-se ontem em condições físicas perfeitas para o voo, após um exame médico que durou toda a manhã.

Na rampa de lançamento, técnicos instalaram entretanto o sistema de ignição do primeiro andar do foguetão de três e começaram a ligação do equipamento eléctrico a bordo do «Columbia».

Uma pequena avaria registou-se no sistema de

arrefecimento da «Agua» durante o dia de ontem, quando pequenos cristais foram encontrados na solução que circula no sistema. A solução foi substituída e os cristais desapareceram.

Uma fuga num tubo de nitrogénio foi, também, descoberta, mas foi reparada mais tarde. A fuga não se registou no foguetão, mas no equipamento da rampa de lançamento.

A primeira pausa marcada de 12 horas na contagem decrescente de 93 horas começou a noite passada. A contagem recomeçará de novo às 11 horas locais (15 TMG) de hoje.

O «HORNET» PARTIU PARA O PACÍFICO

HONOLULU, 12 — (R.) — O porta-aviões norte-

-americano «Hornet» que irá recolher os três astronautas da missão «Apollo-11» partiu de Pearl Harbor hoje de manhã com rumo à zona onde irão cair os astronautas, no Oceano Pacífico.

Os preparativos finais terminaram na quinta-feira tendo sido ensaiada a unidade móvel onde os astronautas ficarão isolados durante 21 dias.

O local previsto para a descida está situado a cerca de mil milhas de Honolulu junto ao Equador.

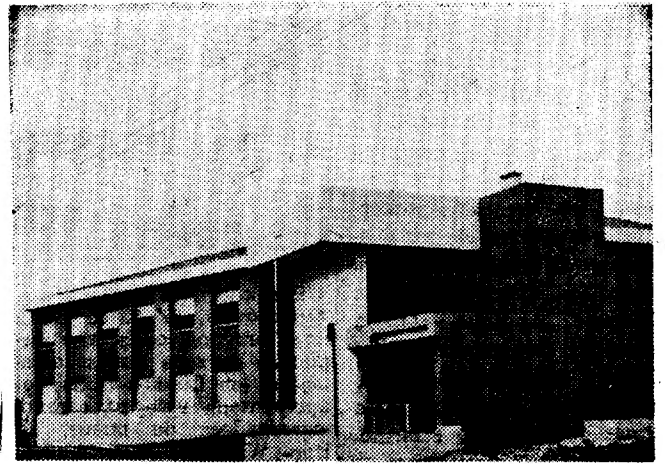
ACONTECIMENTO SENSACIONAL

LONDRES, 12 — (R.) — Espera-se que o lançamento para a Lua da «Apollo-11» consiga a maior assistência de uma transmissão directa de televisão, ultrapassando, nesse aspecto,

qualquer acontecimento sensacional que se tenha registado até à data.

Está planeada uma cobertura massiva pela televisão, rádio e imprensa na maior parte do mundo. As poucas excepções são os países sem TV e algumas nações comunistas, incluindo a China.

A Venezuela declarou o dia 21 de Julho como feriado público devido ao desembarque lunar ser «de grande importância para a história da Humanidade». A Corporação Italiana de Radiodifusão projecta efectuar uma emissão contínua de televisão durante 25 horas, transmitindo as fases cruciais da missão, enquanto se espera que mais de três quartos da população total do Japão e da Suécia assistam ao acontecimento.



Aspecto do novo posto clínico das Caixas de Previdência, hoje inaugurado em Pero Pinheiro

MAIOR REMUNERAÇÃO AOS MÉDICOS DA PREVIDÊNCIA E MELHORIA DOS SERVIÇOS — PROVIDÊNCIAS ANUNCIADAS PELO MINISTRO DAS CORPORACOES

Esta tarde, o ministro das Corporações inaugurou, em Pero Pinheiro, o novo edifício do posto clínico daquela Federação, que ficará a servir nove mil pessoas, com dez médicos.

Na sessão inaugural, falaram, além do dr. Gonçalves de Proença, os presidentes da Federação das Caixas e do Sindicato dos Operários da Indústria de Mármore e Cantarias.

Na inauguração, o ministro das Corporações anunciou a criação, até ao final do ano, em Lisboa, de 7 novos postos de Clínica Médica da Previdência (Ajuda, Benfica, Lumiar, Sete Rios, Marvila, Penha de França e Santa Catarina), e 2 novos postos de especialidades.

Estão igualmente em estudo medidas destinadas a melhorar as condições de prestação e remuneração dos serviços médicos e de enfermagem; a simplificar e facilitar a utilização dos Serviços pelos beneficiários, e a aumentar a cooperação com os Serviços já existentes.

Novo posto em S. Pedro do Estoril

Na segunda-feira, começa a funcionar, em S. Pedro do Estoril, um posto clínico da Federação das Caixas de Previdência, em edifício adaptado para o efeito. Servirá dez mil pessoas (clínica médica e especialidades mais correntes), dispondo de dez médicos.

DEPOIMENTO DE PAT COLLINS

(Continuação da pág. anterior)

bras, realizar os meus desejos. Um dos meus amigos conhecia uma rapariga que recrutava civis para irem trabalhar na Europa. Um dia, resolvi avistar-me com ela. Dez dias mais tarde, estava contratada pela Força Aérea para trabalhar no sector das actividades recreativas, com os braços cheios de fotos e pensando no que ia acontecer. Fui para a Europa num transporte de tropas e estacionei na Base Aérea de Chambley, próximo de Nancy. Corria o ano de 1955. Não existia clube ou programa, ou qualquer espécie de começo. Somente uma bibliotecária, uma estenógrafa — nunca cheguei a perceber muito bem para quê —, uma rapariga, que devia ser quem me chefiaria, e eu. Resolvemos tudo e conseguimos montar um clube. O logo do «bingo» constituía grande atracção nesse tempo. Pouco a pouco, os pilotos começaram a aparecer no nosso clube, alguns acompanhados pelos respectivos familiares, e começámos a ter de dirigir (mais do que um clube para militares) um centro de reunião de uma pequena comunidade. Tinhamos aulas de bailado e piano para as crianças, ajudávamos as mães no que podíamos e estávamos em excelentes relações com a população da aldeia vizinha. Esta compunha-se de 40 pessoas e... 4000 galinhas. O francês que eu aprendera na faculdade não era muito bom, mas teve de servir!

UM CASAMENTO DIFÍCIL

Eu e Mike passámos tormentos para nos podermos casar. E isto porque o sistema burocrático estava extraordinariamente dificultado, com vista a «proteger» um militar americano que

quisesse desposar uma francesa. E não existiam quaisquer regulamentos prevenindo o caso de um militar americano que pretendesse casar com uma americana! Corri, durante meses, de um departamento para o outro, tentando obter todos os documentos necessários. Fomos casados, finalmente, pelo «maire», no «hotel de ville». A cerimónia, claro, foi falada em francês e o «maire», olhando-nos, «avisou»: «Digam sim». A assistência resumia-se às nossas duas testemunhas e aos dois porteiros do edifício, de botas e sobretudo, com os bonés na mão. Mais tarde, tivemos uma cerimónia católica, na capela da Força Aérea.

Há cerca de dois anos, casámos novamente na mesma cidade! Mike e David Scott foram enviados a Paris, pela NASA, para participarem no festival aeronáutico e houve alguém que se lembrou de contar que nós havíamos casado em França. As autoridades da localidade onde a cerimónia decorreria, ao saberem do caso, pediram-nos para lá voltarmos. Fizemos-nos uma grande surpresa! Em poucas palavras: acolheram-nos como se voltássemos a casa depois de uma longa ausência. Nessa altura, já a base aérea se encontrava fechada, mas todos os habitantes da localidade nos proporcionaram uma extraordinária cerimónia de casamento, com música e flores e uma recepção a que compareceram duzentas ou trezentas pessoas. Não sei — confesso — de onde saiu tanta gente. Fomos em procissão através das ruas, com as crianças da escola a cantar. Foi algo de inesquecível. Olhei para os velhos amigos e as crianças, e comeci a ter saudades dos meus filhos, não conseguindo referir as lágrimas. Mike também estava extraordinariamente comovido.

Nenhum dos nossos três filhos esteve ainda na Eu-

ropa, pois há que esperar que eles tenham idade suficiente. Além disso, temos muito tempo para os levar conosco neste género de viagens. Kathleen tem 10 anos agora, Ann 7 e Michael 6. Dedicam-se às actividades normais dessas idades, tais como escutismo, campismo, natação e lições de música. No Verão, quando não têm escola, passo a maior parte do tempo a servir-lhes de motorista. Tento treiná-los, por outro lado, a ajudar nos trabalhos caseiros, e são eles sempre quem cozinha o pequeno-almoço de sábado, enquanto eu tomo duce. Mike prepara a linguça, Kate — que tem grande jeito para engenhocas (é a única pessoa capaz de consertar o gravador) — faz as panquecas, e Ann também ajuda como pode.

OS FILHOS INTERESSAM-SE PELA VIAGEM DO PAI

A última vez que Mike voou, numa cápsula «Gémeos», as crianças eram demasiado jovens para saberem o que se passava. Estavam longe do «tumulto». Desta vez, porém, eles parecem ter consciência do que se passa. Seguiram interessadamente os voos «Apollo», e estudaram assuntos relacionados com o empreendimento na escola. Eu gosto que eles se interessem por estes problemas, e sobretudo por este voo, que vai tornar-se realidade, dentro de dias, mas também desejo que tudo isso decorra numa posição de equilíbrio, sem excessivos entusiasmos. Sou uma pessoa muito gregária, mas

necessito, por vezes, de me isolar, de tudo e de todos, por meia hora ou mesmo por um dia inteiro. Gosto de me afastar para um sítio qualquer e ler um pouco, e talvez por isso desejo que os meus filhos desfrutem de idêntico privilégio, dispondo de oportunidade para se desanuviam, durante o voo do pai. Todos nós estamos condicionados pelo acontecimento e já o vivemos em planos há muito tempo. Mike está muito excitado com tudo isto, e sei exactamente o que ele fará. Telefonar-me-á e dirá qualquer coisa como: «Valer formidável, tenho boas vibrações sobre o assunto». E quer que eu lhe responda: «Faz boa viagem. Depois nos vemos!».

IATE INGLÊS EM PERIGO A TRÊS MILHAS DO CABO DE S. VICENTE

Pela Estação Radionaval de Sagres, que acompanha o caso, foi captado um pedido de socorro de um iate inglês que se encontra em perigo. O iate chama-se «Scottish Lair», de 54 toneladas, e indicou ser a sua posição 3 milhas a ocidente do cabo de S. Vicente.

Para aquele local dirigia-se a vedeta «Azevia» e entretanto foi lançado um apelo à navegação no mesmo sentido. Porém, as primeiras embarcações que chegaram ao local indicado, não encontraram quaisquer vestígios do iate — o que permitirá talvez fazer supor que tenha havido lapso na indicação da posição correcta do barco. Prosseguem as buscas para tentar localizar o iate em perigo.

Entretanto, a vedeta «Azevia», à saída de Faro, encontrou mar de levante e teve de voltar para trás. Foi enviada para colaborar nas buscas a fragata «Hermes» do gado Capelo. Foi também dada a colaboração do Centro de Buscas e Salvamento da Portela, tendo igualmente saído para o local um avião.

Vivenda assaltada em plena luz do dia

Em plena luz do dia, ao fim da tarde de ontem, foi assaltada uma vivenda situada na Avenida Gago Coutinho, n.º 135. Os assaltantes furtaram objectos e libras em ouro no valor de 12 000 000. O caso foi comunicado para a 33.ª esquadra da P. S. P. Polícia Judiciária, que iniciou já as investigações tendentes ao esclarecimento.

Dois pedidos de extradição do Governo português ao Supremo Tribunal do Brasil

BRASÍLIA, 12 — (A.N.I.) — Dois pedidos de extradição, apresentados pelo Governo de Portugal, deram entrada no Supremo Tribunal Federal.

Os pedidos referem-se a Olympio Artur Martins, português já naturalizado brasileiro e usando no país o nome de Simões Lopes, acusado de homicídio na pessoa de sua esposa, Maria dos Anjos, e Pedro Manuel Nunes Valença, contra o qual pesa a acusação de burla.

A data para julgamento dos dois pedidos de extradição ainda não foi marcada, dado que o Supremo se encontra em férias.

EM TRÊS LINHAS

Foi fretado o paquete «Vera Cruz», a partir de 31 de Julho de 1969, para transporte de tropas e material de guerra.

O «Diário do Governo» publica o contrato da exploração de jogos de azar, em Espinho, com a Crudeaspinho — Sociedade de Empreendimentos Turísticos.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

Festa em honra de S. José Operário

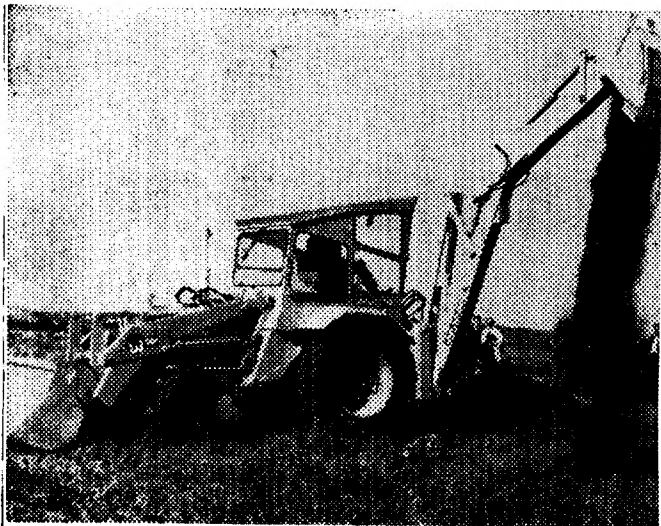
—Principiam hoje nesta localidade, que tem sido percorrida por grupos de «zés pe-reiras» e «gigantones» as festas em honra de S. José Operário. A noite, com a presença do presidente da Câmara Municipal da Moita, haverá um concerto pela banda da Sociedade Filarmónica Perpétua Azeitonense e exibição do rancho folclórico «Os Camponeses» da Casa do Povo de Riachos. Amanhã efectua-se uma procissão e outros actos religiosos.

Apresentada a pá escavo-carregadora de rodas Whitlock

Por iniciativa da Technicar, Automóveis, S. A. R. L., e nos terrenos onde vão erguer-se as suas novas instalações, em Linda-a-Velha, foi apresentada uma pá escavo-carregadora de pneus, do tipo Whitlock modelo 308, representada por aquela empresa. Trata-se duma máquina versátil e de grande potência e a sua capacidade de trabalho permite-lhe a abertura de valas de meio metro a metro e meio, mediante a

utilização de pás ou baldes dentados e o fim a que se destinem: tubos de água, gás ou esgotos.

Receberam os convidados, entre os quais se encontravam representantes dos órgãos de informação, os srs. Carlos Marta, pela administração e eng.º Rui Ildefonso, chefe do departamento de maquinaria da Technicar, que prestou esclarecimentos sobre a máquina, manobrada pelo técnico inglês sr. Roger



A máquina executando as demonstrações

Foot, que para o efeito se deslocou expressamente ao nosso País. Dotada com um

motor Ford de três cilindros, desenvolvendo a potência de 62 HP a 2.200 r.p.m. e uma caixa com oito velocidades para a frente e duas para trás, as evoluções da máquina foram acompanhadas com muito interesse.

A LOTARIA DE ONTEM

Terminou ontem, o ciclo de lotarias especiais, que decorria desde o princípio do mês passado, com o sorteio da designada lotaria especial de Julho. As lotarias que vão seguir-se são do plano popular, com títulos de custo mais reduzido e maior número de prémios aos grupos de alargamentos finais. Nesta especial de Julho voltaram a aparecer «cautelos» em duodécimos e a «taluda» foi de 4800 contos, que contemplaram o bilhete do n.º 32 955. Os 2.º e 3.º prémios couberam, respectivamente, aos n.ºs 29 987 e 33 319, premiados com 420 e 240 contos. Foram ainda extraídos 32 prémios de doze contos.

Na próxima sexta-feira a «taluda» da lotaria popular é de quatro milhões de escudos e o número total de bilhetes com direito a prémios ascende a 8733.

Adorni corre amanhã a prova Lisboa-Porto

A ligação Lisboa-Porto, em bicicleta, uma «clássica» da velocidade portuguesa, disputa-se amanhã.

A partida está marcada para as 8 horas da 2.ª Circular do Campo Grande e o percurso da prova até ao Estádio das Antas, onde está instalada a linha de chegada e é o seguinte:

Sacavém, Vila Franca de Xira, Carregado, Alenquer, Ota, Cercal, Caldas da Rainha, Alcobaca, Batalha, Leiria, Pombal, Condeixa, Coimbra, Mealhada, Agueda, Albergaria-a-Velha, Oliveira de Azeméis, S. João da Madeira, Carvalhos, Gaia (tabuleiros inferiores da Ponte D. Luís), Avenida Marginal, Freixo, Estrada da Circunvalação e Avenida Fernão de Magalhães. Durante o trajecto estarão instalados dois postos de reabastecimento: um a seguir à Batalha e outro frente à Fábrica Famel, nas Mouriscas.

No Estádio das Antas os estradistas darão duas voltas à pista, contando, para efeitos de classificação a segunda passagem pela meta.

A corrida tem este ano novos motivos de valorização: a presença do campeão do mundo de estrada Vittorio Adorni e da equipa italiana da S. C. I. C., além dos mais valorosos corredores portugueses.

Difícil se torna fazer um vaticínio quanto ao vencedor da competição Homens como Leonel Miranda, Fernando Mendes, Mário Silva e Emiliano Dionísio (que venceu o último Porto-Lisboa)

têm o natural desejo de inscrever o seu nome na lista dos vencedores em confronto com os experimentados corredores transalpinos. Mas outros ciclistas jovens, esperando sempre uma oportunidade, podem animar extraordinariamente a prova e arrebatá-la até o triunfo. José Luís Pacheco e Manuel Mestre podem bem, vir a ser os vencedores desta Lisboa-Porto, de excelentes perspectivas.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR

Foi hoje inaugurada, no Externato Sá de Miranda, na Rua Alexandre Braga, 17, uma exposição escolar, de trabalhos executados pelos alunos da Secção Primária e do Ciclo Preparatório, durante o último ano lectivo.

São cerca de 600 os trabalhos expostos, enquadrados nas exigências dos respectivos programas oficiais. Evidenciaram-se os realizados nas actividades circun-escolares do Colégio, utilizando as mais diversas técnicas e diferentes materiais, a traduzirem bem o que é a educação pela arte.

Esta exposição, que merece ser visitada, estará patente ao público até meados de Setembro.

CIRCUITO DE VILA REAL

GRUPO I

5.º DA GERAL

1.º DA CLASSE

SUJEITO A HOMOLOGAÇÃO OFICIAL

GRUPO V

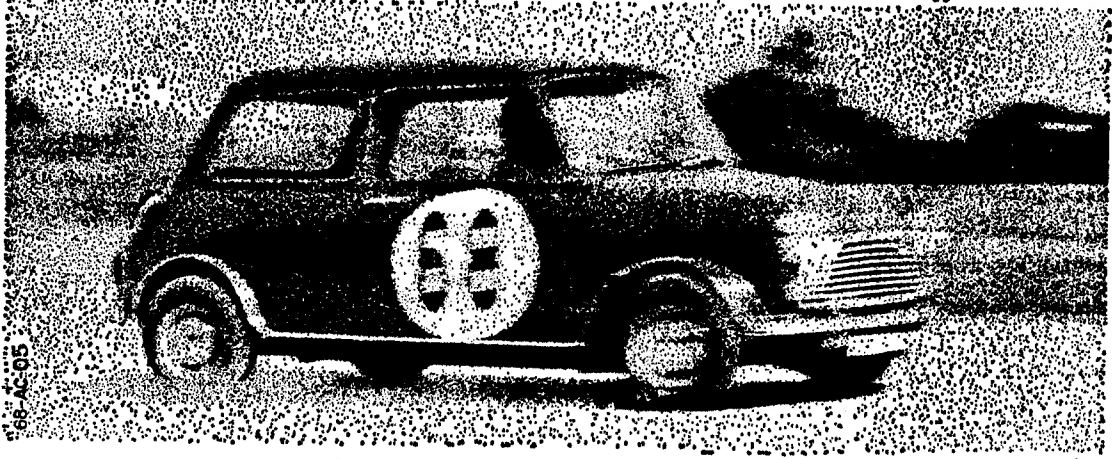
(TURISMO ESPECIAL)

4. DA GERAL

1.º DA CLASSE

CONDUZIDO POR FERNANDO BAPTISTA

AUSTIN COOPERS[®] MK II



DIST. GERAIS J.J. GONÇALVES SUCRS. S.A. R. L. LISBOA-PORTO
ÉVORA-BRAGA-SANTARÉM-MATOSINHOS-AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

ITAU

INSTITUTO TÉCNICO DE ALIMENTAÇÃO HUMANA

Direcção de JÚLIO ROBERTO

CURSOS DE ALIMENTAÇÃO RACIONAL

—ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES—

Informações na:

Av. da República, 46-A, r/c., Esq.º—LISBOA
Telefones: 763307, 763201 e 763283

Stop! Sr. Automobilista não passe ao largo!...

-morrison

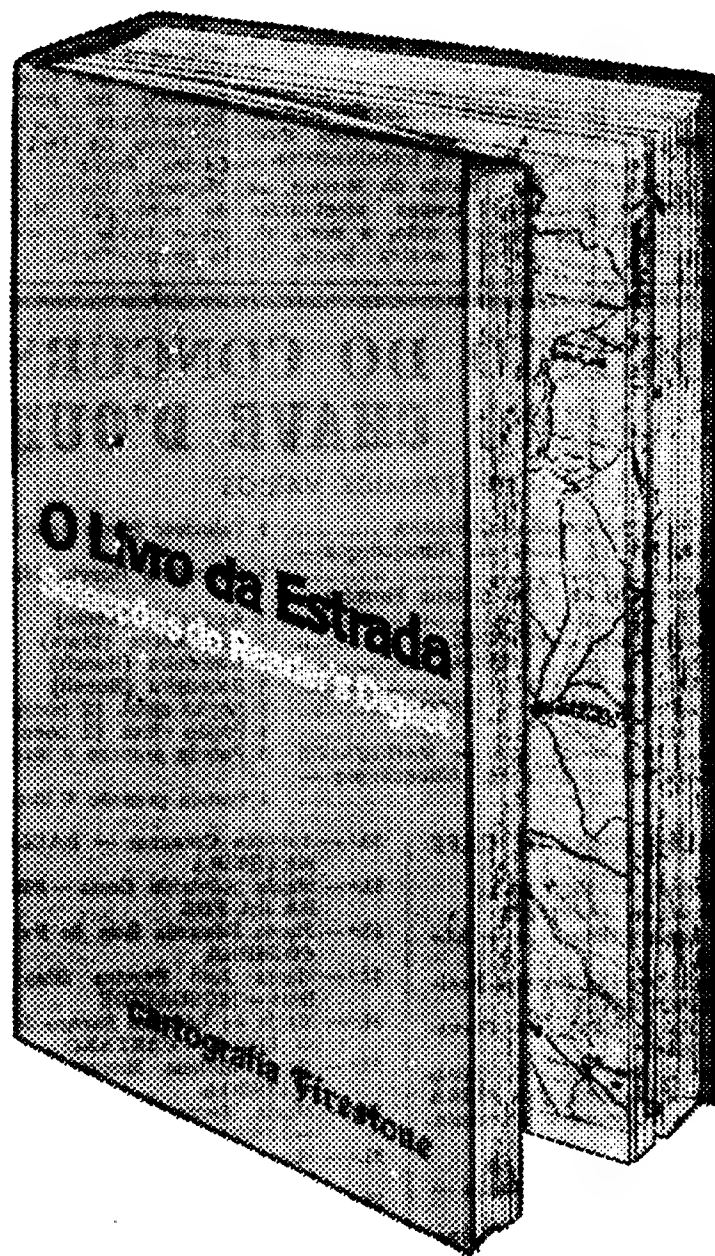
O Livro da Estrada

das **Seleccções** do Reader's Digest

é o mais esclarecedor e útil livro do seu género e o único até hoje publicado onde se ensina ao automobilista a arte de bem viver.

- 450 páginas
- 120 páginas de mapas especiais das estradas de Portugal e Espanha com cartografia da Firestone.
- Magníficos artigos sobre Arquitectura, Trajos Típicos, Festas Populares, Artesanato e Festivais em Portugal e Espanha, todos ilustrados com uma maravilhosa e rara colecção de 100 diapositivos a cores, de nível artístico excepcional.
- Guia de Portugal e Espanha com cerca de 30 000 referências e nomes geográficos.
- Socorros na estrada.
- Plantas das cidades.
- Calendário de festas e feiras.
- Bela encadernação à prova de água e formato especialmente estudado para a sua arrumação dentro do automóvel.

Todas as informações sobre conhecimentos técnicos e cuidados a ter com o seu automóvel, ensinamentos para a reparação de avarias, conselhos sobre o modo de conduzir correctamente, leis e sinais de trânsito em vigor, informações turísticas, gastronómicas, etc. Um Livro completo e único no seu género.



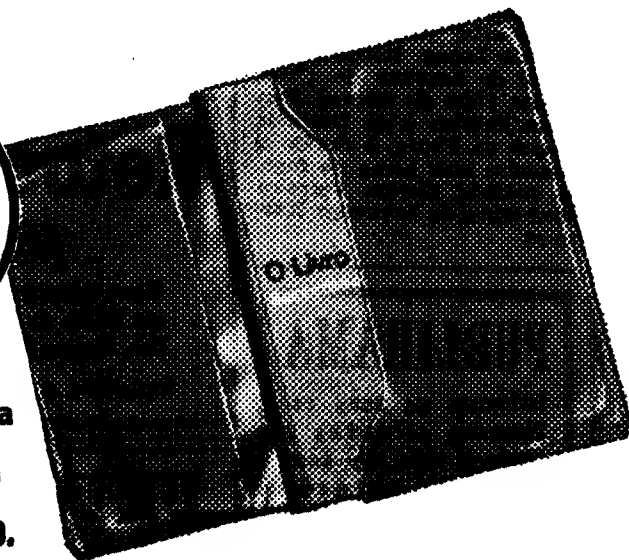
O LIVRO DA ESTRADA
pode ser seu apenas por

85\$00

● mais 3 prestações mensais de 85\$00 cada, (mais 10\$00 para despesas de embalagem e envio) ou, a pronto, somente por 310\$00 (mais 10\$00 para despesas de embalagem e envio).

**E AINDA
GRÁTIS
PARA SI**

uma útil e magnífica
carteira de
documentos se nos
responder no
prazo de DEZ DIAS.



CUPÃO DE PEDIDO

Recorte e envie hoje mesmo este Cupão de Pedido dentro de um envelope aberto, franqueado com um selo de 1\$00 e endereçado às Seleccções do Reader's Digest, R. Joaquim António de Aguiar, 43-r/c - Lisboa 1, indicando claramente o seu nome e morada e a modalidade de pagamento que preferir. Imediatamente lhe será enviado o LIVRO DA ESTRADA.

NOME _____
MORADA _____

A PRONTO ☐ A PRAZO ☐

SELECCÕES DO READER'S DIGEST
d.l. Rua Joaquim António de Aguiar, 43, r/c — Lisboa 1

Comunicado das Forças Armadas

em Angola

LUANDA, 12 — (A.N.I. e L.) — O Comando-Chefe das Forças Armadas em Angola comunica:

«Durante o período de 29 de Junho a 5 de Julho, a actividade geral dos terroristas acusou apreciável decréscimo, que foi mais nítido a leste, onde as acções da sua actividade se limitaram quase exclusivamente à implantação de engenhos explosivos. No entanto, no aspecto militar, considerase que a situação não se alterou significativamente.

As forças da ordem desenvolveram esforço intenso, orientado em especial contra as zonas de refugio dos bandidos, na parte afectada da área do distrito de Cuanza Norte e do saliente Cazombo.

Em Cabinda, os locais dos interesses estrangeiros alvejaram um estacionamento militar, em Sangamongo.

No distrito de Luanda, a este de Mucondo, um grupo de trabalhadores que regressava das suas tarefas foi atacado traiçoeiramente por um bando de salteadores, que lhes causou um ferido.

No Uíge, um grupo de terroristas montou uma emboscada, a sul do Quilixes, produzindo um ferido às nossas tropas.

No distrito de Cuanza-Norte, durante uma operação militar na região do Terreiro-Quilage, foram encontrados vários elementos perturbadores da paz que ofereceram certa resistência. No entanto, sofreram seis mortos, um ferido e captura de uma arma automática de origem soviética. A sul de Bula-Atumba, salteadores atacaram pessoal de uma fazenda, causando três mortos entre os trabalhadores.

No distrito do Moxico, as nossas tropas efectuaram golpes de mão, a oeste de Lumbala, contra locais de

refugio dos bandidos, causando três mortos e capturando duas pistolas-metralhadoras de origem soviética. No itinerário Lucusse-Lumbala, viaturas militares accionaram dois engenhos explosivos ali colocados pelos perturbadores da paz e que causaram ferimentos ao pessoal do Exército.

As nossas tropas tiveram um morto e doze feridos. Verificaram-se ainda três mortos e um ferido entre a população civil.

Comunicado do S.I.P.

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que faleceram em combate na província de Moçambique os seguintes militares de intervenção: Carlos Subio Delemane e Mepanga Ussane, e o militar de protecção, Mucra Moemedede todos do recrutamento da província

Ora diga-nos...

— Lembra-se da última vez que foi ao hospital?

Esta é uma das perguntas menos arriscadas que se podem fazer, porque a possibilidade de ouvir uma resposta negativa é escassíssima. Haverá algum cidadão que alguma vez não tenha precisado de ir ao hospital?

● O sr. Américo Correia Teixeira electricista e estudante («fui agora mesmo ver as notas das escritas do 5.º ano — tenho que ir á oral com média de 11...», respondeu-nos assim:

— Em Lisboa nunca. Mas na minha terra, sim. Em Dalvares, concelho de Tarouca, perto de Lamego.

— Conte lá isso, homem!

— Foi um desastre de bicicleta. Em certa medida, posso considerá-lo grave; estive internado 15 dias.

— Gostou? — Gostei... Ou seja, não gostei. Podia já gostar! Então se eu estava a ver a vida a andar para trás, a família á espera...



● Um azogado miúdo, o Alexandre Levi Lopes Loureiro, provisoriamente assalariado da C. M. L., disse-nos:

— Há pouco tempo. Fui ao Hospital de Santa Maria, porque tinha uma dor do lado esquerdo. Estive lá quatro horas, e depois deram-me um comprimido e fizeram-me massagens. Não me doeu mais, não senhor.

— E antes dessa vez? — Parti já duas vezes a perna. A primeira foi um padre que me quebrou. Estava a brincar com um merceiro no Porto, junto á estrada e veio um carro e trás, mesmo na perna! Era um padre que vinha ao volante. A segunda foi quando caí de um coqueiro, em Luanda.

— Mas que movimen-

tação de vida! E agora que é que estás aqui a fazer?

— E por castigo! Fiquei mal no segundo ano, e estou aqui três meses a acarretar pedra por castigo...

● E acabámos com o depoimento da sr.ª D. Emília Silva Reis, empregada doméstica.

— Ainda há dois meses fui lá ver o meu namorado, que teve um desastre no serviço militar.

— Mas nunca lá foi para se curar?

— Sim, fracturei um braço por ter caído de uma escada. Mas nunca estive mesmo internada — ia todos os dias receber tratamento. Foi em Coimbra.

— Gostou? — Claro que não. Não gostava do ambiente...



2.º SORTEIO DO CONCURSO CAFÉ PURO CHAVE D'OURO

1.º a 10.º PRÉMIOS VÁRIOS

- | | |
|---|------------------------------|
| 1.º — Adriano Pinheiro Amaro — COIMBRA | 1 Televisor Ponto Azul 59 cm |
| 2.º — Maria Clotilde da Silva de Albuquerque — LISBOA | 1 Frigorífico Bosch, 140 l |
| 3.º — Maria dos Anjos da Silva Mateus Ferreira — LOURINHÃ | 1 Aspirador (Leato) |
| 4.º — Irene Rosa Duarte — PENICHE | 1 Gira-Discos (Siera) |
| 5.º — Gabite Veto Gomes — LISBOA | 1 Batedeira (Bosch) |
| 6.º — Alfredo Silva — AMADORA | 1 Batedeira (Bosch) |
| 7.º — António da Silva Pereira — LISBOA | 1 Fogão eléct. (2 bocas) |
| 8.º — Luíza Pyrrah — LISBOA | 1 Fogão eléct. (2 bocas) |
| 9.º — Assunção Veloso Amaral — MANGUALDE | 1 Panela pressão 4 litros |
| 10.º — Maria Clotilde da Silva de Albuquerque — LISBOA | 1 Panela pressão 4 litros |

11.º a 50.º MAQUINAS DE CAFÉ

- | | |
|---|--|
| 11.º — Óscar Marrafa — SETUBAL | 30.º — Augusto Coragem — BAIXA DA BANHEIRA |
| 12.º — Raul Simões — SACAVAL | 31.º — Maria Adelaide Costa — FIGUEIRA DA FOZ |
| 13.º — António Santos Gonçalves — ALCOBAÇA | 32.º — Maria Eduarda Rita de Palma — COIMBRA |
| 14.º — Maria da Conceição Tarouca Freire — ALPEDRINHA | 33.º — Maria José Pereira Dias Faro Dias — MOSCAVIDE |
| 15.º — Celeste Maria Nunes de Carvalho — LISBOA | 34.º — Maria de Lourdes Sargento de Sousa Jardim — CARTAXO |
| 16.º — Maria de Fátima Pinto G. Calais Romano — CELORICO DA BEIRA | 35.º — Maria Helena Marques Farinha — LISBOA |
| 17.º — João Manuel Dionísio Carranca — LISBOA | 36.º — Maria Fernanda Perdigão Silva — LISBOA |
| 18.º — Maria José Lopes — LISBOA | 37.º — Mário do Carmo e Alvim — LISBOA |
| 19.º — Arminda Gonçalves da Rocha — BRAGA | 38.º — Maria Luísa Ferreira de Carvalho — QUELUZ |
| 20.º — Maria do Rosário Silva da Cruz — TORRES VEDRAS | 39.º — Maria Guilhermina de Noronha — MOURA |
| 21.º — Maria Goretti Pereira — LISBOA | 40.º — Laura de Carvalho Borges Girão — BUARCOS |
| 22.º — Maria Eduarda Pereira da Costa Lourenço — PAREDE | 41.º — Reinaldo Touroga Rocha — ILHAVO |
| 23.º — António Santos Júnior — SETUBAL | 42.º — Maria Odete Lima — LOURES |
| 24.º — João Vicente Inácio — PRAIA DAS MAÇAS | 43.º — Fernanda Pinto Correia — BRAGA |
| 25.º — Joaquim Augusto — LISBOA | 44.º — Antónia Emília Vieira — LISBOA |
| 26.º — Firmiana Tavares Gomes — CORUCHE | 45.º — António dos Santos Boavida — LISBOA |
| 27.º — Maria Amélia Venceslau — LISBOA | 46.º — Óscar Marrafa — SETUBAL |
| 28.º — Leopoldina Pereira Valente de Almeida — GAFANHA DA NAVE | 47.º — Joaquim Mendes — TORRES VEDRAS |
| 29.º — Ana Maria Gonçalves António — LISBOA | 48.º — Maria Emília Fonseca — LISBOA |
| | 49.º — Luís Arôcha — TOMAR |
| | 50.º — Anibal Dias Freire — VILA NOVA DE GAIA |

SORTEIO FINAL, DIA 8 DE OUTUBRO
1 AUTOMÓVEL «FORD ESCORT» E 50 ELECTRODOMÉSTICOS

SE AINDA NÃO CONCORREU...

CONCORRA JÁ!

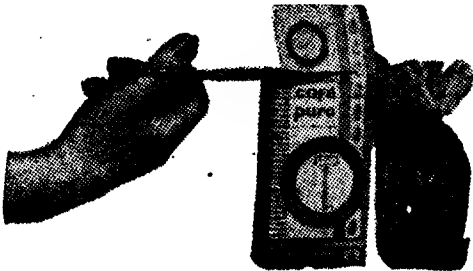
com quantos postais quiser!

Recorte as 2 tampas de uma embalagem de 125 g fechada pelo vácuo, cole-as num postal e remeta para:

PAC — LISBOA - 1

ATÉ 30 DE SETEMBRO

A VENDA EM TODO O PAIS



Militares falecidos no Ultramar

LUANDA, 12 — (A. N. I. e L.) — Faleceu em Angola, por doença, o soldado Filipe António Manuel, natural de Samba — Caju, filho de António Manuel Francisco e de Maria Filipe, que pertencia ao recrutamento provincial.

Também em Angola desapareceu por afogamento o soldado Joaquim Marques Carneiro natural de Marco de Canavezes, filho de António Carneiro Andrade e de Maria Emília Matos.

LOURENÇO MARQUES, 12 — (A. N. I.) — Morreram em Moçambique, em consequência de desastre, o primeiro-cabo para-quedista António Lopes Marques, natural de Lourosa de Cima, Viseu, filho de Manuel Marques Pereira e de Deolinda Lopes da Fonte, e devido a desastre com arma de fogo, o soldado Carlos Ferreira Rodrigues de Lourenço Marques.

PUBLIRAMA

Informa os seus estimados clientes e amigos que os seus escritórios estarão encerrados aos sábados durante os meses de Julho, Agosto e Setembro.

EMPREGADO

PRETENDE GRANDE EMPRESA INDUSTRIAL PARA ADMISSÃO IMEDIATA:

- Idade não superior a 35 anos.
- Experiência profissional de fretamento ou afretamento de navios.
- Conhecimentos gerais de direito marítimo.
- Conhecimentos das características dos navios e das tendências da construção naval.
- Domínio da língua inglesa.

SITUAÇÃO ESTÁVEL, BOA REMUNERAÇÃO E VANTAGENS SOCIAIS

RESPOSTA AO APARTADO 1389 — LISBOA

Retocador offset (PRECISA-SE)

Para empresa gráfica de grande movimento na linha de Sintra. Bom ambiente de trabalho. Passe de comboio de conta da empresa. Resposta a este jornal ao N.º 302.

UNIVERSITÁRIOS

Precisam-se Educadores para internato em Lisboa. Facilita-se continuação de estudo. Resposta a este jornal ao n.º 301.

MARCELLO CAETANO NO BRASIL

(Continuação da 1.ª página)

Acolhimento caloroso por portugueses e brasileiros

A visita do dr. Marcello Caetano foi acolhida calorosamente, quer pela comunidade portuguesa, calculada em dois milhões de pessoas, quer pelo público brasileiro.

Durante toda a sua visita, o prof. dr. Marcello Caetano sublinhou o valor de maior colaboração entre as

unicas duas nações que falam português no mundo. Ontem, após lhe ser conferido o grau de professor honorário na Universidade Federal do Rio, o estadista português propôs que os dois países deveriam formar

uma comunidade, concedendo direitos especiais aos cidadãos de ambas as nações.

O desfile triunfal na quinta-feira, através da Avenida Rio Branco, o chegar a esta cidade, deixou o dr. Marcello Caetano visivelmente emocionado. Declarou, depois: «Não tenho palavras para exprimir o meu agradecimento às aclamações com que os cariocas me receberam nas ruas.»

O Chefe do Governo português e a sua comitiva regressam esta noite de avião à pátria.

O poeta João de Barros recordado por Marcello Caetano

Ao agradecer a entrega das insígnias de Doutor «honoris causa» da Universidade Federal do Rio de Janeiro, afirmou o sr. prof. dr. Marcello Caetano:

«Acabo de escutar na voz do eminente vice-reitor, a quem rendo as minhas respeitadas homenagens, as razões em que a Universidade se fundou para me distinguir. Não me compete julgar se são bastantes, pois não posso ser juiz em causa própria. Mas ninguém me tira a convicção de que mais do que os méritos do jurista esteve em causa o amigo do Brasil. Os primeiros poderia disuti-los, mas esta qualidade, não. Amigo, sou-o de veras. Sempre o fui. E na intimidade de um dos mais nobres, combativos e desinteressados paladinos da amizade luso-brasileira, — quero referir-me a meu sogro, o poeta João de Barros — não podia deixar de ter comungado nos vivos sentimentos de amor que ele alimentava por esta terra e de ter recolhido os motivos em que constantemente alicercei a sua devoção afectiva. Neste encontro de intelectuais é um dever de justiça evocar o nome desse homem que durante meio século foi em Portugal o constante pregador da verdade brasileira».



O prof. Marcello Caetano, acompanhado pelo general António Jorge Correia, após a cerimónia da colocação de flores no monumento aos mortos brasileiros na Segunda Guerra Mundial

A última cerimónia importante no Rio de Janeiro: a primeira pedra para um monumento a Estácio de Sá

RIO DE JANEIRO, 12 — (A. N. I. e R.) — O prof. Marcello Caetano, Presidente do Conselho português, colocou hoje a primeira pedra de um monumento a Estácio de Sá, o português que fundou há quatro séculos o Rio, sendo esse o último acto importante da sua visita de cinco dias ao Brasil.

Foi depois da conferência de Imprensa que deu esta manhã na sede da Associação Brasileira de Imprensa (A. B. I.), que o prof. Marcello Caetano presidiu, no Parque do Flamengo, frente à Avenida Rui Barbosa, a cerimónia do lançamento da primeira pedra do monumento.

Segundo o governador

Negrão de Lima, que assistiu à cerimónia, este ficará a ser um dos mais belos monumentos da Guanabara. O traço inicial é de Lúcio Costa, o autor da planificação de Brasília.

A cerimónia do lançamento da primeira pedra estavam presentes todos os elementos da comissão encarregada da construção: marechal Mendes de Moraes, presidente; Renato Soeiro, director do Património Histórico e Artístico Nacional; Trajano Quinhões, director da Divisão do Património Histórico e Artístico da Guanabara; Gildo Borges, director do Departamento de Parques, e o prof. António José Chediak, assessor especial do governador Negrão de Lima.

Do Parque do Flamengo, o prof. Marcello Caetano, acompanhado pela comitiva, seguiu para o Clube Ginástico Português, onde lhe foi oferecido um almoço pela Federação das Associações Portuguesas do Brasil. Estavam presentes setecentas pessoas, incluindo o respectivo presidente, dr. Rodrigo Leal Rodrigues.

Filmes antigos destruídos pelas chamas na Tobis Portuguesa

Numa correnteza de barbações da Tobis Portuguesa, pomposamente denominados de cofre de filmes, na realidade depósito com fracas condições de segurança, deflagrou, ontem pelas 10 horas da manhã, um incêndio que tomou rapidamente grandes proporções.

Oitocentas caixas com películas antigas impressas — negativos de filmes e restos de cenas, relembranças, etc. — ficaram carbonizadas. O incêndio propagou-se rapidamente às árvores, cuja ramagem se debruça sobre o telhado, mas poupou os cofres anexos, que não foram evacuados.

Este é o segundo incêndio que deflagra nos cofres. As causas não ficaram determinadas, embora seja possível que alguém, apesar da proibição, tenha ali entrado a fumar ou que a explosão tenha sido causada

simplesmente pela vaga de calor.

Asseguram-nos da Tobis que os outros cofres não oferecem perigo e só na segunda-feira ficará averiguado o montante dos prejuízos.

No combate ao incêndio participaram os Bombeiros Voluntários de Alvalade, D. Carlos I e Avenida Defensores de Chaves.

Reunião de Avicultores Bonivicultores e Suinicultores

Realizou-se hoje num restaurante de Vila Franca de Xira, a primeira Reunião dos Avicultores, Bovinicultores e Suinicultores Portugueses, que reuniu 400 técnicos nacionais em matéria de rações animais, nos seus diversos aspectos de transporte, armazenagem e distribuição.

O empreendimento é da

iniciativa de quatro empresas responsáveis pela distribuição entre nós de maquinaria destinada à indústria da criação de bovinos, suínos e aves. Embora de natureza particular, a organização beneficia da ajuda de entidades públicas, assistindo ao colóquio o eng. Manuel Afonso em representação do secretário de Estado da Agricultura.

Usaram da palavra os srs. eng. Joaquim Abrantes Zinhas, que comentou com base estatística a panorâmica avícola portuguesa; D. Scovel, espanhol, que dissertou sobre transportes de rações; Cabado, igualmente de nacionalidade espanhola, que falou sobre silos; e eng. Manuel Soares da Costa, que abordou o tema dos comedores automáticos. Finalmente, o representante do secretário de Agricultura teve breves considerações sobre a reunião. Todas as exposições suscitaram perguntas e debate generalizado. Os trabalhos, que se prolongaram até ao fim da tarde, foram dirigidos pelo sr. João Dias Machado.

As entidades organizadoras constituíram uma secretaria que viverá para além do congresso e se destina não só à divulgação das teses e conclusões do seminário como a constituir um corpo permanente de assistência técnica no domínio respectivo.

Na chegada a Lisboa do sr. Presidente do Conselho não haverá cerimónias especiais

De regresso da sua visita ao Brasil, o sr. Presidente do Conselho chega ao aeroporto da Portela, amanhã, cerca das 13 horas. Segundo nos informa a Secretaria de Estado da Informação e Turismo, o sr. prof. Marcello Caetano, manifestou a vontade de que não houvesse qualquer cerimónia à sua chegada, pelo que não foram emitidos

dos convites nem preparadas quaisquer cerimónias especiais.

Aquela Secretaria informa o público em geral de que haverá, dentro e fora do aeroporto, lugares destinados às pessoas que queiram estar presentes no momento da chegada, e parques de estacionamento para as viaturas automóveis.

NOVA AGÊNCIA DA TAP

PROCURANDO DESCENTRALIZAR OS SEUS SERVIÇOS PARA MELHOR SERVIR TODOS OS SEUS CLIENTES, A TAP INAUGURA BREVEMENTE UMA NOVA AGÊNCIA EM LISBOA NA AV. GUERRA JUNQUEIRO, 15-C.

JOAQUIM BARAONA ATUPAL

Com escritório na Estrada Marginal, Lote J. M. E., 2-C — CASCAIS

BARAONA & BARAONA, LDA.

Com escritório na Rua Iracy Doyle, 11, 2.º-Esq. — CASCAIS

COMUNICAM A TODOS OS EXMOS. CLIENTES E AMIGOS, QUE, POR VIRTUDE DE FÉRIAS DO PESSOAL, ENCERRAM OS SEUS ESCRITÓRIOS DE 15 DE JULHO A 3 DE AGOSTO.

Foi safa a enviada «Meia-Noite» encalhada na barra do Guadiana

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, 12 — Dois acontecimentos vieram na noite passada demonstrar a necessidade de se encarar a sério o problema da segurança na barra do Guadiana: o encalhe da enviada «Meia-Noite» e o naufrágio que ameaçou a traineira «S. Lucas». Esta foi salva mercê dos esforços conjugados do salva-vidas «Nos-

sa Senhora da Conceição» e da traineira «Maria Rosa». O salvamento da enviada «Meia-Noite» tornou-se mais difícil e só esta madrugada pôde verificar-se, com a colaboração da traineira «Raulito» e do salva-vidas «Nossa Senhora da Conceição». São consideráveis os estragos nas embarcações sinistradas.

PROVA DE PERÍCIA

A Comissão de Festas de S. João comunica o adiamento da prova automobilística para data a anunciar, por motivos de dificuldades à última hora.

CASAL DA MIRA: NASCE MAIS UM BAIRRO CLANDESTINO

Casal da Mira: são meia duzia de casas. Meia duzia de casas toscas, a maior parte ainda com o tijolo a mostra, apesar de já habitadas. A poucos metros, a pedreira, onde homens de tronco nu, ao sol escaldante, desbastam a rocha a picareta. As orlaças, seminuas, brincam, misturadas com o pó do caminho primitivo que dá acesso ao pequeno povoado. Em frente, na encosta do monte sobranceiro, estende-se o Bairro da Quinta da Brandoa, que tanto tem dado que falar.

Casal da Mira, freguesia da Amadora: mais um bairro clandestino que nasce.

— O nome? Para que quer o meu nome?... O meu marido não está, ele é que trata dessas coisas... Não sei se deva dizer...

A mulher, encostada ao tanque de lavar, olha-nos, receosa. As mãos suspen-

ta casita... O ar é bom para os miúdos...

A frase é uma espécie de desculpa. Um lamento já feito, com certeza, ao fiscal da Câmara Municipal de Oeiras que há dias visitou a pequena povoação escondida entre os montes que circundam a Amadora e mandou embargar todas as construções.

— Já aqui moro há muitos anos, já lhes perdi a conta — diz. — Isto pertence a um tal Manuel Henriques, que agora começou a vender o terreno.

Por
JOAQUIM BENITE

Começaram aqui a construir umas casas... Isto está tudo a desenvolver-se...

As questões da clandestinidade e legitimidade, os problemas do urbanismo não dizem nada a esta an-

vê-se a grande mole da cidade, os enormes edifícios, as fábricas da Venda Nova. O Hospital de Santa Maria destaca-se no horizonte, de um conjunto extenso de edificações modernas.

A casa como domínio e como dominação

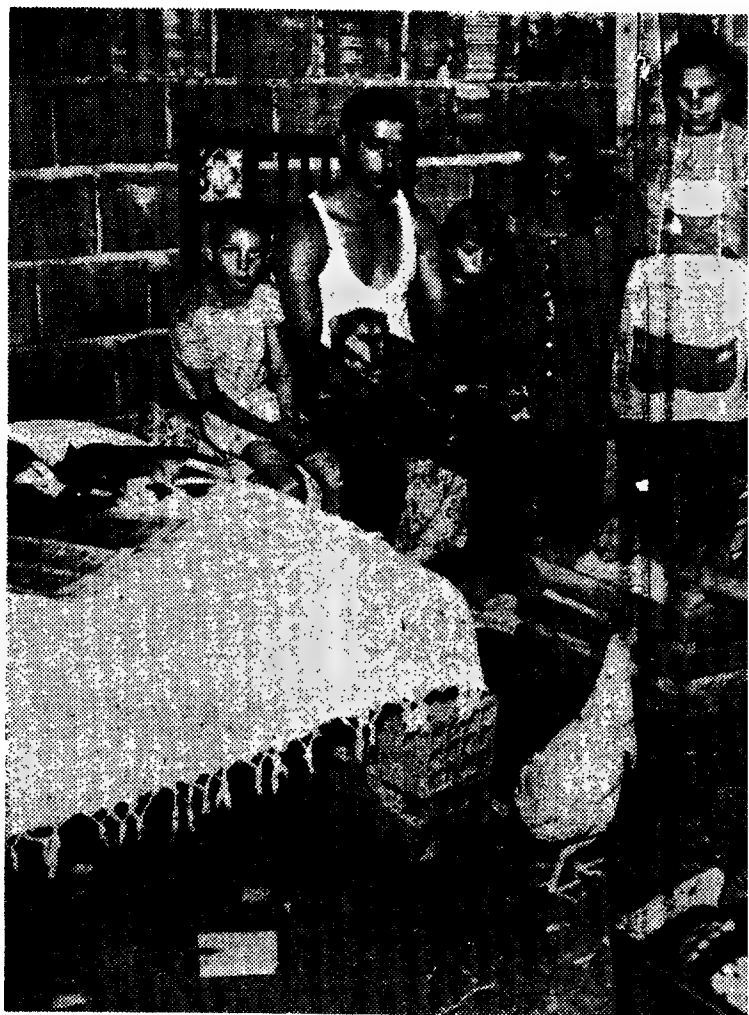
Francisco Cardoso e Maria Manuela Martins Cardoso, os seus três filhos e uma sobrinha habitam já (desde Março) a pequena casa que o primeiro, um pedreiro regressado do Ultramar, exclusivamente construiu.

No chão térreo, alinham-se alguns móveis e nas paredes com o tijolo à mostra existem já alguns dos motivos decorativos que constituem a preocupação das donas de casa. As galinhas passeiam livremente pelo interior da casa, mas isso não impede a brancura da colcha da cama e a coberta de chita florida de uma velha arca hereditária. Em camisola, os musculosos braços nus, Francisco Cardoso fala-nos da sua habitação — bem perto do pequeno cão, da galinha que debica a terra, à procura de alguma minhoca, e dos seus instrumentos de trabalho: plainas, serras, martelos, pás de pedreiro:

— Morava na Buraca, numa barraca pela qual pagava 350\$00 de renda. O meu sonho era ter uma casa. Comprei o terreno a 120\$00 o metro quadrado e comecei a construir o prédio. Não compreendo porque é que a Câmara não nos aprova os projectos. Ora se o terreno é nosso, porque não o havemos de construir...

(Francisco Cardoso não percebe muito bem os problemas decorrentes da falta de um ano de urbanização do lugar. Quando comprou o terreno disseram-lhe que podia construir. Aconselharam-no até a respeitar o alinhamento das casas, de modo a per-

(Continua na 19.ª página)



Uma das famílias que habita o novo bairro

O TECTO

— Estive fora, estive em Angola. Estive lá três anos, em Angola. E juntei alguns tostões. Mas muito pouco. E eu e a minha mulher ganhámos muito pouco. Eu estou em Lisboa há oito anos. Vim da província, vim de Barrô. Eu trabalho como pedreiro. Mas sempre ganhei muito pouco. Moro agora numa barraca. Já morei numa casa, mas agora não moro. Agora moro numa barraca. E juntei alguns patacos, mas não me dava, está claro. Não me dava para construir uma casinha para mim. O meu sonho sempre foi esse, construir uma casinha para mim. Não era comprar uma casa já feita, não era isso. Uma casa feita por mim... Tem outro jeito, sabe melhor. A gente deita-se e pensa: «Este tecto fui eu que construí», é diferente, está claro, é diferente. E depois sempre é uma coisa que se deixa prós filhos. Eu tenho cinco filhos e o mais pequenito é aleijadinho de um pé. Deve ter sido queda que a mãe deu. Mas então penset em construir a casa. Em construir uma casa aqui neste monte, porque me disseram que aqui vendiam terreno barato.

E eu tinha alguns td claro, não davam dinheiro em uns restos de um trabalho, e me que um senhor me bém com umas co tudo fiado, está a construir esta casa ano. Isto tem sido culdade. Há quem mês, mas eu sou. Ihar nisto e de v. nho de estar muito balhar, porque não ro. Porque, por ea que trabalhar lá desde muito cedo que volto. Mas a em férias é mais eu gostava de v. sobre a minha ci falar. No entanto, muito bonita e q então fica muito l que ela tivesse o. Inverno, por que s va e fica tudo ch isto não é nada os ares são dos m



Os tijolos são descarregados: chegam como a felicidade adquirida a crédito

dem a operação de esfregar a roupa na tábua do tanque. No seu rosto sente-se o medo, mas também a necessidade de defender o seu tecto a sua casa. Uma determinação quase a expor em raiva.

— O meu marido e eu não conseguimos ganhar mais de um conto e quinhentos por mês. Vivíamos na Quinta da Brandoa, mas pagávamos 700\$00. Não podíamos. Fizemos aqui es-

Ao fundo, o mole da cidade

Implantado a esmo, o novo Bairro do Casal da Mira não tem, evidentemente, condições mínimas exigíveis de habitabilidade: nem água, nem luz nem esgotos. Água, os pouco habitantes do aglomerado têm de ir buscá-la a uma fonte a alguns quilómetros da povoação. O ambiente que se respira é o do pioneirismo. Uma velha, moradora na antiga povoação (uma enfiada de casas abarracadas) transporta uma bilha de água á cabeça. Há dezenas de anos que ela faz este caminho, várias vezes ao dia.

ciã, vestida de negro, com o seu xale negro, ao sol escaldante. Para ela existe apenas o medo atávico do progresso, do desenvolvimento. Pensa, naturalmente, que dentro de anos os automóveis, com as suas buzinas horribéis, conquistarão os caminhos poeirentos que palmilha familiarmente. Pensa que dentro de algum tempo, o céu azul que tem sido o principal tecto da sua vida, deixará de se ver, e em vez dele, aparecerá o céu cinzento da cidade, o céu dos fumos e dos gases.

Um carneiro, deitado pa-chorrentamente ao sol, afasta-se á nossa passagem. A pequena distancia



Este é o bairro do Casal da Mira: por enquanto, um pequeno aglomerado perdido nos montes

A MÃO



PRATAS ANTIGAS

NÃO VENDA
SEM NOS CONSULTAR
OURIVESARIA PORTUGAL
ROSSIO, 122

CHOCOLATES TIGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

O maior sortido de ouro,
pratas e jóias a preços de
concorrência.
GRANDE OURIVESARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

DRAG
D'OU

RESTAURANTE CH

Um mundo de exo ismo e
Ambiente seleccio

BANQUETE CHINÊS — A PA
SOAS COM TODO O REQUI

P.ª Inf. e Reservas: Tel. 7

Av. Frei Miguel Contreiras,

Junto à passagem de nível

AR CONDICIONA

ESTÁ A DISPUTAR-SE O X «RALLYE» HÍPICO DA COSTA DO SOL

Onze concorrentes — nove amazonas e dois cavaleiros — iniciaram esta manhã no Estoril a prova de estrada, a primeira do X «Rallye» Hípico da Costa do Sol, uma iniciativa da Sociedade Estoril-Sol com a colaboração da Federação Equestre Portuguesa e com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol.

Apareceu o cadáver de um desconhecido

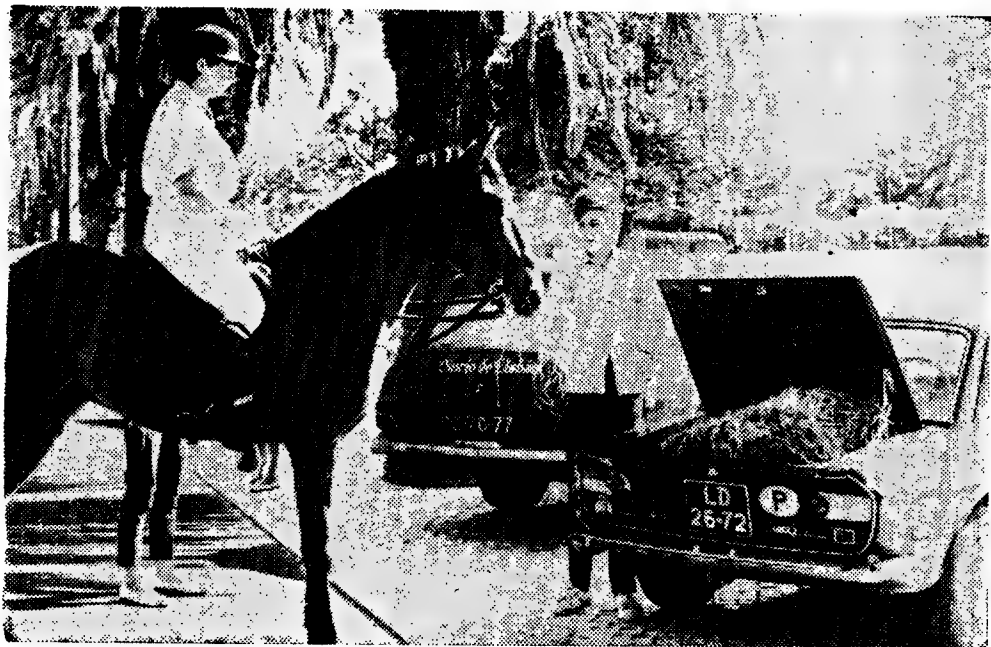
FREIXO DE ESPADA A CINTA, 12 — Próximo da Quinta da Canandreira, da freguesia de Ligares, deste concelho, apareceu na margem direita do rio Douro o cadáver de um indivíduo do sexo masculino, já em adiantado estado de decomposição, com 1,70 m de altura, cabelos grisalhos, dentição completa, e aparentando uma idade próxima dos 50 anos. Vestia camisa branca, calças de fazenda cinzento-claro, formando xadrez, e peugas de «mousse». Compareceu no local o delegado do Procurador da República da Comarca de Moncorvo, os comandantes da secção e do Posto da G. N. R., respectivamente de Moncorvo e desta vila. Transportado para o cemitério local foi ali autopsiado e enterrado.

Com intervalos regulares de três minutos partiram pois os participantes na competição, para cumprir num trajecto de 18 quilómetros, uma prova de estrada e campo, através de Alcoitão, Bicesse, Ribeira da Penha Longe, Alcabideche e regresso ao Estoril, percurso que os concorrentes masculinos percorreram a média mínima de 15 quilómetros por hora, enquanto para as amazonas o regulamento era ligeiramente menos exigente: apenas 12 quilómetros horários.

Pormenor curioso: os dois cavaleiros inscritos no «Rallye» são ambos portugueses enquanto nas participantes femininas predominam as estrangeiras. Das nove amazonas apenas duas são portuguesas. As outras são quase todas inglesas.

Esta tarde efectuar-se-ão provas complementares e amanhã os concorrentes da categoria C — juniores (com idade compreendida entre os 12 e 17 anos) disputarão as duas provas a que o regulamento obriga: o de regularidade e complementar.

Os prémios serão distribuídos amanhã à noite antes do jantar que se realiza no Casino Estoril e para o qual estão convidados todos os participantes, menores de 17 anos.



Enquanto aguarda o momento da partida, o cavalo olha gulosamente o repasto que lhe está reservado para o final da prova

Grande cardume de sardinha morta no mar da Póvoa

POVOA DE VARZIM, 12. — A sardinha, que nesta região é tida como o «presigo dos pobres» passou a ser alimento de ricos, tal o elevado preço que agora tem atingido: nada menos de 200 escudos cada cabaz, o que torna quase proibitiva a sua aquisição pelas classes mais modestas, que fazem deste saboroso peixe, nesta época, a sua alimentação habitual.

Ora, este ano, ela tem escasseado muito. Consequentemente, a falta da sardinha faz com que a classe piscatória e os industriais de conservas de peixe, atravessassem séria crise, que o «Diário de Lisboa» vem focando com justa oportunidade.

Aconteceu, porém, agora que a sardinha apareceu no mar da Póvoa, mas de forma tão insólita que surpreendeu toda a gente e provocou os mais descontraídos comentários, levando à praia muitas pessoas no desejo de presenciar tão imprevisível e inexplicável espectáculo.

Deuse o caso, por volta das seis horas da manhã, quando a maré principiou a vazar. O mar começou, então, a arrojar à praia do pescado na enseada do porto de abrigo, grande quantidade de sardinha morta, mas tão miúda e pequena que a maioria dela não excedia 4 centímetros de comprimento.

As pessoas tomavam-na facilmente às mãos cheias ao mesmo tempo que lamentavam que assim se perdesse um tão grande cardume, que, a vingar-se, constituiria uma apreciável riqueza.

Albordámos alguns velhos

pescadores e outras experimentadas pessoas que aqui se dedicam à venda do peixe, procurando explicação para o sucedido, mas nenhum foi capaz de nos elucidar, inclinando-se, no entanto, para a hipótese da sardinha ter perecido em consequência da contaminação das águas da enseada pelos detritos e óleos que as dezenas de traineiras e motoras que nelas se abrigam, lançam no mar. Aliás, a sardinha, quando pequena, é obrigada a mover-se a pouca profundidade, quase à

superfície da água e daí a total destruição do cardume que apareceu no porto de abrigo desta vila.

A hipótese de a sardinha ter sido pescada por qualquer traineira ou mo'ra e depois lançada pela borda fora pelo facto de não ser própria para consumo, visto não ter o mínimo de tamanho legal, parece posta de parte, uma vez que o seu diminuto tamanho impedia que se «emalhasse», ficando presa nas redes que usualmente se empregam na pesca de tão saboroso peixe.

20 PRÉMIOS GRANDES

em 10 semanas seguidas

— no total de 42 610 contos —

distribuídos aos balcões da

CASA DA SORTE

Extracção de ontem:

MAIS UM PRÉMIO GRANDE

33 319 — 3.º PRÉMIO

240 CONTOS

A próxima extracção é da
LOTARIA POPULAR
4000 CONTOS POR 250\$00

Se quer ter Sorte, prefira os bilhetes com a Marca da

CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONARIOS



Automobilista:
Agora já tem o seu
MOTEL no Algarve

motel alagoas

(1.ª Classe)

LAGOA — TELEFS. 143 E 168 — ESTRADA NACIONAL, 125 — ALGARVE



Operações de Bolsa

BANCO DO ALENTEJO

QUALIDADE ESTILO VALOR

EMERSON

FRIGORÍFICOS DE LUXO

A PREÇOS NORMAIS

à venda nas casas especializadas

distribuidores: EST. M. SIMÕES JR., S.A.R.L.

43, RUA DOS OURADORES, TELEF. 36 17 63 — LISBOA

O CAFÉ É A MELHOR BEBIDA NÃO HÁ
DÚVIDA, MAS SE NÃO O PODE BEBER

BEBA PIONIER

Deliciosa bebida absolutamente Inofensiva

A venda em todos os bons estabelecimentos do ramo

Distribuidores: Schroeter & Almeida

R. da Madalena, 128-2.º — Lisboa — Telef. 869109



o bairro

D

alguns tostões, mas es-
tando dava. E eu pedi al-
eiro emprestado. E com
s de uma obra em que
e com mais uns tijolos
nhor me ofereceu, e tam-
umas compras que faço,
e, está claro, comecei a
esta casinha vai para um
tem sido com muita difi-
Há quem construa num
eu sou sozinho a traba-
e de vez em quando te-
tar muito tempo sem tra-
porque não tenho dinhei-
e, por exemplo, eu tenho
lhar lá no meu emprego
ito cedo e só à noite é
Mas agora como estou
é mais fácil. E... e... e
a de dizer o que sinto
minha casa, mas não sei
entanto, penso que ela é
ita e quando tiver o chão
muito bonita. Eu queria
vesse o sobrado antes do
por que se não vem a chu-
tudo cheio de lama. Mas
é nada húmido, e então
to dos melhores...

GAO
URO

TE CHINES

ismo e de bem servir
seleccionado

A PARTIR DE 8 PES-
REQUINTE ORIENTAL

el: 714503/369855

ntreiras, 54-B-Lisboa

de nível da Av. Roma

ACIONADO

Actualidade internacional



Algumas das concorrentes ao título de «Miss» Universo, fotografadas em Nova York, no terraço do Hilton Hotel. As jovens juntar-se-ão brevemente em Miami às restantes concorrentes. Setenta representantes de países dos cinco continentes disputarão, na capital da Florida, o desejado título

Novos bombardeamentos no Vietnam do Sul

(Continuação da 1.ª página)

metros a nordeste de Saigão, mas anunciou-se que não se registaram baixas nem estragos.

O Quartel-General da 9.ª Divisão americana em Don Tam, a base no delta do Mekong, da qual os primeiros soldados americanos estão a ser evacuados, foi atacado pela terceira noite consecutiva.

Duas descargas de cerca de cinco granadas de morteiro explodiram inofen-

sivamente na base, a 65 quilómetros a sudoeste de Saigão, segundo revelou um informador americano.

Foi morto um civil e 18 outros ficaram feridos em consequência de outra barragem de fogo de morteiros contra a cidade de Ben Thanh, nas proximidades.

Onze dos 22 bombardeamentos durante a noite foram considerados como significativos, devido a terem causado baixas e estragos. Cinco registaram-se contra bases americanas.

A 1.ª e a 2.ª brigadas da 9.ª Divisão de Infantaria encontram-se entre os primeiros 25 000 soldados nor-

te-americanos, a serem retirados do Vietnam até fins de Agosto.

O primeiro contingente, um batalhão de 800 homens, partiu para a pátria na terça-feira passada, e o comando americano anunciou hoje que um segundo batalhão da divisão seguiria amanhã de avião.

O comando americano anunciou, também, uma série de recontros em pequena escala nas províncias de

Hau Nghia e de Tay Ninh, a noroeste de Saigão, durante os últimos dois dias.

Tropas americanas comunicaram ter morto 38 «Vietcongs» em quatro das acções.

Os norte-americanos sofreram um morto e seis feridos durante um ataque, em que foram utilizados helicópteros, contra uma posição do «Vietcong» a 51 quilómetros a oeste de Saigão.

O MISTÉRIO DOS NAVIOS-FANTASMAS

Não se pode atribuir a culpa ao tempo

—dizem os meteorologistas

LONDRES, 12 — (R.) — Um enigma marítimo, semelhante ao caso do «Marie Celeste» no século XIX, espanta peritos, que tentam resolver o mistério de

cinco iates encontrados abandonados no Atlântico. Quando as buscas para encontrar o navegador solitário britânico Donald Crowhurst foram finalmente suspensas a noite passada, novas notícias circulando em Londres revelaram que o seu «Trimaran», de 12,4 metros, fora apenas um de vários pequenos barcos avistados a deriva ao largo dos Açores nos últimos 12 dias.

Navios que passavam avistaram três outros iates sem tripulantes na mesma área do Atlântico onde o barco de Crowhurst, o «Teignmouth Electron», foi recolhido intacto, mas abandonado na quinta-feira. O quinto foi encontrado a flutuar virado ao contrário a leste dos Açores.

Um dos barcos encontrados a deriva ao longo de um corredor de 800 quilómetros de comprimento por 320 de largura, no meio do oceano, pertencia a outro navegador solitário, o sueco Peter Wallin, que viajava de Estocolmo para a Austrália.

Mensagens pela rádio para os serviços de informação da Lloyds, revela-

ram este horário-mistério: 1 de Julho — O navio a motor britânico «Maplebank» comunicou ter avistado um barco com 20 metros de comprimento a flutuar, virado ao contrário, a várias centenas de quilómetros a sudoeste dos Açores.

4 de Julho — Um iate de 10 metros, completamente aparelhado e com leme automático, foi avistado mantendo uma rota para o norte. Não se viu ninguém a bordo, mas o navio britânico «Cotapax», comunicou que era possível que alguém pudesse estar a dormir no interior.

6 de Julho — O navio registado na Libéria «Golar Frost» encontrou o iate de fibra de vidro e só com um mastro de Peter Wallin abandonado a sudoeste dos Açores, e arvorando a bandeira sueca.

Um grupo que foi a bordo do iate encontrou tudo em ordem, mas não viu rasto do solitário sueco, cuja última anotação no livro de bordo foi feita em 2 de Julho. O «Golar Frost» hasteou a bandeira de barco errante a bordo e continuou a sua viagem

FRANCO NOMEARÁ SUCESSOR QUARTA-FEIRA

—escreve a Imprensa de Madrid

MADRID, 12 — (F. P.) — A Imprensa espanhola publica os rumores do generalíssimo Franco designar na próxima quarta-feira o príncipe Juan Carlos de Bourbon para sucessor. Também os jornais se fazem eco dos boatos de uma recomposição ministerial.

Segundo corre o generalíssimo Franco faria a sua comunicação na reunião plenária das Cortes.

Quanto à recomposição ministerial os jornais não indicam nem data nem individualidades que seriam afectadas, mas, segundo os círculos políticos, um seria o chefe da diplomacia espanhola, dr. Fernando Maria Castiella. O seu substituto seria, diz-se, o dr. António Garrides, actualmente embaixador da Espanha junto do Vaticano e ex-embaixador em Washington. Esta individualidade foi recebida na quarta-feira passada e longamente pelo chefe de Estado. Advogado o dr. Garrides foi conselheiro jurídico de grandes companhias americanas instaladas em Espanha. A sua nomeação tornaria mais cor-deal as relações políticas e económicas da Espanha com os Estados Unidos.

Efectivamente Castiella é criticado pela táctica que adoptou nas recentes negociações com os Estados Unidos para a renovação do acordo das bases americanas em Espanha.

Há por outro lado, quanto aos observadores, o problema da revisão da política económica espanhola, que o grupo de ministros pertencente a «Opus Dei» deseja levar por diante. Estes desejariam a aproximação com a comunidade europeia (C.E.E.) e para o efeito dessa associação estariam dispostos a um arranjo da situação política no sentido desejado pelos dirigentes dos «Seis».

U. R. S. S.

PROJECTOS DE LEI CONTRA A CRIMINALIDADE

MOSCOVO, 12 — (F. P.) — A sexta sessão do Soviete Supremo terminou com a aprovação, pelos 1517 deputados das duas câmaras, dos três projectos de lei sobre:

- 1) Os princípios da legislação penal na U. R. S. S.
- 2) A detenção preventiva.
- 3) Os complementos e modificações a introduzir nos princípios do código penal.

As novas leis «visam reforçar a ordem pública, a proteger os direitos do cidadão. Prevêem, sobretudo, a extensão da luta contra a criminalidade», declarou Níchanov, deputado que apresentava os projectos de lei à assembleia.

Depois de terem recordado o princípio segundo o qual na sociedade socialista não pode haver «criminosos irreversíveis», os oradores admitiram que existia uma categoria de «criminosos excepcionalmente perigosos», que devem ser submetidos a um regime especial durante a sua detenção e a uma vigilância depois da libertação.

O texto da lei evoca a «luta eficaz contra a criminalidade» sem precisar se os crimes políticos estão incluídos.

FRANÇA

Advertência dos Sindicatos ao Governo

PARIS, 12 — (A. N. I.) — Os dirigentes sindicais franceses advertiram o Governo que são de esperar manifestações se as autoridades não derem uma resposta urgente às reivindicações dos trabalhadores.

A Confederação Geral do Trabalho, de tendências comunistas, e que representa dois milhões de operários, referindo-se à conferência de Imprensa de quinta-feira passada, diz: «Pompidou não respondeu as nossas questões». A única coisa que nos resta é continuar os nossos esforços para impor ao poder e ao patronato uma situação em que se vejam obrigados a considerar as exigências urgentes dos trabalhadores.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
Secretaria de Estado da Indústria
Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos
EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela COMPANHIA ELÉCTRICA DO ALENTEJO E ALGARVE para o estabelecimento na freguesia de Algez, concelho de Silves, de um desvio da linha aérea a 30 kV para a Cerâmica Central de Algez entre o apoio n.º 7 e o posto de transformação com implantação de mais um apoio e um aumento de 8 metros no comprimento.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou na Secretaria daquela Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 9 de Julho de 1969.

O ENGENHEIRO CHEFE
Guilherme Martins

Avião desaparecido

KATMANDU, 12. — (R.) — Desapareceu um avião das linhas aéreas do Nepal que se dirigia com 31 pessoas a bordo de Katmandu para Simra, no sul do Nepal — anunciou hoje um informador da companhia de aviação.

O informador afirmou que o avião perdeu contacto hoje de manhã quando partira durante um temporal.

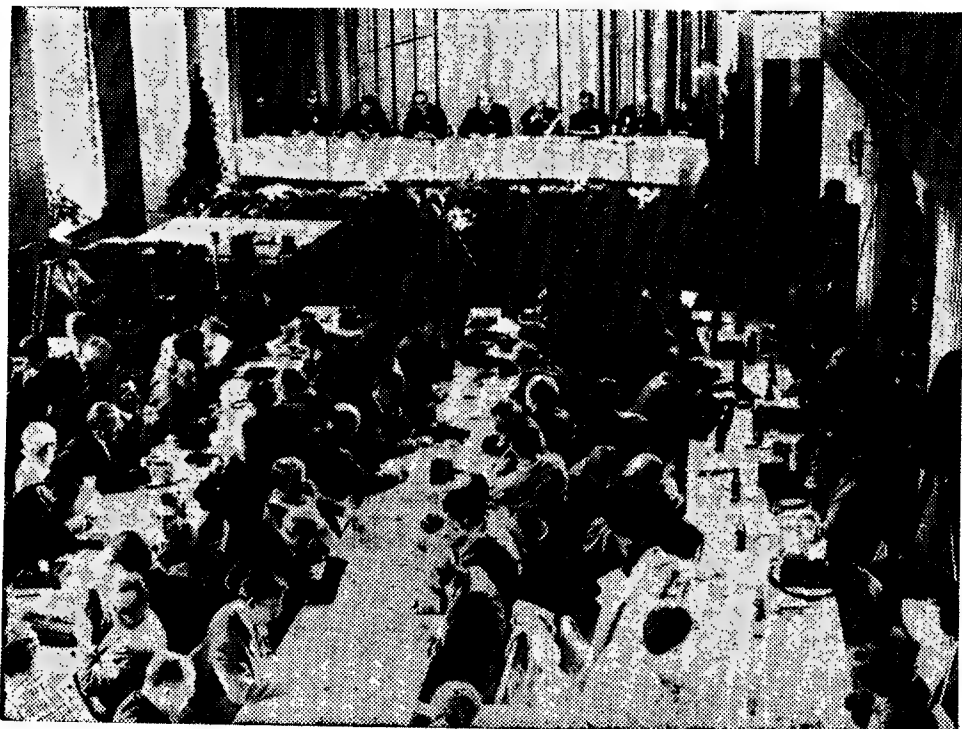
Foram já destacados grupos de salvamento para procurar o avião desaparecido.



JACINTO DOS SANTOS SILVA RODRIGUES
FALECEU

Maria Amélia Freire de Andrade Rodrigues, Vitor Manuel Oliveira Rodrigues, António Manuel Freire de Andrade Rodrigues, Luís Filipe Freire de Andrade Rodrigues, sua mulher e filhos, Humberto Santos Rodrigues, sua mulher, filhos e netos, Manuel da Silva Rodrigues, sua mulher, e netos, João Freire de Andrade Rodrigues e sua mulher, Fernando Freire de Andrade, mulher, filhos e netos e José Freire de Andrade, mulher e filhos e mais família participam que foi Deus Servido Chamar A Sua Divina Presença, o seu muito querido marido, pai, sogro, avô, irmão, tio, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 13, às 10 horas, da Igreja de S. João de Deus, para jazigo, no cemitério dos Prazeres. Pelas 9 horas, será celebrada Missa de Corpo Presente.

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telef: 51586



Aspecto de uma sessão do simpósio dos bispos europeus que reuniu, em Loire, na Suíça, 125 purpurados do velho continente. Na mesa da presidência vê-se um bispo português, D. Manuel Falcão, o sétimo a contar da esquerda. O simpósio foi marcado pela oposição de padres «rebeldes» cuja participação foi recusada.

ESTUDANTES DETIDOS FAZEM EXAME NA CADEIA

MILÃO, 12. — Uma comissão de professores da Universidade Estatal de Milão, na qual estão integrados os catedráticos Dal Prá, Paci e Cafiero, deslocou-se à prisão de San Vittore para fazer o exame final, naquela cadeia, a quatro dos onze estudantes milaneses presos depois da truculenta manifestação contestatária ao prof. Trimarchi.

Os estudantes que, deste modo e a despeito da sua detenção, conseguiram assim obter o seu exame escolar são Mário Capanna, Salvatore Toscano, Ferruccio Gatoretti e Giuseppe Fallisi.

ABRANDAMENTO DA TENSÃO POLÍTICA NO QUÊNIA

NAIROBI, 12 — (R.) — A tensão política, que aumentou em consequência do assassinio do ministro do Governo do Quênia, Tom Mboya, revelava hoje indícios de abrandar, sete dias depois da sua morte.

Os homens da tribo Luo, a que pertencia Mboya, que julgavam que têm sido desprezados pela tribo Kikuyu dominante desde a independência em 1963, sepultaram-no ontem, a seguir a uma semana de luto e de desordens.

A Polícia de Nairobi anunciou, a noite passada, que se encontravam detidos três homens para serem interrogados em ligação com o assassinio de Mboya, o poderoso ministro do desenvolvimento económico, que foi

morto a tiro no sábado passado numa movimentada rua desta cidade.

As autoridades revelaram, também, que estavam a examinar uma pistola com o mesmo calibre da arma do crime, que se julga ser de calibre 38.

O vice-presidente Daniel Arap Moi deverá realizar hoje uma conferência de imprensa, durante a qual se espera anunciar os últimos acontecimentos nas investigações para capturar o assassino, que fugiu de automóvel.

Registaram-se violentas desordens tanto em Nairobi como durante o cortejo fúnebre de 420 quilómetros até à ilha de Rusinga, no lago Vitória, terra natal de Mboya, quando os luos tentaram arrebatar o cortejo e pôr em debandada ministros Kikuyus e a Polícia.

Contudo, ontem as multidões encontravam-se sossegadas, além de uma cena bizarra quando luos, aos gritos, levaram aos ombros o chefe da oposição Oginga Odinga para assistir ao funeral e aclamaram o homem que durante muitos anos foi o maior inimigo político de Mboya.

Não se registaram incidentes sérios e a Polícia retirou os seus homens da ilha a pedido dos chefes luos locais.

Oficiais da Polícia disseram julgar que a tensão na província desapareceria agora.

● ENCONTRADOS OS CORPOS DOS METEORÓLOGOS SUL-AFRICANOS

PRETÓRIA, 12 — (F. P.) — Uma equipa de salvamento, vinda da ilha de Tristão da Cunha, encontrou os corpos dos dois meteorólogos sul-africanos que tinham desaparecido em 20 de Junho na ilha de Gough, no Antártico.

Em BENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Casa Leitão, Rua da Índia Portuguesa, 12.

Os «não-alinhados» denunciam a política de blocos

BELGRADO, 12 — (F. P.)

— Terminou, ontem à noite, a conferência dos países «não-alinhados» depois de quatro dias de trabalhos. O comunicado, que levou 16 horas a discutir, reconhece a «utilidade» de haver uma «cimeira», depois denuncia a política de blocos e finalmente reafirma a fidelidade dos 53 estados membros ao não alinhamento.

Segundo uma boa fonte jugoslava a «cimeira» poderia realizar-se no Outono do ano que vem, provavelmente em Nova Delhi de preferência a Addis Abeba. Haveria antes uma reunião preparatória, provavelmente em Marrocos.

O texto do comunicado denuncia como colonialismo «outras formas» de domínio estrangeiro, recorrendo cada vez mais à política de força e de pressão, incluindo a intervenção armada, as actividades subversivas e a ingerência nos assuntos internos dos outros. Segundo os observadores esta passagem refere-se à Checoslováquia e ao Vietnam.

O comunicado regista o acolhimento favorável feito pela conferência à comunicação da «Organização da Libertação da Palestina», não obstante vários dos «não-alinhados» terem relações com Israel, pede a admissão da China nas Nações Unidas, embora uma grande parte dos Estados africanos votem na O. N. U. contra aquele país.

Enfim o comunicado opta

pelo alargamento do grupo dos «não-alinhados», mas deixa o problema quanto ao «não alinhado» poder ou não pertencer a um pacto militar compreendendo uma grande potência, para ser resolvido pela futura «cimeira». No domínio do económico a conferência dos «não-alinhados» pede que os países industriais abram mais os seus mercados aos produtos do terceiro mundo.

Para os observadores esta conferência de Belgrado permitiu a reunião do terceiro

mundo depois da «cimeira» do Cairo há cinco anos. Verificou-se que as contradições continuam a ser vivas, na África, na Ásia, na América Latina, onde juntas militares e Governos conservadores coabitam com regimes comunistas ou socialistas. Tornando-se cada vez mais difícil, perante estas contradições, de definir o não alinhamento não há dúvida porém que a conferência foi um sucesso e os pedidos para aderir ao grupo permanecem numerosos.

EM POUCAS LINHAS

● DOIS MORTOS NA EXPLOSAO DUMA GRANADA

DRAGAN (Alemanha Ocidental), 12 — (R.) — Uma granada antitanque explodiu ontem numa fábrica de munições desta cidade, matando duas operárias e ferindo três outras.

● ASSALTOS A AVIÕES

BOGOTA, 12 — (R.) — Uma hospedeira e um piloto fizeram gorar duas tentativas separadas para assaltar aviões colombianos nos ares e desviá-los para Cuba.

Num dos incidentes, a hospedeira Dora Lopez subjugou anteontem um jovem, armado com uma faca, que pretendia atacá-la por detrás e manteve-o

dominado, obrigando-o a deixar cair a arma.

● MULHER COM 2 METROS DE ALTURA

SALISBURY, 12 — (R.) — Vive no coração da selva rodesiana uma das mulheres mais altas do mundo. Trata-se de Mildred Tshakay, de 23 anos, que tem cerca de dois metros de altura e que continua ainda a crescer.

● RUSGA ANTI-HIPPIES NO MÉXICO

MÉXICO, 12 — (F. P.) — Foram presos cento e vinte e sete hippies, estrangeiros na sua maior parte, na Sierra de Oaxaca, paraíso dos amadores de alucinógenos, no decorrer da maior rusga que o México conheceu.

NOVAS PERSPECTIVAS NAS RELAÇÕES LESTE-OESTE

WASHINGTON, 12 — (Por Jean Legrange, da F. P.) — O presidente Richard Nixon marcou um ponto ao tomar o «risco calculado» de ir à Romênia no princípio de Agosto: a União Soviética, qualquer que seja o descontentamento que sinta, espera ir para a frente no caminho do desanviamento Leste-Oeste.

O importante discurso pronunciado por André Gromyko, inteiramente mudo quanto à próxima viagem do presidente dos Estados Unidos ao seio do bloco comunista da Europa Oriental, abre mesmo a porta a novas perspectivas no domínio do «contrôle», dos armamentos nucleares e das relações entre a União Soviética e os Estados Unidos.

O discurso do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros é construtivo, segundo a análise feita na capital americana. Gromyko demonstrou que os interesses supremos dos seus países e os dos Estados Unidos são paralelos.

O Kremlin decidiu não

se deter na «intrusão» do presidente Nixon na esfera de influência comunista e continuar a procurar uma aproximação.

As declarações do ministro soviético deixam prever que não deverá tardar uma resposta oficial à proposta americana de manter conversações sobre o «contrôle» dos armamentos nucleares no fim de Julho em Genebra ou em Viena. Moscovo está também interessado em que Washington aborde este problema que tem um interesse vasto para o plano da segurança dos dois países e afecta gravemente os respectivos orçamentos.

● REGRESSO DOS PILOTOS DETIDOS PELOS RUSSOS

TREBIZONDA, 12 — (F. P.) — Os dois pilotos que participavam no «rallye» Rhod-Dusseldorf e que tiveram de fazer uma aterragem forçada perto de Batum, na União Soviética, chegaram ontem a esta cidade a bordo do seu avião.

A COVINA

COMPANHIA VIDREIRA NACIONAL, S. A. R. L.

comunica aos seus clientes e amigos que a partir do dia 14 do corrente passam a funcionar no novo edifício COVINA os seguintes serviços da empresa:

ADMINISTRAÇÃO

DEPARTAMENTO FINANCEIRO

SERVIÇOS COMERCIAIS

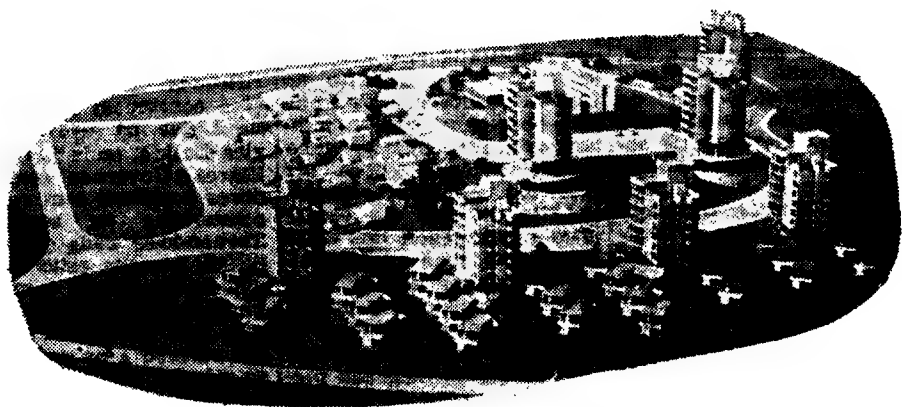
EDIFÍCIO COVINA

Av. da Liberdade, 192 — Lisboa 2

Caixa Postal 2951 — Telefones 56 20 31/56 20 38

Telex 1843 Covina P — Telegramas GOVINA

Cascais vai ter uma nova urbanização



CONJUNTO URBANO DA PAMPILHEIRA — CASCAIS

J. PIMENTA, S. A. R. L.



Oferece-lhe agora as vantagens de sempre, num ambiente excepcional. Em plena vila de Cascais, os novos apartamentos são dotados de máximo conforto desfrutando de uma bela vista panorâmica sobre o mar e serra de Sintra.

Nova modalidade em Apartamentos Mobilados

190 Contos rendem-lhe 1187\$50 mensais

garantidos por escritura pública durante 6 e até 18 anos. Administrando directamente pode obter um rendimento mensal de 1.437\$50 (superior a 9%)

3000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

INFORME-SE NOS NOSSOS ESCRITÓRIOS:

J. PIMENTA, S. A. R. L.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO:

Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos. Ferragens e ferramentas. Loças sanitárias, tintas e máquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, novidades, em artigos domésticos, flores e apetrechos para jardins encontra V. Ex.ª aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J. Pimenta, em Amadora e Queluz, junto às estações de caminho de ferro respectivas.

LISBOA — Rua Conde Redondo, 53-4.º, Esq. — Telef. 45843 e 47843; QUELUZ — R. D. Maria I, 30 — Telef. 95 20 21 - 95 20 22; AMADORA — Reboleira — Telefone 93 36 70

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO



LIVRE
dos problemas da lavagem

LIBERTA
enquanto Indesit lava sozinho

LIBERDADE!

Liberdade é o que a máquina de lavar INDESIT automática lhe oferece.

INDESIT

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65=100)

	4/7/69	11/7/69	Desvio %
GERAL	129,1	129,8	+0,5
TROPOLITANAS	126,9	126,8	-0,1
Alfama	120,1	121,0	+0,7
Belem	94,9	94,9	0
Estimada	121,5	121,9	+0,4
Maritima	126,6	126,6	0
Maritimas	148,1	151,7	+2,4
Maritimas	148,1	151,7	+2,4
Maritimas	148,1	151,7	+2,4

SERVIÇO ESPECIAL PARA VIGO POR OCASIÃO DAS FESTAS DO SENHOR DOS AFLITOS

15 DE JULHO
A 3 DE AGOSTO

A C. P., em combinação com a Rede Nacional dos Caminhos de Ferro Espanhóis (RENFE), vende nas estações de Afife, Ancora, Barcelos, Braga, Caminha, Cerveira, Guimarães, Moledo do Minho, Monção, Porto (S. Bento), Valença e Viana do Castelo bilhetes especiais de ida e volta, a preços reduzidos, para a estação de Vigo, por motivo das Festas do Senhor dos Aflitos e da Virgínia.

Validade dos bilhetes:
Ida: 10 de Julho a 3 de Agosto
Volta: 15 de Julho a 8 de Agosto



FRIGORÍFICOS

★ 100\$00 MENSAIS

★ SEM ENTRADA

★ SEM FIADOR

A. OLIVEIRA

Av. Alm. Reis, 91-A — Lisboa
Tels. 53 63 08 - 53 83 23 - 53 08 28

Caminhos de Ferro Portugueses

Comunica-se a C. P. que desde o dia 1 de Junho são feitas diversas alterações ao horário actualmente em vigor nas Linhas e Ramais a seguir indicados:

- Linha do Norte
- Linha da Beira Alta
- Linha da Beira Baixa
- Linha do Vouga

- Linha do Dão e Ramal de Aveiro a Sernada
- Ramal da Lousã e Linha de Coimbra a Figueira da Foz (via Pampilhosa)
- Tranvia — Figueira da Foz-Coimbra (via Alfairols)
- Serviço Internacional — Lisboa-Paris e Porto-

- Paris
- Tranvias — Porto-Aveiro
- Ramal de Tomar

O pormenor destas alterações consta dos Cartazes-Horários afixados nas estações e nas Secções de Informação ao Público das estações de Lisboa (St.º Apolónia), Lisboa (Rossio) e Lisboa (Terreiro do Paço).

CASAL DA MIRA

Aniversário

da Casa do Pessoal

da J. A. E.

(Continuação da pág. central)
mitir o traçado de algumas ruas).

— *Pedi dinheiro emprestado para pagar o terreno e agora estou a pagá-lo a prestações. O mesmo acontece em relação aos materiais de que me sirvo. Muitas coisas compro-as em segunda mão: as portas e as vidraças, por exemplo. Cada porta custou-me à volta de 180\$00. Isto é: um pouco mais de dois dias de trabalho: ganho 85\$00 por dia.*

Outro morador do Casal da Mira, Carlos Silva justifica-se:

— *As coisas estão cada vez mais caras. Um quilo de cebolas já custa 12\$00... Veja lá... Já tenho a minha casa quase pronta, mas agora veio ordem da Câmara para parar completamente todas as obras. Não sei como vai ser.*

Todos os moradores, porém, são unânimes num ponto:

— *O pior de tudo isto são os tipos que aparecem a fazer prédios para alugar. Os especuladores... Esses é que chamam a atenção da Câmara...*

O jeito para o negócio

Além de um imóvel de grandes proporções (em relação às restantes casas), cuja construção o Município agora embargou, outras casas começaram já a ser construídas no Casal da Mira. Um dos construtores

desta segunda espécie de imóveis, conta-nos como procedeu:

— *Comprei o terreno por quarenta e cinco contos, com um resto de dinheiro que trouxe do Ultramar e com algum que pedi emprestado. Construí depois a casa, com material fornecido por uma pessoa da minha terra, que possui um estabelecimento de materiais de construção e, em seguida, quando já tinha o prédio levantado, fiz uma hipoteca sobre a casa, com a qual acabei de pagar o terreno e alguma coisa do custo da construção.*

Entretanto, no prédio (de traça tosca) com lugar para quatro inquilinos, o seu construtor instalou já um negócio: uma pequena mercearia e taberna, a única loja que existe na povoação. Além disso, o hábil proprietário tem ainda uma venda de pão, a única que serve os habitantes do local.

Ficamos a olhar o seu rosto mal talhado, tentando descobrir nalguma linha os sinais da esperteza e da oportunidade de que dá mostras. Nada: saberá este homem que é o espelho autêntico, em pequena escala, de uma organização social em cujas malhas se move com destreza? E não estará neste homem de pouco mais de trinta anos o futuro «cacique» do Casal da Mira?

J. B.

NOVAMENTE UM PRÊMIO GRANDE
29987—420 CONTOS

VENDIDO PELO

CAMPIÃO

Rua do Amparo 2-C — Lisboa 2 (ou filiais)

A MAIS ANTIGA CASA DE LOTARIAS DO MUNDO
A VENDA A

**TALUDA DOS 4 MIL CONTOS
DA PRÓXIMA SEXTA-FEIRA**

Bilhetes a 250\$00 — Décimos a 25\$00

(Pelo Correio mais 2\$50 para registo)

VENHA... OU ESCREVA!

O TERCEIRO PRÊMIO GRANDE

foi vendido aos BALCOES da

CASA DA SORTE

Veja o anúncio na página central

Necrologia

FALECIMENTOS

Eng. Percy Derwood Thorburn

Faleceu, no dia 10 deste mês, em Ontário, Canadá, o sr. eng. Percy Derwood Thorburn, de nacionalidade inglesa, sócio-gerente da Sociedade de Aprestos Navais Belemar, Lda., Automóveis Chandler, Lda. e Auto Ralli, S. A. R. L., casado com a sr. D. Margery Kennedy Thorburn e pai dos srs. William D. Thorburn, David Stanley Thorburn e Martyn Thorburn.

O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, realiza-se, em dia e hora a determinar, no cemitério inglês.

D. Julia Macarra Liach

Chaveiro

Faleceu a sr.ª D. Julia Macarra Liach Chaveiro, de 85 anos, viúva, natural de Évora. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã, às 10 horas, da Igreja de Nossa Senhora de Fátima para jazigo no cemitério do Alto de S. João. As

8 e 30, será celebrada missa de corpo presente.

António Joaquim da Fonseca

Faleceu o sr. António Joaquim da Fonseca, de 68 anos, marítimo, natural da Murto, casado com a sr.ª D. Ana Maria Tavares da Fonseca. O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se, amanhã, às 11 horas, da Basílica da Estrela para o cemitério da Ajuda.

Jacinto Santos Silva Rodrigues

Faleceu ontem o sr. Jacinto Santos Silva Rodrigues, de 64 anos, morador na Avenida Guerra Junqueiro, 19, 5.º, dt., em Lisboa, agente comercial e pai dos srs. Vítor Manuel e Luís Andrade, realizadores da Televisão, e do compositor António Andrade.

Era também sogro das sr.ªs D. Berta de Oliveira Rodrigues e D. Maria Antonieta Andrade Rodrigues.

O funeral sai amanhã, às 10 horas, da Igreja de São João de Deus, à Praça de Londres, para o cemitério dos Prazeres.

FUNERAIS

Comandante

António Paulino de Jesus

Para o cemitério da Ajuda realizou-se esta tarde o fu-

neral do antigo oficial da Marinha Mercante, comandante António Paulino de Jesus, de 85 anos, e que durante quase sessenta anos serviu em vários navios.

Há mais de 58 anos que ele entrara para a antiga Empresa Nacional de Navegação, indo depois para a Companhia Nacional de Navegação onde se reformaria. Durante a Grande Guerra serviu nos Transportes Marítimos do Estado.

Era casado com a sr.ª D. Maria del Carmen Talone Paulino de Jesus e pai dos srs. eng.º António Talone, Carolina Rodrigues Paulino de Jesus, Orlando Talone da Costa e Silva Paulino de Jesus, de D. Maria de Fátima Rodrigo Talone de Jesus e Pedro José Rodrigo Talone de Jesus.

O funeral saiu da Basílica da Estrela, sendo muitas as pessoas que nele se incorporaram.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

COLÉGIO DOS OLIVAIS

AMBOS OS SEXOS

Infantário — Infantil — Primário

Comunica-se aos Ex.ªs Encarregados de educação, que as inscrições definitivas começam no próximo dia 15

AS AULAS ABREM EM 1 DE OUTUBRO

Impasse C D — Célula C — Olivais Sul — Tel. 316683

DACTILÓGRAFA

**PRETENDE GRANDE EMPRESA
PARA ADMISSÃO IMEDIATA:**

- Idade entre 20 e 25 anos
- Bons conhecimentos de dactilografia e arquivo
- Conhecimentos regulares de inglês e francês
- SITUAÇÃO ESTÁVEL, BOA REMUNERAÇÃO E VANTAGENS SOCIAIS.
- RESPOSTA AO APARTADO 1389 — LISBOA

O PESSOAL DA FIRMA AUTO RALI, s. a. r. l., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento, em Ontário, Canadá, do seu muito estimado Presidente do Conselho de Administração, Ex.ª Senhor PERCY DERWOOD THORBURN.

O PESSOAL DA FIRMA AUTOMÓVEIS CHANDLER, Limitada, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento, em Ontário, Canadá, do seu muito estimado Sócio-Gerente, Ex.ª Senhor PERCY DERWOOD THORBURN.

O PESSOAL DA FIRMA SOCIEDADE DE APRESTOS NAVAIS BELEMAR, Limitada, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento, em Ontário, Canadá, do seu muito estimado Sócio-Gerente, Ex.ª Senhor PERCY DERWOOD THORBURN.

POUCO PROVÁVEL A ANTECIPAÇÃO DAS ELEIÇÕES NA ITÁLIA

ROMA, 12 — (F. P.) — Seis dias após a demissão do Governo de centro esquerda de Mariano Rumor, a crise ministerial italiana está ainda em ponto morto e o presidente da República, Giuseppe Saragat, prossegue desde quinta-feira as consultas com vista a formação dum novo Gabinete. Parece arredada a hipótese de antecipar as eleições, devido à oposição das alas esquerdistas, dos grupos democrata-cristão e socialista, que têm a maioria no Parlamento. Os socialistas da esquerda são mesmo favoráveis a uma recondução pura e simples do Governo de centro esquerda.

O grupo comunista, que representa um terço do electorado, preconiza por seu turno a constituição duma «larga maioria», da qual ele faria parte. Não

só se opõe a eleições antecipadas, como espera, graças a actual crise, entrar na próxima equipa governamental, ao que a sua representação parlamentar aliás o habilita.

Apenas os 29 deputados do Partido Socialista Unitário (que decidiu do P.S.I.) são a favor da dissolução das câmaras, sem grande possibilidade de se fazerem ouvir.

A questão principal é, portanto, a de saber se os comunistas conseguirão o que pretendem ou se, como no passado, a chefia do Governo irá para uma personalidade política que se contente em formar mais um Governo de centro esquerda, sem os comunistas.

Se isso acontecesse, são de prever alterações da ordem semelhantes às de Turim na semana passada,

em que os comunistas ortodoxos protestaram contra o escasso papel que lhes era atribuído na ordem executiva.

Em Bari, no sul da Península, os operários agrícolas em greve há vários dias continuaram a manifestar-se para obter aumentos de salários e regalias sociais. Na Sicília, foi observada uma greve.

O CALOR

PORTO, 12 — No observatório da serra do Pilar, registava-se às 11 horas de horas de hoje 28,8º graus centígrados. Que igual dia do ano passado, à mesma hora, a temperatura registada no mesmo aparelho era de 19,5º graus centígrados. Prevê-se, aliás, que a temperatura suba bastante até às 15 horas se se mantiverem as condições observadas até agora

Não é ainda conhecido o resultado do inquérito sobre a morte do doente carbonizado no Hospital de Braga

BRAGA, 12. — Morreu um doente, por acidente, num hospital, parece um paradoxo, mas o facto deu-se ontem no Hospital de S. Marcos, nesta cidade. E o pior é o que se diz parecer um paradoxo, acontece por esse País fora com relativa frequência, só que os acidentes são diferentes uns dos outros. Este caso de Braga não é, nem será, infelizmente, o único.

O doente de agora morreu por estúpido acidente, mas poderia perguntar-se quantos

morrem por abandono, por descuido, por ficarem horas e horas, especialmente à noite, completamente abandonados.

A maioria das enfermeiras, senão a totalidade, não ficam com enfermeiro ou enfermeira durante a noite e ainda que se fale em rotas nocturnas, estas não terão a extensão devida.

O que acontece, então, no hospital de Braga?

Numa enfermaria de um novo pavilhão do hospital de S. Marcos, enfermaria de cirurgia-homens, encontrava-se desde o dia 6, em estado de coma, com fractura de crânio o sr. Domingos Baptista da Silva, de 35 anos, casado, natural da freguesia de Lavra, Matosinhos e que residia nas Minas da Borralha onde trabalhava. Embatera, nas proximidades daquela mina com a sua motorizada contra um muro.

A enfermaria onde se encontrava é do tipo agora utilizado — um quarto pequeno com três camas apenas — sendo ele o único

doente ali internado naquela altura. Pelas 4 horas de hoje verificou-se haver ali um incêndio, e quando os socorros chegaram as camas e outras peças da enfermaria eram um mar de chamas e o pobre homem estava carbonizado. Morte horrível da qual, naturalmente, nem deve ter-se apercebido por estar em coma. Dominado o sinistro, procurou-se apurar as suas causas e, por agora, tudo leva a crer ter-se dado um curto circuito numa ventoinha que ali trabalhava há já algumas horas. Essa será, se realmente outra não for apontada, a causa da morte daquele doente.

Entretanto, pergunta-se se o seu estado não impunha uma observação mais constante. E, então, ter-se-ia dado conta do sinistro a tempo, talvez, de evitar a morte horrível que teve.

Quanto ao inquérito ordenado pelo provedor da Santa Casa da Misericórdia nada foi ainda divulgado relativamente aos resultados obtidos e aquele continua a decorrer.

AUTOMOBILISMO

O eng.º Burnay Bastos perdeu (afinal) a corrida da Granja

Em relação à corrida de automóveis de Turismo de série disputada no último dia de Maio, na pista da Granja do Marquês, e cujas classificações se encontravam pendentes em virtude de dúvidas surgidas quanto à conformidade regulamentar do carro do eng.º Burnay Bastos, recebemos do A. C. P. a seguinte comunicação:

«As autoridades desportivas da «Taça Comissão Desportiva do A. C. P.,

(Grupo 1 do Anexo J), integrada no «Grande Prémio do Automóvel Club de Portugal», e realizada no passado dia 31 de Maio, na pista da Granja do Marquês, resolveram considerar excluído o automóvel do concorrente eng.º Henrique Burnay Bastos, com os consequentes efeitos de desclassificação, por utilização de calços na suspensão dianteira do veículo que, segundo confirmação da F. I. A., não estão homologados».

Artico

Representações

EBCO MANUFACTURING COMPANY

FONTES DE AGUA QUENTE E REFRIGERADA

OASIS

ESCRITÓRIO, EXPOSIÇÃO E VENDAS: 18, Jardim 9 de Abril, 28. Telefone 669117 22334 Lisboa 2

OFICINAS E ANEXOS TÉCNICOS: 18, Jardim 9 de Abril, 28. Telefone 661044 Lisboa 8



opai

a técnica faz a diferença

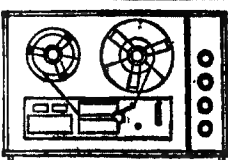
SONY

Compactos, robustos, de manejo muito fácil e numa grande variedade de modelos. Ouça um gravador SONY e ficará maravilhado com a pureza de som.

SONY a marca de maior prestígio no mundo da electrónica, ao seu dispor nas melhores casas da especialidade !...



Sony Radiotransistores



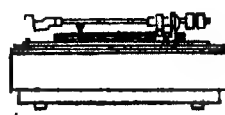
Sony Gravadores



Sony Televisores



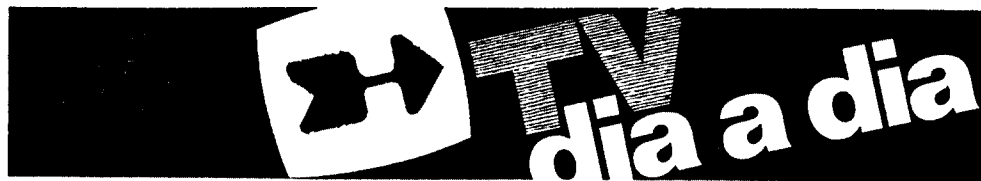
Sony Amplificadores Hi-Fi Stereo



Sony Gradiscos Hi-Fi Stereo

Representantes para Portugal: EMÍLIO DE AZEVEDO CAMPOS & C.ª Lda
Departamento de Material Electrónico — Rua Santo António, 137 — 145 • PORTO

Distribuidor em Lisboa: ANTÓNIO BARÓ, Lda
Rua da Assunção, 99 2º D.



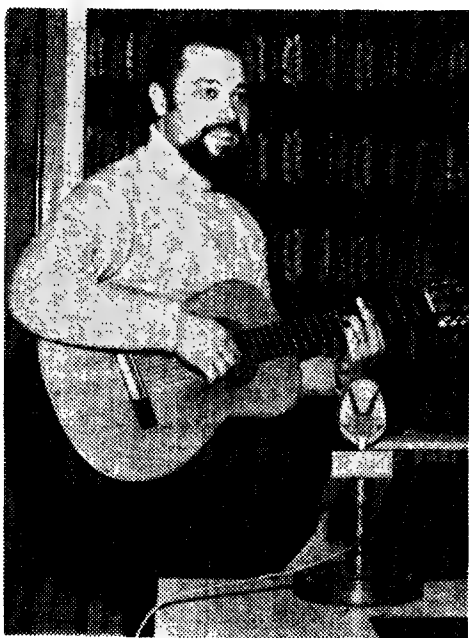
HOJE PODE VER...

TV CLUBE

ELEUTÉRIO SANCHES

ACOMPANHADO pelos violistas Rui Mingas e Teto Sande e ainda por Barceló de Carvalho ao batoque; Eleutério Sanches, interpreta canções tradicionais do folclore de Angola, como «Makoko», «Madié dia a mu-xima», «Lossé né Luá Nqué Uá» e «Mariana Dia Ndimbe», além dou-tras composições de que é autor o próprio Eleutério.

Este programa, realizado por Hen-rique Pavão, é transmitido pelas 22 e 5.



Eleutério Sanches

SEGREDOS DO MAR VERMELHO

DESTA SÉRIE JUVENIL exhibe-se, pelas 20 e 30, o epi-sódio «A história da Celima», com Pierre Massimi, Ben-jamim, Jules Rosette e Adelaide Hassan.

Pierre Lary é o realizador.

Em resumo temos que «Saad enamora-se de Celima, uma das esposas do sultão Hassen e propõe-lhe a fuga, prometendo-lhe casamento e adoptar-lhe o filho.

São, porém, perseguidos através do deserto pelos ho-mens do sultão, que acabam por matar Saad.

Mas Celima e seu filho são salvos por Monfreid »



Pierre Massimi, o principal intérprete de «Segredos do Mar Vermelho», produção francesa que a R. T. P. apresenta aos sábados

2.º PROGRAMA

DA SÉRIE «OS CAMPEÕES», é apresentado, pelas 22 horas, mais um episódio filmado. Stuart Damon, Alexandra Bastedo e William Gamet são os prin-cipais intérpretes.

Um cientista tenta criar seres superiores, seme-lhantes aos campeões e persuade Sharrow a fazer parte da experiência...

A seguir, cerca das 22 e 50, e em repetição, surge, na rubrica «TV Mundo», um documentário sobre a distribuição dos famosos «Oscars» de Hollywood.

Recordemos que este programa foi transmitido no passado dia 6 do corrente na Rede Nacional.



Stuart Damon, Anthony Nicholls e William Ganut, numa cena do filme que se exhibe, logo, pelas 22 horas, no II Programa, a série «Os Campeões»

JUVENTUDE NO MUNDO

ESTE MAGAZINE para jovens é apresentado pelas 19 horas e inclui três fil-mes. O primeiro, intitulado «O Balão» é uma produção suíça; o segundo, de ori-gem belga, refere-se à fama das Ardenas e o ter-ceiro e último, realizado na Alemanha, mostra como se fabricam maravilhosos bo-necos que se vendem em todo o mundo.

O FUGITIVO

A SEGUIR à revista da se-mana «TV 7» é exibido, cer-ca das 23 e 05, o episódio «A bola de cristal estava rachada» da série dramáti-ca «O Fugitivo», com David Janssen no protagonista.

Larry Blyden, Joanna Morre e Nellie Burt são os restantes intérpretes.

A realização é de Walter Grauman.

«Um artista de «music-hall» especialista em tele-patia reconhece Kimble e procura convencer a Polícia que, através da sua percep-ção extra-sensível, sabe on-de ele está »



Richard Kimble é o «Fu-gitivo sempre em perigo

canal da crítica

HAJA ALEGRIA! A SOLUÇÃO ESTÁ NA PEDIATRIA

D. Ana Maria Varela Cid foi abordada por várias mães. As mães tinham problemas. Então D. Ana Maria Varela Cid disse-lhes que o pediatra é que era bom. Para repetir as palavras de D. Ana Maria Varela Cid «está na pediatria a solução da maior parte dos problemas das mães».

Tudo tão fácil, tão fácil! Afinal, não se preocupem: a pediatria resolve. Por exemplo: o menino faz chichi? O menino não tem ape-tite? Toca a procurar o pediatra, pois na pediatria é que está a solução.

A médica Cândida Baptis-ta — que na brevíssima en-trevista repetiu «quê de-zer» 28 vezes, o que signifi-ca que as mães, depois de visi-tarem certos pediatras estão sujeitas a ter de visitar os psiquiatras... — não veio, na entrevista a que D. Ana Ma-ria a condenou, dizer nada de essencial, nada acrescen-tou ao que a médica Natália Sanches já tem dito e redi-to, incluindo os «quê dezer», nos programas femininos.

O mais curioso foi o por-menor de ouvir D. Ana Ma-ria aconselhar com insistên-cia a visita demorada do pe-diatra («o pediatra tem de ser o amigo fiel...») e ouvir depois a médica queixar-se que as consultas dos peda-tras estão superlotadas, que os pediatras não podem dar atenção.

Bolas. Se os pediatras não podem dar atenção, onde es-tão as crianças que não têm

nos que fazem chichi ou pa-rras as crianças que passam fome, perdão!, para as crian-ças que não têm apetite? Em

apetite? Em que ficamos, D. Ana Maria?

BASTIDORES DA AVENTURA

Há várias formas de aven-tura: a aventura de matar, de morrer, de divertir e do conhe-cer. É a grande aven-tura de vencer a natureza. É a grande aventura da bon-da-de. É a grande aventura do heroísmo de não trair um ideal na selva, no pân-tano ou na rotina do quoti-diano.

Em regra, a aventura ofe-

(Continua na página seguinte)

ANDARES VENDEM-SE

Em Benfica, Barca, Amadora, Alges, Linda-a-Velha, Carnaxide, Samouelos e Parede, c/ 3 a 5 casas assanadas, 1 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTASIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA
Telefs. 539200, 2910079 e 785200

PROGRAMA DE HOJE

1.º Programa — As 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Diálogos de Sábado; 20: Teledes-porto; 20 e 30: Série Juvenil; 21: Telejor-nal; 21 e 35: Telejornal — edição especial Visita do Presidente do Conselho ao Brasil; 22 e 5: TV Clube; 22 e 35: TV 7; 23 e 5: «O Fugitivo»; 0 e 5: Marcha do Mundo; 0 e 20: Fecho

2.º Programa — As 21: Telejornal; 2 e 35: Telejornal — edição especial Visita do Presidente do Conselho ao Brasil; 22 e 5: «Os Campeões»; 22 e 50: TV Mundo; 23 e 30: Fecho

TELEVISORES

GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 12 e 30: Abertura e Missa do Domingo; 13 e 5: Fecho; 19: Abertura; 19 e 2: Desenhos Animados; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Barreira de Sombra; 20 e 5: TV Rural; 20 e 35: Falcão; 21: Telejornal; 21 e 35: Telejornal; 22 e 5: Varie-dades — «Os Bons Velhos Tempos»; 23 e 5: Domingo Desportivo; 23 e 30: Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e Fecho

II Programa — As 21: Telejornal; 2 e 35: Telejornal — Visita do Presidente do Conselho ao Brasil; 22 e 5: Noite de Cinema — «Do Lado Nasceu uma Flor»; 23 e 40: Fecho

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

Rádio

PROGRAMAS PARA HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 45 m — 365 kc/s — As 16: No-ticiário — Fim de-semana; 18 e 5: Música de filmes; 18 e 15: Emissão infantil por Madalena Patocha; 18 e 45: Vedetas «Pop»; 19: Cortes dos Espectáculos; 19 e 45: Rádio Rural — Música só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 40: 2.º Episódio do Folhetim «Tris-tezas à Beira Mar»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40 — 1.º Parte de um serão para soldados realizado em Leiria; 21 e 30: Poesia, mú-sica e sonho, por Miguel Trigueiros; 24: Programa da noite; 2: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 15 e 15: A ópera «La Fida Ninta» («A Ninta Fiel») — de Vivaldi comentada por Maria Helena de Freitas; 17 e 42: Con-

certo n.º em mi bemol maior, op. 11 para trompa e orquestra (Strauss); 18: Espelho de Mil Fa-ces, por António Manuel Couto Viana; 18 e 20: Música de piano; 19: O maestro Bruno Walter; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música de arco; 20 e 30: Ciclo de Melo-dias; 20 e 47: Rapsódia Romena n.º 2 em ré maior op. 11 (Enesco) — Orquestra Filarmónica Checa dirigida por Constantín Silvestri; 21: Concerto preenchido com obras de Joaquim Rodrigo e José António de San Sebastian; 21 e 45: O Gosto pela Música, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 15: Música coral sinfónica; 28: A Voz do Ocidente e 15: Fecho

MF 2 — 94,3 mc/s — 23: Par-te de um Concerto pelo «Noneto Muhiquenses» — num programa ce-dado pelo Instituto Alemão; 23 e 50: Música Sinfónica; 0 e 37: Música de piano; 1: Fecho

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — 9 e 10: Rádio Uni-versidade

RÁDIO CLUBE — 190, 13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Eia e o seu mundo; 18 e 20: A. L. Nylfrance; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19: Noticiá-rio; 19 e 15: Robbalo; 19 e 30: Teatro trágico; 19 e 45: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e Noticiário; 20 e 15: Orquestra famosas; 20 e 30: Jornal dos Es-petáculos; 20 e 45: Vozes que são êxitos; 21 e 3: Rádio placard; 21 e 15: Música tradicional e pa-lestra religiosa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande Roda; 0 e 2: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 2: A noite é nossa; 6 e 2: Diário rural; 7 e 3: Talmá

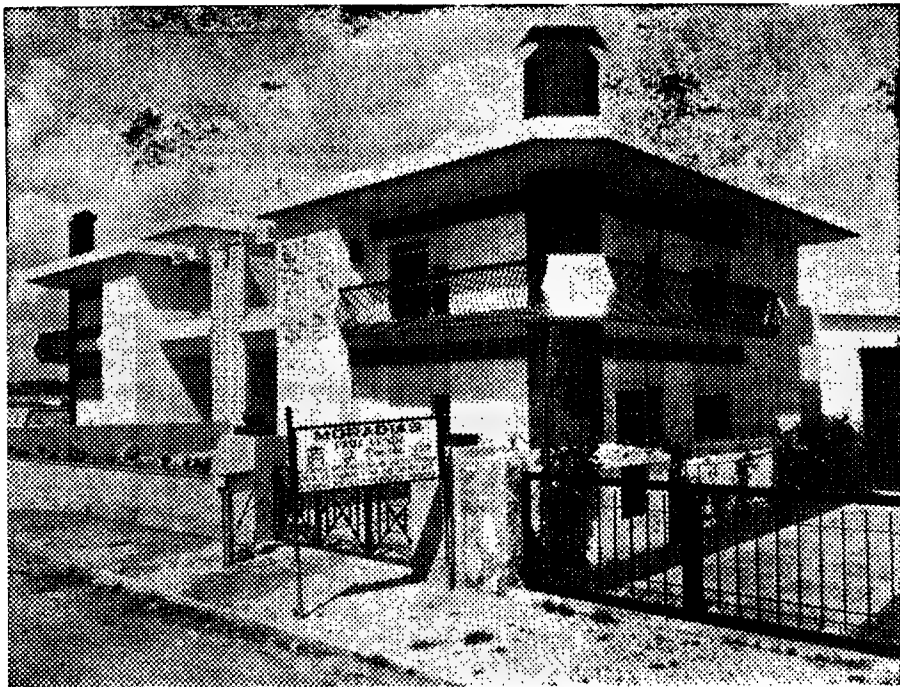
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16: Da Philips para si; 16 e 15: Programa C.D.C. 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 4: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; 21 e 2: Boa Noite em FM; 22 e 2: Programa da G6-G6; 0 e 3: Alô Fidedelidade Philips; 1 e 3: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Progra-ma C. D. C.; 18: Depois do Chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Presença Singer; 19: No-ticiário; 19 e 3: Miscelânea; 19 e 20: Robbalo; 19 e 35: Rádio Placard; 20: Nota de abertura e Noticiário; 20 e 10: Noite dia-a-dia; 21 e 2: Conjunto; 21 e 15: 56-Rádio; 21 e 30: Vozes que são êxitos; 21 e 45: Hora luteira; 22 e 2: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 4: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233, 2 m — 1286 kc/s — As 16: Ra-diorama; 18 e 5: Programa Su-mal; 18 e 20: Noticiário e bo-lefim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 5: Diálogo com os que so-frem; 19 e 25: Leitura do pro-grama e bolefim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: No-ticiário; 20 e 55: Meditação; 21: Verdade e vida; 21 e 30: Música para o seu fim-de-semana; 21 e 45: Grande plano; 22: Orquestras e melodias; 22 e 15: Música seleccionada; 22 e 30: Transmis-são das cerimónias religiosas de Fátima; 24: A 23.ª hora; 2: Fe-cho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e 14 e 30 às 19 e 30; Rádio Voz de Lis-boa — Das 8 às 10 e 19 e 30 e 22; Clube Radiofónico de Portu-gal — Das 10 às 12 e 22 e 23; Rádio Graça — Das 12 às 14 e 30.

Especialmente para si... ...que tem um gosto requintado



construímos, em Paço de Arcos, elegantes moradias com acabamentos de luxo

o r/c. compõe-se:

átio, hall, sala de jantar, sala de estar, biblioteca, sala de engomados, despensa, quarto, l. S. da criada e zona de lavagem de roupa. No 1.º andar: suite, 3 quartos, casa de banho, quarto de recreio, ampla varanda e solário. No espaço envolvente da moradia, cuidadosamente tratado, está localizado o abrigo de viaturas.

Faça uma visita a estas moradias, na Rua José Ferrão Castelo Branco e das suas amplas varandas disfrute as magníficas vistas que elas lhe oferecem.

Se não for esta a solução do seu desejo, consulte-nos porque possuímos terrenos em Cascais, com vista de mar e serra, onde podemos construir ao vosso inteiro gosto.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 458 43-478 43

QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22

REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70



Uma estalagem em construção na Barragem de Montargil

MONTARGIL, 12 — A Associação de Regantes do Vale do Sorraia continua a valorizar cada vez mais a linda Barragem de Montargil. Agora começaram as obras da construção da estalagem, cuja falta muito se fazia sentir, pois são em elevado número os turistas que por aqui passam a caminho de Évora, Lisboa e do Algarve. Fica situada em local

cheio de sombras, muito aprazível e de onde se abarça linda e imponente vista panorâmica.

Melhoramento importante para o turismo interno, dentro do qual esta lindíssima barragem tem lugar especial, pois além das belezas naturais que a rodeiam é atravessada pela magnífica estrada nacional que vai de Chaves a Faro.

(Continuação da pág. anterior)

reclia às crianças através das séries filmadas é a da violência dos punhos, das facas, das armas de fogo. Aventura de matar ou de violentar que prossegue nos desenhos animados com suas quedas, perseguições, vortigens, explosões. Nos filmes à caboi, herói é o que mata melhor, com mais habilidade e vocação.

Diz-se que é o género de aventura que mais apaixonou a infância e a adolescência. Digamos antes que é o género em que mais interessa apaixonar as crianças.

No entanto, nós sabemos. Sabemos que há outras aventuras capazes de encantar os jovens. O Desporto, por exemplo.

Vimos isso nos «Bastidores da Aventura» nos documentários sobre a actividade desportiva de dois raguebistas franceses, os irmãos Camberabero (parece que é assim que se escreve, não?) e do corredor de mo-

tocicleta, o inglês Mike Hallwood quaisquer que sejam as razões que os levaram à prática de tão violentos desportos, ressaltou a necessidade da aplicação, do trabalho constante, da permanente aprendizagem do ofício e de todos os seus segredos. Nos «bastidores» de toda a aventura estão o sacrifício, a inteligência, a vontade, o esforço nunca discutido.

Na fábula de «Os bastidores da aventura» não se tirou essa conclusão e não era preciso tirá-la, tão evidente, tão à superfície se encontrava.

Voto. Voto pela continuação das aventuras sem efusão de sangue. O sanguezinho é muito bonito mas dentro das nossas veias.

M. C.



MOTO-SERRAS

- Postos de Soldadura «ARC WELDER 170»
- Roçadores de Mato
- Brocadores fazendo 5 covas por minuto
- Lâminas, correntes e pinhões de ataque
- Agentes e assistência em todo o País
- Modelos para todos os cortes e agora com a MOTO-SERRA unica no mundo, pesando 2950 kg !!! POWER MAC é !!!
- Tenha cuidado com as imitações de organização e com campanhas... Mais tarde pode arrepender-se !!!
- McCULLOCH sempre na Vanguarda

H. CABRAL & SARZEDAS, LDA.

LISBOA — PORTO — LUANDA — S. TOMÉ
SEDE: AV. DO BRASIL, 41-B — LISBOA
TELEFONES: 772689 - 776635

— RECTIFICAMOS LÂMINAS DE TODAS AS MARCAS —

canal da crítica

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

FALÊNCIA DE ANTÓNIO GONÇALVES MARQUES, LDA.

«AO ÚLTIMO FIGURINO»

LEILÃO

DIREITO AO TRESPASSE E ARRENDAMENTO DO ESTABELECIMENTO

SITO NA RUA GARRETT, NÚMEROS 20 A 26

DIA 21, ÀS 11 HORAS DA MANHÃ

Por determinação do Meritíssimo Juiz Síndico de Falências da comarca de Lisboa, nos autos de liquidação da falência acima referida, será posto em praça, no próprio local, o direito já mencionado e respectiva existência que é constituída por bom mobiliário, vestidos de lã, algodão, sedas naturais, rendas, malhas de lã casacos e vestidos de senhora, saias e casacos conjuntos de malha, camisolos de malha, luvas, meias, hoinas, gorros, perfumes, diversos, estojos de viagem, pulverizadores, bijouterias, sabonetes molduras, malas de senhora, fatos de banho, biquínis, casacos de cabedal, calças de senhora, lenços e écharpes, gabardines, brincos, porta-chaves, pulseiras, colares, manequins, expositores e muitos outros lotes que estarão patentes no acto do leilão.

Os contratos de arrendamento podem ser consultados no nosso escritório.

A LEILOEIRA, LDA.

AV. 5 DE OUTUBRO, 23-1.º — LISBOA — Tels.: 4 59 34-4 62 59

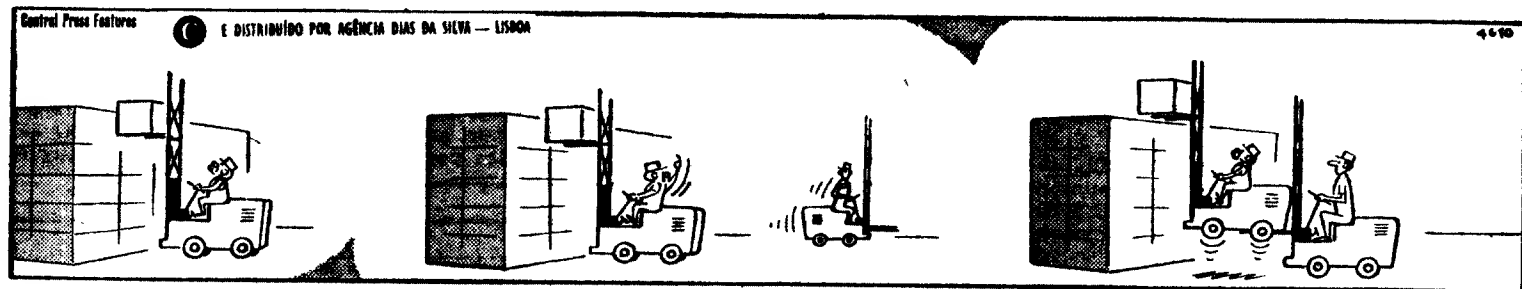
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 12 de Julho de 1939 publicava:

«VARSOVIA, 12 — Os proprietários das casas de Dantzig receberam ordem para as preparar em conformidade com as necessidades da defesa passiva. Nas caves de todos os prédios devem os proprietários construir abrigos. O Senado da Cidade Livre decidiu que a compra ou venda dos prédios fica sujeita a uma autorização prévia das autoridades nazis de Dantzig.»

CAMISAS P/ MEDIDA HIRONDELLE

R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

Ana da Silva Azevedo dos Santos Carvalho

AGRADECIMENTO

Manuel dos Santos Carvalho, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo quando do triste transe do falecimento da sua querida Esposa, visto que por desconhecimento de algumas moradas, o não poder fazer por outra forma

Palavras cruzadas

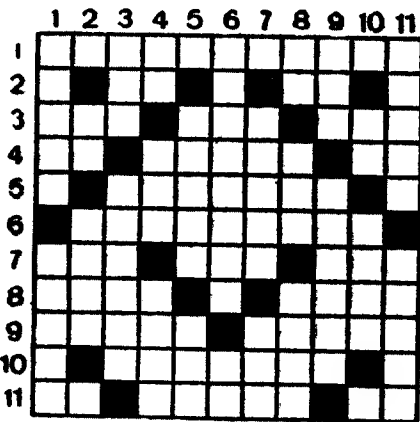
(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 5234

HORIZONTAIS: 1 — Que trepam 2 — Em a Troça 3 — Clariada. Lha do estado da Baía Um milho 4 — O sono das crianças. Botam em (fig.) Quarto 5 — Cobriram de lodo. 6 — Mostra gratidão 7 — Pronome possessivo. Ecoa Consentimento 8 — Reza. Nome de fruto 9 — Chouriço de sangue (prov.) Residem 10 — Assentado 11 — Isolado. Homicídio Cobalto (s. q.).

VERTICAIS: 1 — Completos. Tempo do verbo ser 2 — Satélite de Júpiter. Elemento que entra em algumas palavras com a significação de ar 3 — Eia! Idênticos 4 — Utensílio doméstico. Colorado. Caminharem 5 — Cobre de lodo. Espaço de doze meses 6 — Dançarino. Duas consoantes desiguais 7 — Que é do ar. Matemática (abrev.) 8 — Caminhar. Palavra gauloica que significa filho e precede um grande número de nomes holandeses e escoceses. Tem razões para 9 — Viscera dupla. Desgraçado 10 — Segundo Encoliz 11 — Mata inculta. Bezerro ou burro de um ano.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5233

HORIZONTAIS: 1 — Alamo. Catas. 2 — Litar. Crepe. 3 — Inata. Coser. 4 — Agil. Ora. 5 — Rura. A. Furo. 6 — Aaro. Bara. 7 — Respira. 8 — Im. Ataca. MA. 9 — Nem. Ria. Ad. 10 — Alago. Rodem. 11 — Iodas. Aroa.

VERTICAIS: 1 — Alar. Sinal. 2 — LINGUA. Melo. 3 — Amainar. Mod. 4 — Mat. Area. Ga. 5 — Oral. Ostras. 6 — Pal. 7 — OCOV. Bicare. 8 — Aro. Fara. Or. 9 — TESOURA. Ado. 10 — Aperia. Mães. 11 — Serão. Palma.

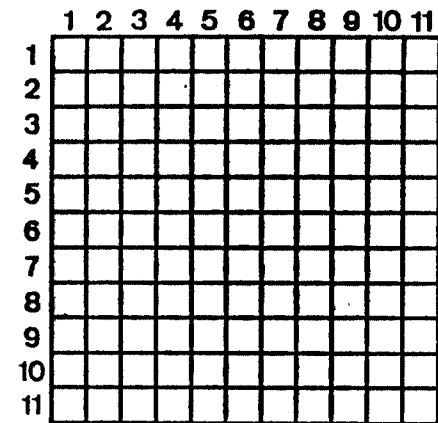
Provérbios: A MÁ LINGUA, TESOURA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9077

HORIZONTAIS: 1 — Capital do Senegal. Epistola 2 — Desperta desejo ardente em Fruto silvestre. 3 — Pronome pessoal. Pertences. O lado do vento. Viração 4 — Layrai. Feitio 5 — Tirar Burla 6 — Isolado. Joieira Segura 7 — Terra regada 8 — Érbio (s. q.). Apelido. Antes do meio dia. Abreviatura que se usa em musica 9 — Ratas. Proposição 10 — Assuntos. Estreito 11 — Freguesia do concelho de Guimarães. Perfume.

VERTICAIS: 1 — Nome de um jogo. Vila e concelho do distrito de Castelo Branco. 2 — Aguças Ratar. 3 — Copalto. (s. q.) Serra de Portugal. Intimo. 4 — Limpa metas. Pronome demonstrativo 5 — Chete etiope. Prega. Sadia. 6 — Basta. 7 — Óxido de cálcio. Estevão Aqui. 8 — Afio. Que não é por 9 — Letra grega. Proceda. Espaço de doze meses 10 — Alraiçora. Rezam 11 — Irmão de Moisés. Pedra preciosa, azulada, e que á luz apresenta cores variadas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9076

HORIZONTAIS: 1 — Curam. Lacem. 2 — Asaro. Asaro. 3 — Pala. Soro. 4 — Ar. Má. Pá. Am. 5 — Sacar. Alie. 6 — Ado. Ito. 7 — Pato. Adem. 8 — Ria. Moi. Osa. 9 — Er. Calma. Tr. 10 — Tapoi. Arder. 11 — Aolos. Narro.

VERTICAIS: 1 — Capos. Preta. 2 — Usara. Alrão. 3 — Lor. Cata. Pt. 4 — Aramado. Cão. 5 — Má. Aro. Mala. 6 — Sol. 7 — Lã. Pal. man. 8 — Assalta. Ara. 9 — Cão. Iodo. Dr. 10 — Erras. Ester. 11 — Maomé. Marro.



PARTIDAS

DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«PORTO»
a sair em 14 de Julho

«PÁTRIA»
a sair em 15 de Julho às 12 horas

«INFANTE D. HENRIQUE»
a sair em 18 de Julho às 12 horas

«LUANDA»
a sair em 30 de Julho

«IMPÉRIO»
a sair em 13 de Agosto às 12 horas

«UIGE»
a sair em 14 de Agosto às 16 horas

«GANDA»
a sair em 18 de Agosto

«LOBITO»
a sair em 28 de Agosto

Com escala por Leixões, para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA

Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA

Com escala por FUNCHAL para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA
Carrega até 14 de Julho

Com escala por LEIXÕES para: LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário). Carrega de 23 a 27 de Julho.

Com escala prévia por LEIXÕES para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA Carrega de 1 a 4 de Agosto.

Com escala prévia por LEIXÕES para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMÉDES. Carrega de 2 a 7 de Agosto.

Com escala por LEIXÕES para: CABINDA, SANTO ANTÓNIO DO ZAIRE, LUANDA, PORTO AMBOEM, NOVO REDONDO, LOBITO, MOÇAMÉDES, PORTO ALEXANDRE (se necessário). Carrega de 10 a 15 de Agosto.

Com escala por LEIXÕES para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMÉDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 19 a 25 de Agosto

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA»
a sair em 9 de Agosto às 18 horas

Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: FENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU, S. JUAN (PUERTO RICO), e PORT EVERGLADES (MIAMI).

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

DESPORTO



Adorni (que não triunfou em nenhuma prova do festival ciclista de Alvalade) no decurso da sua competição com o sportinguista Paulino Domingues

NA APRESENTAÇÃO DE ADORNI «FESTIVAL» EMILIANO DIONÍSIO

Dando início ao programa estabelecido para a estadia da equipa italiana de ciclismo da SCIC, entre nós, a Federação Portuguesa de Ciclismo promoveu ontem, à noite, em Alvalade, o primeiro festival de pista. Da equipa italiana estiveram presentes os seis ciclistas que fizeram a deslocação, entre eles, Vittorio Adorni, o actual campeão do Mundo de estrada e que concitou, como é lógico, as atenções dos numerosos espectadores que acorreram ao Estádio. E diga-se de passagem que o facto em nada surpreendeu, sabendo-se que Adorni é hoje disputado intensamente por todos os organizadores mundiais de provas no género. O grande campeão que não participou no «Tour» de França apenas por necessidade de repouso em virtude da sua constante actividade — não esquecer que participou na Volta à Suíça e no «Giro» de Itália — agradeceu francamente nesta sua primeira actuação entre nós, muito embora todos saibam que Adorni é essencialmente um corredor de estrada como, de resto, o poderá provar no «Lisboa-Porto» que se disputa no próximo domingo. Mas os grandes campeões, à semelhança de Coppi, Bartali e tantos outros, tem sempre a classe suficiente para brilhar até naquelas provas que não constituem verdadeiramente a sua especialidade. E, claro, Adorni também não falhou muito embora tenha sido o seu colega Attilio quem mais deu nas vistas.

E a despeito da boa réplica e afirmação de valor dos ciclistas italianos, a verdade é que os portugueses não saíram diminuídos da luta pois a equipa «leonina» formada por Leonel Miranda e Emiliano Dionísio, um corredor que continua a progredir a olhos vistos, logrou a vitória mais apetecida, isto é, na prova americana, ao fim e ao cabo a melhor prova do festival.

E após ligeiro atraso, o que já vai sendo habitual nestas provas, deu-se início à primeira prova destinada à categoria de Populares, vinte e cinco voltas.

A prova foi animada e no final a classificação dos três primeiros era a seguinte:

1.º, José Bandoia, S. L. Cartaxo; 2.º, Manuel António, Alverca; 3.º, António Santos, Benfica.

Depois, disputou-se uma prova de perseguição em que participou a equipa seleccionada para os Jogos Luso-Brasileiros e outra mista, de profissionais.

Saiu vencedora a equipa mista, composta por Vítor Rocha (Sporting), Américo Silva (Benfica), José Pacheco (F. C. P.) e Fernando Vieira (Bf.) que fez o tempo de 7 m. 12 s. A equipa vencedora, composta por Orlando Correia (Bf.), Henrique Silva (Ambar), Joaquim Moreira (Coelima) e Duarte Ribeiro (F. C. P.) completou a prova no tempo de 7 m. 16 s. 3/5.

Já com o público mais interessado disputou-se em seguida o Critério Internacional de 25 voltas, com «sprints» de cinco em cinco.

A classificação foi a seguinte:

1.º, Attilio Benfatto, SCIC; 2.º, Emiliano Dionísio, Sp.; 3.º, Luciano Armani, SCIC; 4.º, Augusto Cardoso, Bf.; 5.º, Américo Silva, Bf.

E veio a prova de Eliminação para profissionais, um género de competição em que o público, sempre irreverente se compraz em minimizar os elementos do júri, discutindo quase sempre — e quase sempre com razão — as suas decisões.

Saíram sucessivamente da prova: Duarte Ribeiro, Fernando Vieira, Manuel da Costa, Orlando Correia, João Roque, Augusto Cardoso, Vítor Rocha. Ficaram para a final o portista, naturalmente melhor «sprinter» ganhou bem.

O «clow» do festival era naturalmente a derradeira prova, Uma Hora à Americana em que participaram nove equipas: Benfica (A, B e C), Sporting (A e B), SCIC (A e B), F. C. Porto e Távira.

Classificação final:

1.º, Sporting «A», 29 pontos, 89 voltas; 2.º, SCIC «A», 25 e 89; 3.º, Benfica «A», 13 e 89; 4.º, Benfica «B», 12 e 89; 5.º, Sporting, 3 e 89; 6.º, F. C. Porto, 1 e 89; 7.º, SCIC «B», 12 e 88; 8.º, Benfica «C», 11 e 87. Média: 40,406.

V. M.

Eusébio quer do Benfica quase 10 contos por dia durante três anos

Embora a direcção do Sport Lisboa e Benfica afirme (por porta-voz responsável) que não toma conhecimento da proposta para renovação de contrato apresentada oportunamente pelo futebolista Eusébio, a verdade é que o moçambicano pretende, por um compromisso válido por três anos, as seguintes verbas:

- «Luvas»: 7500 contos.
- Ordenado e prémios idênticos aos de qualquer outro «internacional».
- 100 contos se o Benfica vencer a «Taça dos Campeões Europeus» e Eusébio for o melhor marcador

- 80 contos se os «encarnados» triunfarem no Campeonato Nacional e Eusébio obtiver o maior número de golos do torneio.
- 40 contos em caso de vitória na «Taça de Portugal» e Eusébio continuar como «chutador-mor».
- Dez por cento de todos os contratos efectuados pelo Benfica para exibição extra-oficial no estrangeiro.

Partindo da hipótese (remota, embora) de que o Benfica conseguiria triunfar, em três anos seguidos, no Campeonato Nacional, na «Taça de Portugal» e na «Taça dos Clubes Campeões Europeus» e que, ainda, Eusébio era sempre o melhor marcador de golos da

turma, o famoso moçambicano ficaria com a sua independência financeira praticamente assegurada. Isto se considerarmos que, entre ordenados e prémios receberia cerca de dez mil escudos mensais e que o seu clube, graças a esta torrente de vitórias, estabeleceria preços vantajosos por cada exibição além-fronteiras: mais ou menos 750 contos por jogo, prevendo-se dez jogos internacionais particulares em cada temporada.

Por outras palavras: no melhor dos mundos, e com tudo a correr pelo melhor (concordância do Benfica, muito especialmente...) Eusébio prepara-se para assinar um contrato que lhe poderá render 3570 contos por ano. Quase dez contos por dia...

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Grande Torneio Feminino da A. B. L. — C. D. U. L. Encarnação e Algés-Internacional, às 21 e 30; Atlético-Sintra, às 22 horas.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio Aberto de Infantis: Salesiana-Sporting e C. Ourique-Benfica, às 21 horas. — Camp. distrital de iniciados: C. U. F. Fut. Benfica (20 e 45); Física-Oeiras (21), J. Salesiana-Sporting e C. Ourique-Benfica (21 e 30).

VOLEIBOL — Taça de Portugal: Série A: C. D. U. P. F. C. Porto e B. P. M. Oliveira do Douro; Série B: Desp. Póvoa-Leixões e F. Holanda-Nun'Alvares; Série C: Ac. Espinho-Ac. Coimbra; Série D: Benfica-Lisboa Ginásio e Moscardide-Técnico, respectivamente, nos ginásios do I. S. Técnico e do Estádio da Luz. Todos os jogos às 21 e 30 horas.

Os jogos de amanhã da Taça «Ribeiro dos Reis»

Disputam-se, amanhã, os jogos correspondentes à última jornada da primeira fase da Taça Ribeiro dos Reis e que são os seguintes:

GRUPO A — Varzim-Penafiel; Espinho-Braga; Salgueiros-Boavista; Leixões-Leça e Vitória de Guimarães-Tirsense.

GRUPO B — Covilhã-Gouveia; Valecambrão-Benense; Académico de Viseu-Beira-Mar; União de Lamas-Torres Novas e Tramacal-Peniche.

GRUPO C — Torreen-Sporting; «Os Leões»-Marítimo; Sintrense-Belenenses; Alhandra-Atlético e Benfica-Oriental.

GRUPO D — Sesimbra-Portimão; Vitória de Setúbal-Lusitano; Seixal-Luso; Almada-Cuf e Montijo-Barreirense.

O sorteio dos «Nacionais» no dia 23

Pela direcção da Federação Portuguesa de Futebol foram marcados para o dia 23, às 18 horas, na sede da Associação de Futebol de Lisboa, os sorteios dos campeonatos nacionais da 1.ª e 2.ª divisões.

DOMINGO DESPORTIVO

ATLETISMO — Campeonato Nacional de Juniores (masculino), 2.ª jornada, no estádio do Restelo, às 10 h.

BASQUETEBOL — Grande Torneio de Juniores da A. B. L.: Carnide-C. D. U. L. e Internacional-Benfica, ambos nos recintos dos primeiros, às 9 e 30.

— Grande Torneio de Juvenis da A. B. L.: Benfica-Belenenses, Atlético-Nacional ou Pedrouços e Sporting-Ateneu, todos no pavilhão da Ajuda, a partir das 9 h.

CICLISMO — Corrida Lisboa-Porto.

HIPISMO — Apresentação do Cavalo de Sela junto ao Casino Estoril, às 15 e 30.

TIRO A CHUMBO — Provas no Clube Português de Tiro a Chumbo.

INSTANTÂNEOS

«RECORDS» DE GRAÇA

Os «records» não se compram nem se vendem. Batem-se, quando há ensanhas para tanto.

Por isso são de graça. De graça... Maia, neste caso.

A jovem nadadora do Algés derruba máximos com a maior facilidade. Oxalá prossiga e não deixe a carreira a meio, como muitas outras suas antecessoras.

Perderia toda a... graça.



AS «6 HORAS»

Vila Real, com tradições no automobilismo, orgulha-se do seu circuito. Com toda a razão.

As «6 Horas» da bela cidade transmontana marcam uma etapa memorável no seu calendário.

Além, para uma organização tão saliente quanto as «Horas» são boas.

O VOLEI COM SEDE NO PORTO

O Sul, normalmente por intermédio do Técnico, ganhava tudo. Até que souu a hora do Norte. Orientado pelo saber e pela dedicação de Manuel Puga, o F. C. Porto ven-

ceu os «Nacionais» de seniores, juniores e juvenis. Concludente. A sede do volei mudou-se para a Cidade Invicta.

COM UM FILHO NOS BRAÇOS

D. Edite Esteves joga basquetebol no Cif. Uma senhora que representa uma senhora colectividade.

Pois D. Edite, mãe há três meses, prontificou-se a alinhar pela sua equipa apesar do recente parto.



As mulheres lusitanas rasgões o seu caminho — o caminho do futuro, que lhes pertence já por direito de conquistista.

O PESO DE ADILIA

Em Marrocos, Adílio Silvério estabeleceu novo máximo do peso. A marca é boa mas pode ser aumentada, pois as possibilidades da recordista a tal permitem recordar.

A atleta do Sporting soma e segue. E, como vale quanto pesa, o seu peso não ficará pelos números actuais.



AGOSTINHO O EMBAIXADOR

Naquele dia em que Joaquim Agostinho ganhou uma etapa da Volta à França, uma grande alegria, uma consolação imensa invadiu o coração dos portugueses que mourejam em terras gaulesas.

Quanto mais não fosse, só pelos momentos de felicidade que proporcionou aos seus compatriotas acumulados nos «bidonvilles», quantos deles a labutar lá longe em condições de inferioridade relativamente aos habitantes do país que os acolheu, o homem de Brejénas merece o aplauso caloroso, o obrigado comovido de todos nós.

Valente Agostinho com alma de «leão», como a do clube a que pertence.

Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

FÉRIAS NO SUL PARA OS «CAVALEIROS» DO «TOUR»

• JOAQUIM AGOSTINHO MANTÉM-SE NA 15.ª POSIÇÃO

(Continuação da 1.ª página)

mos em dois dias e pelos vistos a coisa promete mais. Ontem, nem o próprio Merckx se meteu em aventuras — pois ele e todo o seu «estado-maior» (Gimondi, Pigeon, Gandarias, Wagtmans e Agostinho, sim senhor) não se incomodaram mesmo nada quando um grupo resolveu «sacudir» a monotonia e lutou contra o vento e as poeiras do caminho e se lançou, estrada fora, na direcção de la Grande Motte. Aliás, isto não tem nada de surpreendente, pois no grupo dos fugitivos não ia nenhum dos considerados perigosos. As coisas foram um pouco esquisitas pois inclusivamente a meio da etapa houve que neutralizar a corrida,

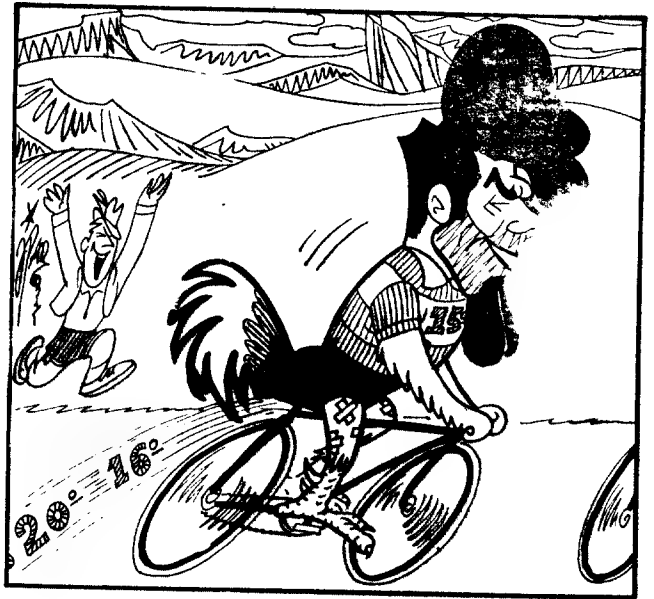
tão forte, e impiedoso era o vento da beira-mar que fustigava os ciclistas. Depois tudo se recompôs, e como houve um grupo de audaciosos, registou-se melhoria. Isto no que se refere aos da frente, pois lá atrás a indiferença continuou a ser total, não havendo sequer a tradicional reacção do pelotão, quando a meta se aproximou.

O «espectro» dos Pirenéus...

Temos a impressão de que se está a passar aquilo que todos esperavam que sucedesse: andou-se demasiadamente depressa na primeira fase da prova, o que, junto ao tremendo esforço que foi pedido nos Alpes, teria de acabar por

influir no rendimento dos estradistas. Corredores não são de ferro e as exigências do «Tour» são imensas. Além disso, na terceira-feira começam os Pirenéus outro «petisco» logo a dar na mesma etapa (a 17.ª Luchon - Mourenx - Ville-Nouvelle, 214 quilómetros) quatro contagens para o «prémio da montanha», duas de segunda categoria e duas de primeira, estas do Col Du Tourmalet e do Col D'Aubisque. Sabendo isto naturalíssimo se torna que se jogue «à defesa», havendo a convicção na caravana de que será aí que a «volta» vai ficar definitivamente decidida. E todos se interrogam: como vai Merckx reagir aos esforços contínuos que tem efectuado, a maior parte

da foi claramente vencida pela sua excelente «carnadura», como ele disse. Uma etapa suave e serena como estava a calhar que o fosse. Como única curiosidade da tirada a novidade da corrida deste ano: a neutralização entre o quilómetro 99 e o 130 — o Mistral dos poetas, a meter-se nestas coisas do músculo.



«Grão a grão» enche o Agostinho o «papo»!...

DIÁRIO DE UM HOMEM SÓ

• DITOU JOAQUIM AGOSTINHO

Outro bom e mesmo oportuno passeio esta etapa de hoje. Palavra que foi mesmo andar a ver a paisagem e as «bonecas», que aparecem aos montes, e são bem «giras». Quase no fim é que aqueles dezasseis se lembraram de dar um «estirão», e quando o fizeram foi mesmo a sério. Houve a «baralhada» do costume pois não se sabia quem lá ia. Quando os «feiras» viram que não passava de «fogo-de-vistas», deixaram-se ir calmamente, e

eu com eles, pois não é a mim, fartinho de sofrer e de fazer esforços, que me compete meter em «aventuras». Quero é chegar a Paris, e depois de tantos e tantos quilómetros a «penar», não sou tão tolo que me vá meter numa «foiestria» que deite tudo a perder.

A «volta» vai a meio e os Pirenéus estão à porta. Tenho é de ter cuidado. Estou a guiar-me pelos maos bem classificados, e creio que assim não me da-

rei mal. Um caso serio foi o vento. Chamam-lhe aqui o «Mistral». Não fui só eu, fomos todos que nos vimos a «rasquinha». Quanto ao resto, tenho de andar, assim, na calma, pois já não vejo muitas hipóteses de subir na classificação. Repito: o que eu quero é acabar.

As minhas mazelas parece que vão melhor. No entanto, não posso dizer nada, em definitivo, pois a etapa foi um passeio tão grande que nem tive oportunidade de saber se estou melhor ou não.

Do nosso enviado especial AMADEU JOSÉ DE FREITAS
com o patrocínio do BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

GRIBALDI NÃO DISPENSA JOAQUIM AGOSTINHO

...e faz um ataque cerrado ao técnico Geminiani.

— Preciso da sua ajuda para explicar uma coisa ao Agostinho...

Isto dizia-me Gribaldi, ontem, antes da partida para a sofisticada La Grande Motte. O Joaquim Agostinho estava a meu lado, com o ar concentrado e bisonho do costume — que nestas coisas o rapaz gosta de perceber o que se passa á sua volta. E Gribaldi mostra-me um papel:

— Isto é um contrato de um ciclista meu chamado Daler, que ninguém conhece, que nunca entrou na «Volta da França», e para quem consegui já uma série de contratos excelentes. Veja, veja...

Lá estava, bem escarapachado: Daler — intervenção em diversas provas no volódromo «qualquer coisa», 700 francos (mais ou menos 4 mil escudos na nossa moeda). E Gribaldi, depois de eu ler continua a tentar convencer-me (sem necessidade). Primeiro, porque não tenho nada com isso. Segundo, porque junto do ciclista eu só estava a fazer o papel de tradutor.

— Para o Agostinho eu conseguirei, depois do que ele está a fazer no «Tour», pelo menos o dobro (vai aqui um parentesis meu: aí á volta de uns oito contos...). Entre a «Volta da França» e o fim da época há, pelo menos, umas 40 provas...

E visivelmente ansioso: — Que pensa ele disto?

Faço a tradução para o

Agostinho. Ele ouve atentamente, pensa e responde:

— É um caso para ver.

Ataque de Gribaldi a Geminiani

Gribaldi escuta e exulta: — Pode fazer assim: acaba o «Tour», ele vai a Lisboa para as homenagens que merece, visita a família, mata saudades e regressa. Estará cá até fins de Julho. Depois, no mês de Agosto não conto com ele. Mas a seguir á «Volta a Portugal» ele voltará a andar comigo. Garanto-lhe que lhe vou dar muito dinheiro a ganhar. De acordo, Agostinho?

E Agostinho responde para mim:

— É altura de eu tratar da vida, não acha? Estou de acordo, mas não posso dizer nada sem o acordo do dr. Pereira da Silva. Eu falei com ele.

Gribaldi ficou encantado da vida e Agostinho foi para a massagem. O técnico fala um pouco mais connosco:

— Geminiani anda doído para ficar com ele. Mas nunca o consentirei. Os seus corredores duram pouco, perdem-se, acabam. A tática do «doping» é de resultados efémeros. Não vê os seus ciclistas este ano? Desapareceram...

A notícia está feita: abrem-se para Agostinho as portas da Europa (e do dinheiro). Mas, acima de tudo, existe a certeza de que se não fosse a sua real categoria nada disto se estaria a passar...

deles sem necessidade e devidos unicamente ao seu espírito indomável de lutador? Perante isto tudo, está-se mesmo a ver, que a rapaziada aproveitou para varenear, aqui, pelas bandas da Riviera, como o Agostinho disse: «hoje foi uma etapa para ver as «bonecas».

Para ele, a tirada foi normalíssima: Se ninguém se metia em «aventuras» não

A França é enorme — todos o sabemos. Basta olhar para o mapa. Por isso mesmo a casualidade de um encontro toma um aspecto muito mais singular. Por isso, aqui se vai falar numa situação desse género: foi em La Motte, um novo «tiro» francês no que respeita a turismo, um dos grandes empreendimentos no género do que se faz pelos nossos Algarves e faz parte de um complexo de seis que farão nascer a «Florida da França». Uma terra nova, portanto.

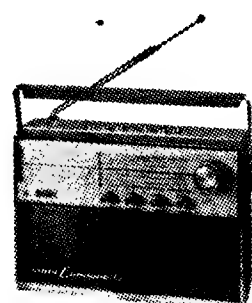
Pois, quando arrumámos o carro, surgiu um «gendarme» que nos obrigou a falar e nos fez logo uma grande festa, mastigando um português difícil e arrastado mas muito aceitável:

— Portugueses? O meu pai também o é...

Apertos de mão, saudações, cumprimentos e um nome portuguesíssimo, que serve bem para graça da notícia: José de Jesus.

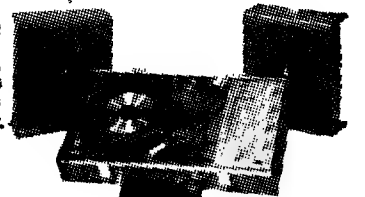
lhe competia fazê-lo, pois continua na sua recuperação, esperando-se que falte muito pouco para chegar á normalidade. Ontem partiu com uma agradável novidade: fez a prova sem nenhuns pensos, sinal evidente de que a cicatrização se faz em pleno trabalho de revalorização e que a inflamação ontem nota-

CHEGAMOS PARA AGRADAR!



MODELO 15H-860
CAMPANETTA
Rádio portátil — 15 transistores mais 10 díodos
Ondas longas, médias, 4 desdobramentos de ondas curtas e FM.

MODELO 6-2312
RADIO - GIRA-DISCOS
Rádio FM-AM com alto poder de captação — 15 transistores mais 5 díodos
1,5 watts por canal — ideal para festas, viagens e picnics



MODELO M26
GRAVADOR CASSETTE
Funcionamento simples, rápido e sem possibilidade de erro
Dispositivo de segurança contra a desgravagem involuntária.



MODELO M212
Gravador totalmente transistorizado — 2 pistas, com controle automático de gravação.



SANYO
UM GIGANTE DA MARAVILHOSA INDÚSTRIA JAPONESA

RÁDIOS • GIRA-DISCOS • GRAVADORES • ALTA FIDELIDADE • STÉREO

DISTRIBUIDOR GERAL NO SUL

Frigel

LISBOA: AV. INFANTE SANTO, 72

A VENDA NAS BOAS CASAS
DA ESPECIALIDADE



Conta Juventude

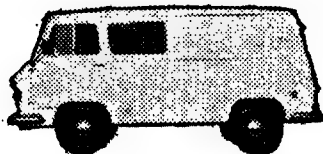
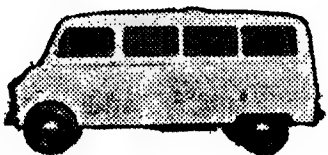
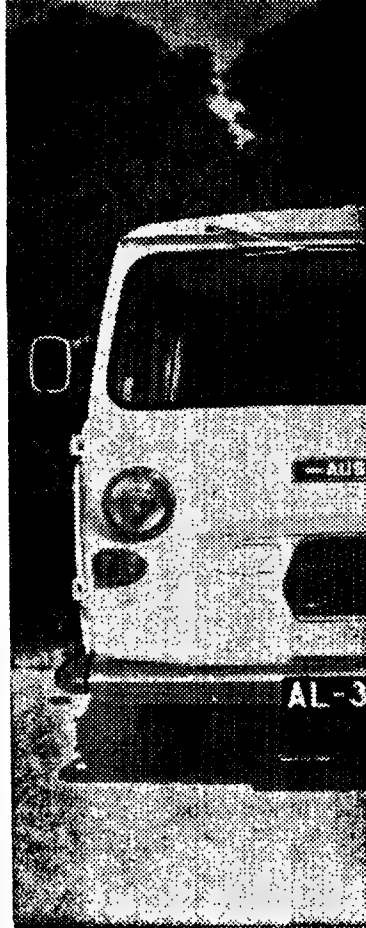
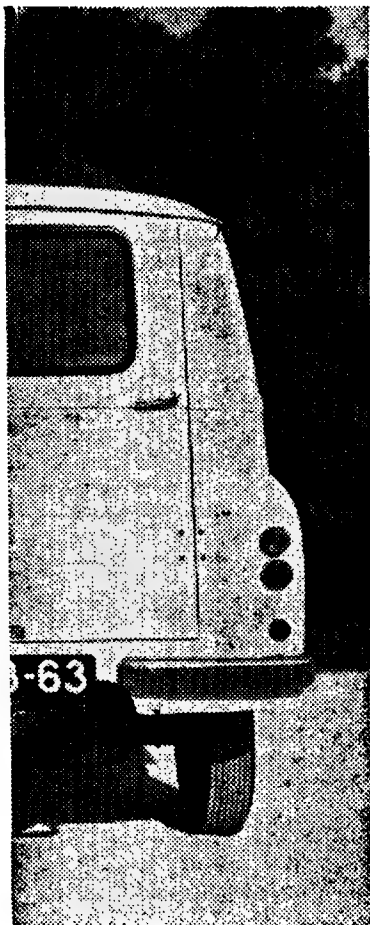
BANCO DO ALENTEJO

comerciais ligeiros

AUSTIN

segurança·conforto·rentabilidade

250JU 200J4



1 ESPAÇO DE CARGA (NA VAN): ALTURA 1,46 m, COM PRIMENTO 2,74 m, LARGURA 1,70 m. 2 PESO-BRUTO 2.500 Kg 3 MODELOS: VAN, CHASSIS/CABINE E MISTAS DE 5 A 9 LUGARES EQUIPADAS COM MOTORES DIESEL E GASOLINA 4 CARROÇARIA MONOBLOCO 5 SEGURANÇA E ECONOMIA 6 AMPLAS PORTAS POSTERIOR E LATERAL PERMITINDO FÁCIL ACESSO PARA CARGA E DESCARGA.



1 ESPAÇO DE CARGA (NA VAN): ALTURA 1,36 m, COM PRIMENTO 2,41 m, LARGURA 1,5 m. 2 PESO-BRUTO 2.032 Kg 3 MODELOS: VAN, CHASSIS/CABINE E MISTAS DE 5 A 9 LUGARES EQUIPADAS COM MOTORES DIESEL E GASOLINA 4 CARROÇARIA MONOBLOCO 5 SEGURANÇA E ECONOMIA 6 AMPLAS PORTAS POSTERIOR E LATERAL PERMITINDO FÁCIL ACESSO PARA CARGA E DESCARGA.

DISTRIBUIDORES GERAIS: J. J. GONÇALVES SU CRS. S.A.R.L. LISBOA • PORTO • ÉVORA
BRAGA • SANTARÉM • MATOSINHOS • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS
EM EXPOSIÇÃO NO NOSSO STAND DA AV. ELIAS GARCIA, 123-A — LISBOA

CRIADAS

Organismo oficial admite criadas com o salário mensal de 625\$00 e 725\$00 no caso de não terem vagas nas camaratas, com direito a alimentação e reforma e com perspectivas de melhoria.

Devem possuir a habilitação da 4.ª classe e idade compreendida entre os 18 e 34 anos.

Resposta a este jornal ao n.º 300.



**JÚLIA MACARRO
LLACH CHAVEIRO
FALECEU**

Suas filhas, genro, netos e mais família, participam que Deus Chamou a Sua Divina Presença a sua muito querida mãe, sogra, avó e parente e que o funeral se realiza amanhã às 10 horas da Igreja de Fátima para jazigo no cemitério do Alto de S. João. As 8.30 horas será celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA BARATA



**ANTÓNIO JOAQUIM
DA FONSECA
FALECEU**

Ana Maria Tavares Fonseca, Maria do Céu Fonseca Simões seu marido e filhos; Maria Adelaide Fonseca Marques, seu marido e filha; António Joaquim Tavares da Fonseca, sua esposa e filhas; Floripes Fonseca dos Santos Gonçalves, seu marido e filhos; Alzira Fonseca e mais família, participam que foi Deus servido chamar a Sua Divina presença, o seu muito querido marido, pai, sogro, avó, irmão, tio e parente, e que o funeral se realiza amanhã, dia 13, pelas 11 horas, da Basílica da Estrela, para o cemitério da Ajuda.

AGÊNCIA BARATA

A SOCIEDADE DE APRESTOS NAVAIS BELEMAR, Limitada, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento, em Ontário, Canadá, do seu muito estimado Sócio-Gerente, Ex.º Senhor PERCY DERWOOD THORBURN.

AUTO RALI, s. a. r. l., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento, em Ontário, Canadá, do seu muito estimado Presidente do Conselho de Administração, Ex.º Senhor PERCY DERWOOD THORBURN.

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 120-A (Telef.: 51586)

AUTOMÓVEIS CHANDLER, Limitada, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento, em Ontário, Canadá, do seu muito estimado Sócio-Gerente, Ex.º Senhor PERCY DERWOOD THORBURN.

CARTAZ DOS CINEMAS

TEL 17 anos Tel. 555131
As 15.15, 18.15 e 21.30
EM 4.ª SEMANA
O mais adulto filme que o cinema nos deu até hoje
A RAPOSA
com Sandy Dennis e Keir Dullea

CONDES
(M. 17 anos) Tel. 322523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30
Mark Damon—Lawrence Dobkin
Arrebatador, implacável, violento
JOHNNY YUMA
— O VINGADOR
BASTMANCOLOR

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 60595
As 3 da tarde e 9.30 da noite
2.ª SEMANA
62 grandes actores internacionais
no filme monumental
em versão de 70 mm
O DIA MAIS LONGO

VOX
(Adultos) Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45
Silva Koscina — Jean Sorel — Gabriele Ferzetti
OS PROTAGONISTAS
Uma extraordinária e excitante aventura
SCOPE — COR

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
MADIGAN
c/ Richard Widmark,
Henry Fonda e Inger Stevens

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
NINGUEM FOGE PARA SEMPRE
UM ITALIANO NA TERRA DOS CANGURUS

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
As 15.30 e 21.30
O mais extraordinário filme sobre um episódio de guerra
A BATALHA DAS ARDENAS
com Henry Fonda, Robert Ryan, Dana Andrews, Pier Angeli e muitos outros artistas de primeiro plano

CHIADO TERRASSE
(M. 12 anos) Tel. 308947
As 21 h
EMBOSCADA NA SOMBRA DESEPTO EM CHAMAS

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15, 18.30 e 21.30
TECHNICOLOR
Há uma chave que todos os meses abre o coração de Sara...
DOCE NOVEMBRO
BANDY DENNIS
e ANTHONY NEWLEY

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
A obra fundamental de Alain Resnais
MURIEL, OU O TEMPO DE UM REGRESSO

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
DE NOVO As 15.15, 18.15 e 21.30
8.ª semana
OLIVER
Real. Carol Reed
com Ron Moody, Oliver Reed, Mark Lester e Shani Wallis
70 m/m — Technicolor
— Ac condicionado —

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30
Uma história verdadeira da guerra de 1914-1918
Suzy Kendall, Kenneth More e Capucine em
ESPIA SEM NOME
Prod. Dino Laurentiis
Real. Alberto Lattuada
Technicolor

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45
Uma história verdadeira da guerra de 1914-1918
Suzy Kendall, Kenneth More e Capucine em
ESPIA SEM NOME
Prod. Dino Laurentiis
Real. Alberto Lattuada
Technicolor

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
As 21.45
UMA AVENTURA DE ALUCINANTE ACÇÃO
TOM DOLLAR
BASTMANCOLOR
MAURICE POLI
GEORGIA MOLL

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
As 17 e 21.30 h
DIABOLICAMENTE TUA
com Alain Delon e Senta Berger

ROMA
(Adultos) Tel. 727778
As 21.30
2.ª SEMANA
O regresso de um grande êxito
ROCCO E SEUS IRMÃOS
Realiza: Lucchino Visconti
com Alain Delon, Annie Girardot, Renato Salvatori e Claudia Cardinale

Chama-se a atenção para o horário da sessão da noite

POLITEAMA
Telet. 326305
HOJE: 15.15 e 18.15 e 21.30
UMA AVENTURA EXPLOSIVA
«SUSPENSE» E ACÇÃO SEM PARAR
COMISSARIO X NO VALE DAS MIL MONTANHAS
com TONY KENDALL e BRAD HARRIS
(Col.) (M. 12 anos)

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.15 e 21.45 (Color)
Um «gang» atrevido sem medo atrevidíssimo...
O ROUBO DA «PIETA»
c/LANDO BUZZANCA, JEAN CLAUDE BRIALY, UTA LEVKA e EDWARD G. ROBINSON

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA DE ÊXITO
VIDAS PERIGOSAS
CLAUDIA CARDINALE e ROD TAYLOR
Perigo! Amor! Aventura!

IMPERIAL
(M. 12 anos) Tel. 45933
As 21 h
RESGATE HUMANO
3 RAPARIGAS EM PARIS

Feira Franca
na Costa da Caparica

Organizada pela comissão paroquial de festas, e com o patrocínio da Comissão Municipal de Turismo, abre amanhã, às 21 e 30, a feira franca da Costa da Caparica

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
15.15, 18.15 e 21.30
O INSPECTOR CLOUSEAU
com ALAN ARKIN

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
HOJE: 15.15 e 18.15 e 21.30
O TRIUNFAL FILME PORTUGUÊS
com o matador MANUEL DOS SANTOS
SOL E TOUROS
com Ana Paula e Leonor Maia (Taílo)
Uma história de amor, ódio e emocionantes touradas — Fados por AMÁLIA RODRIGUES e FERNANDA BATISTA

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
As 21.45
UM POLICIAL DIFERENTE: **COMO SE EU FOSSE UM ESPIÃO**
Bernard Blier — Bruno Cremer — Suzanne Flon

BELA MONTRA
MÓVEIS • ESTOFOS • DECORAÇÕES
EM TODOS OS ESTILOS
RUA RODRIGO DA FONSECA, 12 e 16
T. 534457/59

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa—TURNO E
ALCANTARA — Nogueira, R. do Cacho, 2 (637635).
ALEAMA — Nacional, R. de S. João do Prazer, 26 (663632).
ALVALADE — Carteira, Av. da Igreja, 21-C (776358).
ALVALADE — R. de Janeiro, 65-A (722568).
ANJOS — Metro, R. Álvaro Coutinho, 0 (404711).
ABRIL — Av. de Roma, 56-B-C (75370).
JOÃO XXI, 16-A (720462).
Av. de Roma, R. Guilherme, 12 (721721).
AVENIDA DA LIBERDADE — Nacional, R. do Sol, 1 (46858).
AVENIDA NOVA — Fátima, Av. 5 de Outubro, 47-A (763071).
Avenida, Av. da República, 21-A (533588).
Imperial, 14-A (480028).
Fátima, Av. Duques de Avila, 25-B (47088).
BAIRRO DOS ACTORES e ALAMEDA — Nomes, R. Angelo Peto, 32 (49756).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Asseco, R. 27, n.º 4 (81126).
BARRA — Barral, R. Augusta, 225 (361534/5).
BELEM — Remile, R. dos Jerónimos, 4-C (637699).
BENFICA — Nomes, R. Cláudio Nunes, lote 2 (703393).
Est. de Benfica, 429-43 (780029).
CAMÕES — Modelos, L. Dr. António de Sousa Macedo, 1-A (678806).
Vitorino, Av. do Misticismo, 133 (324564-327563/4).
CAMPO DE GUARDES — Castro, R. 4 de Outubro, 28-A (688857).
Ouro, R. Freitas Góes, 32-B (67667).
CAMPOLIDE — Lab. Rua Rodrigo da Fonseca, 107-107-A (682333).
Pádua, Calçada dos Mestres, 30-A (670000).
R. dos Amadores, 1 (690627).
CARMINE — Lote do Metro, Rua Neves Costa, 33-35 (78081).
ENTRECAMPOS — Galena, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (774920).
ESTEFÂNIA — Estefânia, R. Pescador de Mito, 90 (44438).
ESTRELA — Janeiro, Av. Alvaros Cabral, 100 (661453).
GRACA — Metro, R. S. Sebastião da Moura, 30-A-B (867842).
R. de S. Vicente, 37 (864351).
R. António, 72-C (862939).
JANELAS VERDES — Camões, R. Presidente Américo, 39 (667460).
LUMAR — Alameda, A. dos Li-

* OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

VASCO SANTANA — As 21 e 45:
«Anatomia de uma história de amor» (12 anos).
MONUMENTAL — As 20 e 45 e às 23 h: «A noite» (12 anos).
LAURA ALVES — As 20 e 45 e às 23 h: «Pescado» (17 anos).
CINEMA 5
COLISEU — As 2 e 30: «Aventuras de Glória» (17 anos).
OLIMPIA — As 19: «Os Mosqueteiros do Mar» (12 anos).
ROYAL — As 21: «Assalto ao carro blindado» (12 anos).
PARIS — As 21: «Um homem sem medo» (12 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «O prego de 5 jogadores» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Nebraska o pistoleiro» (12 anos).
CINEARTE — As 21: «A minha filha é um problema» (17 anos).
PROMOTORA — As 21: «Os Cavaleiros do Terrore» (12 anos).
ARCO IRIS — As 21: «7 Pistoles para os McGregors» (12 anos).

BAILE POPULAR NO LICEU FRANCÊS

O «Comité des Groupements Français au Portugal» promove, à semelhança dos anos anteriores, amanhã, à noite, um baile popular, que decorrerá sob as patinas do Liceu Francês Charles Lepierre.

SALÃO LISBOA — As 19: «Aguilões Negros de Santa Fé» (12 anos).
SPORT LISBOA BENFICA — As 2 e 5: «A noite solitária» (17 anos).
UNIVERSAL — As 21: «O Agente diabólico» (12 anos).
CINE-ORIENTE — As 21: «Cett o Lei do Oeste» (2 anos).
CAMPOLIDE — As 21: «As aventuras de O Santo» (12 anos).
ENCARNACÃO — As 21: «Sinal de alarme» (2 anos).
IDEAL — As 21: «Por um punhado de dólares» (17 anos).

Linha de Cascais
OBRAS — OBRAS-CASCAIS — As 21: «Aventura dum espírio» e «Diálogo entre primeiros» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «Golpe sobre golpes» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 21 e 30: «Diabolicamente tua» (17 anos).
CINE-ESPLANADA — As 21 e 30: «Ramonoff e Juliette» (16 anos).
CASCAIS — 5 JOSE — As 21 e 30: «Testemunha suspeita» (17 anos).

Outra Banda
ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 30: «Gigantes em Duelo» (17 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — As 21: «Aulas» e «Marzelle» (12 anos).
BARRIO — GINÁSIO — As 21: «Boa noite senhora Campbell» e «Esquadra 6, 33» (17 anos).
CINE-BARRIO — As 21: «Pimenta francesa» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 30: «Para além das montanhas» (17 anos); UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 30: «O Foragido do Rio Colorado» (12 anos).

Linha de Sintra
DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «A Princesa» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «O homem de Oklahoma» e «Eu sou mau» (17 anos).
AMADORA — RECREIO DESPORTIVO — As 2 e 5: «O Contínente perdido» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 5: «Sherlock Holmes» e «Uma pirotecnista em Londres» (17 anos).
CACEM — CINEMA S. JOÃO — As 21: «O expresso do inferno» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21: «O vingador mascarado» e «Operação Poker» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 5: «A felicidade da sr. Blossom» (17 anos).

COLARES — Colares — Abrelo (Tel. 299088)

Outra Banda
ALCOCHETE — Nomes — L. Cordeiro Ramos da Costa, 10 (Tel. 23437).
ALMO VEDROS — Portugal, Av. do Boi Rosa, 8 (24250).
ALMADA — Galena, R. Capitão Leitão, 85 (246055).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Estrada Nacional, 221-B (4444).
BARRIO — Soares — Av. da República, 1 (Tel. 2273023).
COVA DA PIEDADE — Império, Rua do Boi Esperança, 31-A (274356).
MOITA — União Maternidade, Av. Dr. Teófilo Broga (239025).
MONTINHO — Moderna, Rua Buícho Pato, 60 (23056).
SESIMBRA — Leão Av. Salazar (229471).
SETÚBAL — Recreio, Rua do Romeu (23425).
Santos Nicolau (23330).
SEIXAL — Soremenho — R. Póvo Coelho 38 (Tel. 223560).

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
AGUA GAS e ELETRICIDADE — Companhia das Águas 361850 e Companhia das Águas 361851 e Companhia das Águas 361852 e Companhia das Águas 361853 e Companhia das Águas 361854 e Companhia das Águas 361855 e Companhia das Águas 361856 e Companhia das Águas 361857 e Companhia das Águas 361858 e Companhia das Águas 361859 e Companhia das Águas 361860 e Companhia das Águas 361861 e Companhia das Águas 361862 e Companhia das Águas 361863 e Companhia das Águas 361864 e Companhia das Águas 361865 e Companhia das Águas 361866 e Companhia das Águas 361867 e Companhia das Águas 361868 e Companhia das Águas 361869 e Companhia das Águas 361870 e Companhia das Águas 361871 e Companhia das Águas 361872 e Companhia das Águas 361873 e Companhia das Águas 361874 e Companhia das Águas 361875 e Companhia das Águas 361876 e Companhia das Águas 361877 e Companhia das Águas 361878 e Companhia das Águas 361879 e Companhia das Águas 361880 e Companhia das Águas 361881 e Companhia das Águas 361882 e Companhia das Águas 361883 e Companhia das Águas 361884 e Companhia das Águas 361885 e Companhia das Águas 361886 e Companhia das Águas 361887 e Companhia das Águas 361888 e Companhia das Águas 361889 e Companhia das Águas 361890 e Companhia das Águas 361891 e Companhia das Águas 361892 e Companhia das Águas 361893 e Companhia das Águas 361894 e Companhia das Águas 361895 e Companhia das Águas 361896 e Companhia das Águas 361897 e Companhia das Águas 361898 e Companhia das Águas 361899 e Companhia das Águas 361900 e Companhia das Águas 361901 e Companhia das Águas 361902 e Companhia das Águas 361903 e Companhia das Águas 361904 e Companhia das Águas 361905 e Companhia das Águas 361906 e Companhia das Águas 361907 e Companhia das Águas 361908 e Companhia das Águas 361909 e Companhia das Águas 361910 e Companhia das Águas 361911 e Companhia das Águas 361912 e Companhia das Águas 361913 e Companhia das Águas 361914 e Companhia das Águas 361915 e Companhia das Águas 361916 e Companhia das Águas 361917 e Companhia das Águas 361918 e Companhia das Águas 361919 e Companhia das Águas 361920 e Companhia das Águas 361921 e Companhia das Águas 361922 e Companhia das Águas 361923 e Companhia das Águas 361924 e Companhia das Águas 361925 e Companhia das Águas 361926 e Companhia das Águas 361927 e Companhia das Águas 361928 e Companhia das Águas 361929 e Companhia das Águas 361930 e Companhia das Águas 361931 e Companhia das Águas 361932 e Companhia das Águas 361933 e Companhia das Águas 361934 e Companhia das Águas 361935 e Companhia das Águas 361936 e Companhia das Águas 361937 e Companhia das Águas 361938 e Companhia das Águas 361939 e Companhia das Águas 361940 e Companhia das Águas 361941 e Companhia das Águas 361942 e Companhia das Águas 361943 e Companhia das Águas 361944 e Companhia das Águas 361945 e Companhia das Águas 361946 e Companhia das Águas 361947 e Companhia das Águas 361948 e Companhia das Águas 361949 e Companhia das Águas 361950 e Companhia das Águas 361951 e Companhia das Águas 361952 e Companhia das Águas 361953 e Companhia das Águas 361954 e Companhia das Águas 361955 e Companhia das Águas 361956 e Companhia das Águas 361957 e Companhia das Águas 361958 e Companhia das Águas 361959 e Companhia das Águas 361960 e Companhia das Águas 361961 e Companhia das Águas 361962 e Companhia das Águas 361963 e Companhia das Águas 361964 e Companhia das Águas 361965 e Companhia das Águas 361966 e Companhia das Águas 361967 e Companhia das Águas 361968 e Companhia das Águas 361969 e Companhia das Águas 361970 e Companhia das Águas 361971 e Companhia das Águas 361972 e Companhia das Águas 361973 e Companhia das Águas 361974 e Companhia das Águas 361975 e Companhia das Águas 361976 e Companhia das Águas 361977 e Companhia das Águas 361978 e Companhia das Águas 361979 e Companhia das Águas 361980 e Companhia das Águas 361981 e Companhia das Águas 361982 e Companhia das Águas 361983 e Companhia das Águas 361984 e Companhia das Águas 361985 e Companhia das Águas 361986 e Companhia das Águas 361987 e Companhia das Águas 361988 e Companhia das Águas 361989 e Companhia das Águas 361990 e Companhia das Águas 361991 e Companhia das Águas 361992 e Companhia das Águas 361993 e Companhia das Águas 361994 e Companhia das Águas 361995 e Companhia das Águas 361996 e Companhia das Águas 361997 e Companhia das Águas 361998 e Companhia das Águas 361999 e Companhia das Águas 362000 e Companhia das Águas 362001 e Companhia das Águas 362002 e Companhia das Águas 362003 e Companhia das Águas 362004 e Companhia das Águas 362005 e Companhia das Águas 362006 e Companhia das Águas 362007 e Companhia das Águas 362008 e Companhia das Águas 362009 e Companhia das Águas 362010 e Companhia das Águas 362011 e Companhia das Águas 362012 e Companhia das Águas 362013 e Companhia das Águas 362014 e Companhia das Águas 362015 e Companhia das Águas 362016 e Companhia das Águas 362017 e Companhia das Águas 362018 e Companhia das Águas 362019 e Companhia das Águas 362020 e Companhia das Águas 362021 e Companhia das Águas 362022 e Companhia das Águas 362023 e Companhia das Águas 362024 e Companhia das Águas 362025 e Companhia das Águas 362026 e Companhia das Águas 362027 e Companhia das Águas 362028 e Companhia das Águas 362029 e Companhia das Águas 362030 e Companhia das Águas 362031 e Companhia das Águas 362032 e Companhia das Águas 362033 e Companhia das Águas 362034 e Companhia das Águas 362035 e Companhia das Águas 362036 e Companhia das Águas 362037 e Companhia das Águas 362038 e Companhia das Águas 362039 e Companhia das Águas 362040 e Companhia das Águas 362041 e Companhia das Águas 362042 e Companhia das Águas 362043 e Companhia das Águas 362044 e Companhia das Águas 362045 e Companhia das Águas 362046 e Companhia das Águas 362047 e Companhia das Águas 362048 e Companhia das Águas 362049 e Companhia das Águas 362050 e Companhia das Águas 362051 e Companhia das Águas 362052 e Companhia das Águas 362053 e Companhia das Águas 362054 e Companhia das Águas 362055 e Companhia das Águas 362056 e Companhia das Águas 362057 e Companhia das Águas 362058 e Companhia das Águas 362059 e Companhia das Águas 362060 e Companhia das Águas 362061 e Companhia das Águas 362062 e Companhia das Águas 362063 e Companhia das Águas 362064 e Companhia das Águas 362065 e Companhia das Águas 362066 e Companhia das Águas 362067 e Companhia das Águas 362068 e Companhia das Águas 362069 e Companhia das Águas 362070 e Companhia das Águas 362071 e Companhia das Águas 362072 e Companhia das Águas 362073 e Companhia das Águas 362074 e Companhia das Águas 362075 e Companhia das Águas 362076 e Companhia das Águas 362077 e Companhia das Águas 362078 e Companhia das Águas 362079 e Companhia das Águas 362080 e Companhia das Águas 362081 e Companhia das Águas 362082 e Companhia das Águas 362083 e Companhia das Águas 362084 e Companhia das Águas 362085 e Companhia das Águas 362086 e Companhia das Águas 362087 e Companhia das Águas 362088 e Companhia das Águas 362089 e Companhia das Águas 362090 e Companhia das Águas 362091 e Companhia das Águas 362092 e Companhia das Águas 362093 e Companhia das Águas 362094 e Companhia das Águas 362095 e Companhia das Águas 362096 e Companhia das Águas 362097 e Companhia das Águas 362098 e Companhia das Águas 362099 e Companhia das Águas 362100 e Companhia das Águas 362101 e Companhia das Águas 362102 e Companhia das Águas 362103 e Companhia das Águas 362104 e Companhia das Águas 362105 e Companhia das Águas 362106 e Companhia das Águas 362107 e Companhia das Águas 362108 e Companhia das Águas 362109 e Companhia das Águas 362110 e Companhia das Águas 362111 e Companhia das Águas 362112 e Companhia das Águas 362113 e Companhia das Águas 362114 e Companhia das Águas 362115 e Companhia das Águas 362116 e Companhia das Águas 362117 e Companhia das Águas 362118 e Companhia das Águas 362119 e Companhia das Águas 362120 e Companhia das Águas 362121 e Companhia das Águas 362122 e Companhia das Águas 362123 e Companhia das Águas 362124 e Companhia das Águas 362125 e Companhia das Águas 362126 e Companhia das Águas 362127 e Companhia das Águas 362128 e Companhia das Águas 362129 e Companhia das Águas 362130 e Companhia das Águas 362131 e Companhia das Águas 362132 e Companhia das Águas 362133 e Companhia das Águas 362134 e Companhia das Águas 362135 e Companhia das Águas 362136 e Companhia das Águas 362137 e Companhia das Águas 362138 e Companhia das Águas 362139 e Companhia das Águas 362140 e Companhia das Águas 362141 e Companhia das Águas 362142 e Companhia das Águas 362143 e Companhia das Águas 362144 e Companhia das Águas 362145 e Companhia das Águas 362146 e Companhia das Águas 362147 e Companhia das Águas 362148 e Companhia das Águas 362149 e Companhia das Águas 362150 e Companhia das Águas 362151 e Companhia das Águas 362152 e Companhia das Águas 362153 e Companhia das Águas 362154 e Companhia das Águas 362155 e Companhia das Águas 362156 e Companhia das Águas 362157 e Companhia das Águas 362158 e Companhia das Águas 362159 e Companhia das Águas 362160 e Companhia das Águas 362161 e Companhia das Águas 362162 e Companhia das Águas 362163 e Companhia das Águas 362164 e Companhia das Águas 362165 e Companhia das Águas 362166 e Companhia das Águas 362167 e Companhia das Águas 362168 e Companhia das Águas 362169 e Companhia das Águas 362170 e Companhia das Águas 362171 e Companhia das Águas 362172 e Companhia das Águas 362173 e Companhia das Águas 362174 e Companhia das Águas 362175 e Companhia das Águas 362176 e Companhia das Águas 362177 e Companhia das Águas 362178 e Companhia das Águas 362179 e Companhia das Águas 362180 e Companhia das Águas 362181 e Companhia das Águas 362182 e Companhia das Águas 362183 e Companhia das Águas 362184 e Companhia das Águas 362185 e Companhia das Águas 362186 e Companhia das Águas 362187 e Companhia das Águas 362188 e Companhia das Águas 362189 e Companhia das Águas 362190 e Companhia das Águas 362191 e Companhia das Águas 362192 e Companhia das Águas 362193 e Companhia das Águas 362194 e Companhia das Águas 362195 e Companhia das Águas 362196 e Companhia das Águas 362197 e Companhia das Águas 362198 e Companhia das Águas 362199 e Companhia das Águas 362200 e Companhia das Águas 362201 e Companhia das Águas 362202 e Companhia das Águas 362203 e Companhia das Águas 362204 e Companhia das Águas 362205 e Companhia das Águas 362206 e Companhia das Águas 362207 e Companhia das Águas 362208 e Companhia das Águas 362209 e Companhia das Águas 362210 e Companhia das Águas 362211 e Companhia das Águas 362212 e Companhia das Águas 362213 e Companhia das Águas 362214 e Companhia das Águas 362215 e Companhia das Águas 362216 e Companhia das Águas 362217 e Companhia das Águas 362218 e Companhia das Águas 362219 e Companhia das Águas 362220 e Companhia das Águas 362221 e Companhia das Águas 362222 e Companhia das Águas 362223 e Companhia das Águas 362224 e Companhia das Águas 362225 e Companhia das Águas 362226 e Companhia das Águas 362227 e Companhia das Águas 362228 e Companhia das Águas 362229 e Companhia das Águas 362230 e Companhia das Águas 362231 e Companhia das Águas 362232 e Companhia das Águas 362233 e Companhia das Águas 362234 e Companhia das Águas 362235 e Companhia das Águas 362236 e Companhia das Águas 362237 e Companhia das Águas 362238 e Companhia das Águas 362239 e Companhia das Águas 362240 e Companhia das Águas 362241 e Companhia das Águas 362242 e Companhia das Águas 362243 e Companhia das Águas 362244 e Companhia das Águas 362245 e Companhia das Águas 362246 e Companhia das Águas 362247 e Companhia das Águas 362248 e Companhia das Águas 362249 e Companhia das Águas 362250 e Companhia das Águas 362251 e Companhia das Águas 362252 e Companhia das Águas 362253 e Companhia das Águas 362254 e Companhia das Águas 362255 e Companhia das Águas 362256 e Companhia das Águas 362257 e Companhia das Águas 362258 e Companhia das Águas 362259 e Companhia das Águas 362260 e Companhia das Águas 362261 e Companhia das Águas 362262 e Companhia das Águas 362263 e Companhia das Águas 362264 e Companhia das Águas 362265 e Companhia das Águas 362266 e Companhia das Águas 362267 e Companhia das Águas 362268 e Companhia das Águas 362269 e Companhia das Águas 362270 e Companhia das Águas 362271 e Companhia das Águas 362272 e Companhia das Águas 362273 e Companhia das Águas 362274 e Companhia das Águas 362275 e Companhia das Águas 362276 e Companhia das Águas 362277 e Companhia das Águas 362278 e Companhia das Águas 362279 e Companhia das Águas 362280 e Companhia das Águas 362281 e Companhia das Águas 362282 e Companhia das Águas 362283 e Companhia das Águas 362284 e Companhia das Águas 362285 e Companhia das Águas 362286 e Companhia das Águas 362287 e Companhia das Águas 362288 e Companhia das Águas 362289 e Companhia das Águas 362290 e Companhia das Águas 362291 e Companhia das Águas 362292 e Companhia das Águas 362293 e Companhia das Águas 362294 e Companhia das Águas 362295 e Companhia das Águas 362296 e Companhia das Águas 362297 e Companhia das Águas 362298 e Companhia das Águas 362299 e Companhia das Águas 362300 e Companhia das Águas 362301 e Companhia das Águas 362302 e Companhia das Águas 362303 e Companhia das Águas 362304 e Companhia das Águas 362305 e Companhia das Águas 362306 e Companhia das Águas 362307 e Companhia das Águas 362308 e Companhia das Águas 362309 e Companhia das Águas 362310 e Companhia das Águas 362311 e Companhia das Águas 362312 e Companhia das Águas 362313 e Companhia das Águas 362314 e Companhia das Águas 362315 e Companhia das Águas 362316 e Companhia das Águas 362317 e Companhia das Águas 362318 e Companhia das Águas 362319 e Companhia das Águas 362320 e Companhia das Águas 362321 e Companhia das Águas 362322 e Companhia das Águas 362323 e Companhia das Águas 362324 e Companhia das Águas 362325 e Companhia das Águas 362326 e Companhia das Águas 362327 e Companhia das Águas 362328 e Companhia das Águas 362329 e Companhia das Águas 362330 e Companhia das Águas 362331 e Companhia das Águas 362332 e Companhia das Águas 362333 e Companhia das Águas 362334 e Companhia das Águas 362335 e Companhia das Águas 362336 e Companhia das Águas 362337 e Companhia das Águas 362338 e Companhia das Águas 362339 e Companhia das Águas 362340 e Companhia das Águas 362341 e Companhia das Águas 362342 e Companhia das Águas 362343 e Companhia das Águas 362344 e Companhia das Águas 362345 e Companhia das Águas 362346 e Companhia das Águas 362347 e Companhia das Águas 362348 e Companhia das Águas 362349 e Companhia das Águas 362350 e Companhia das Águas 362351 e Companhia das Águas 3

Diário de Lisboa



Propriedade da
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O tempo

**INFORMAÇÃO
DO SERVIÇO
METEOROLÓGICO
NACIONAL:**

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava limpo e o vento era geralmente fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 36°3; mínima: Alvalade, 13°1.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 25°7; na água do mar: 17°2.

TEMPERATURAS DO AR, AS 9 HORAS — Coimbra, 26°; Faro, 25°; Funchal, 24°; Lisboa, 24°; Portalegre, 27°; Porto, 26°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação do tempo quente, com céu geralmente limpo e vento fraco a moderado do quadrante Leste.

Amãhã
Nascer às 6 e 22
Ocaso às 21 e 2



Dia 14 Dia 22 Dia 29 Dia 5

MARES
PREIA-MAR: Dia 2 — 3h (3,4 m); 15 e 15 (3,6 m); Dia 13 — 3 e 40 (3,4 m); 15 e 56 (3,7 m); Dia 14 — 4 e 15 (3,5 m); 16 e 30 (3,8 m); BAIXA-MAR: Dia 12 — 8 e 30 (1,5 m); 21 e 03 (1,4 m); Dia 13 — 9 e 07 (1,4 m); 21 e 40 (1,3 m); Dia 14 — 9 e 42 (1,3 m); 22 e 14 (1,2 m).

ANTEVISÃO DAS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS MÉDIAS NO CONTINENTE ATÉ AO DIA 25: Céu limpo ou pouco nublado; possibilidade de trovoadas dispersas; vento fraco a moderado do quadrante norte, por vezes fresco no litoral a sul do Mondego, principalmente durante a tarde; temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.

Bancos e casas bancárias burlados com cheques falsos

Foi apresentada queixa, esta manhã, na Polícia Judiciária.

ria, por vários Bancos e Casas Bancárias, contra um ou mais indivíduos por terem apresentado a pagamento cheques com a assinatura falsa de um gerente de uma casa de câmbios, da Rua do Ouro.

Os burlões utilizavam para o recebimento dos cheques falsos um rapaz novo, que hoje foi detido pela Polícia para apuramento de responsabilidades.

Sabe-se que os burlões falsificaram um carimbo de uma das casas de câmbios, a fim de poderem requisitar cadernos

de cheques em várias entidades bancárias.

Montante da burla:

cerca de 2000 contos. O montante da soma até agora apurada, é de cerca de 2000 contos. Entretanto, os agentes da Polícia estão a apurar concretamente as importâncias levantadas por meio de cheques falsos.

Ainda esta manhã, a Polícia tentou apanhar o burlão com uma manobra de surpresa, mas este conseguiu fugir do local onde se encontrava.

O MINISTRO DO INTERIOR VISITOU A JUNTA DE EMIGRAÇÃO

O ministro do Interior, acompanhado do seu secretário dr. Duarte Soares, visitou esta manhã as instalações e serviços da Junta de Emigração, na Rua do Passadiço. O dr. Gonçalves Rapazote chegou ali cerca das 10 horas e foi recebido pelo dr. Francisco Cabrita Matias, presidente da Junta, que o acompanhou na demorada visita àquele departamento.

Agostinho ultrapassou o belga Eddy Merckx no prémio da combatividade

(Continuação da 1.ª página)

avanço sobre o belga David e o holandês Bengels, além de ter obtido 2 minutos e 30 segundos de vantagem sobre Eddy Merckx e outros favoritos.

A fuga de Agostinho foi iniciada exactamente a 50 km da meta.

Agostinho está, agora, em 14.º lugar da classificação geral.

Agostinho fez o tempo de 6 horas 59 minutos e 53 segundos, (com bonificação, menos 20 segundos).

Largada com antecedência

LA GRANDE MOTTE, 12 — (F. P.) — Com meia-hora de antecedência para tentar combater o efeito do vento, foi dada às 10 e 10, aos 95 concorrentes em prova, a partida para a 14.ª etapa, La Grande Motte-Revel, na distância de 234,5 km.

O tempo está bom mas o vento continua a soprar, embora com menos violência do que ontem.

Atraso na marcha

BEDARIEUX, 12.—(F. P.)— No controle de abastecimento de Bedarieux (aos 103

quilómetros de prova) todos os corredores passaram em grupo às 13 e 40, ou seja com 30 minutos de atraso em relação ao horário previsto.

Fuga a 50 km da meta

A caminho de Revel, exactamente a 50 quilómetros da

chegada, Joaquim Agostinho tinha conseguido isolar-se de toda a caravana ciclista e obter 30 segundos de avanço sobre um belga da «Flandria» e cerca de 2 minutos e 40 segundos de vantagem sobre um pelotão que era comandado por Eddy Merckx.

O II CONGRESSO INTERNACIONAL DOS QUE POSTULAM EM JUSTIÇA

Conforme oportunamente noticiámos, realizou-se, em Barcelona, o «II Congresso da Associação Internacional dos que Postulam em Justiça».

A Câmara dos Solicitadores de Portugal, mediante autorização do ministro da Justiça, fez-se representar por uma delegação constituída pelos srs. drs. Paulo Cruz, Fernando Ribeiro de Matos e Rui da Cunha.

Inscreveram-se cerca de 350 Congressistas, salientando-se elevado número de participações estrangeiras, incluindo delegações da Argentina, Bélgica, Chile, França, Inglaterra e Uruguai.

Os trabalhos decorreram de forma altamente proveitosa, tendo sido discutidas diversas teses apresentadas, algumas da autoria de ilustres professores de Direito, juizes, advogados e, naturalmente, de solicitadores.

A delegação portuguesa apresentou três comunicações, cujas conclusões foram

multo aplaudidas e consideradas de elevado interesse para o preenchimento dos fins que a Associação se propõe atingir.

Na sessão solene de encerramento do Congresso a delegação portuguesa fez a entrega, ao presidente da Associação Internacional de uma miniatura da estátua da Justiça que se encontra na Secção do Porto da Câmara dos Solicitadores.

O próximo Congresso deverá efectuar-se dentro de dois anos, possivelmente em Londres, conforme proposta da delegação inglesa.

O GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA VISITA FANHÕES

O sr. dr. Afonso Marchetti, Governador Civil do Distrito de Lisboa, visita, amanhã, a freguesia de Fanhões, do concelho de Loures, estando a chegada prevista para as 18 horas.

SECOL

FÉRIAS

Quer já tenha o seu programa elaborado quer não; quer pretendá-lo gozá-las no território nacional quer no estrangeiro, não deixe de consultar a

SECOL — Soc. Excursões e Comércio, Lda

Fundada em 1909

R. Ferragial, 48 - 1.º Dt. (esquina da R. Alecrim)

Telef.: 32 46 22 - 32 16 23 - 32 44 84 (PPC)

LISBOA



AMANHÃ
«MATINEE», às 17 horas no Salão Restaurante

• **BALLET RUSSO DE IRINA GRJEBINA**

• **NATÉRCIA DA CONCEIÇÃO**

MUSICA PARA DANÇAR

SHEGUNDO GALARZA

E SEU CONJUNTO

JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE

E SUA ORQUESTRA

(M. 17 anos)

Preços

Chá completo: 40\$ (taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA

HOJE, às 17 horas

«MATINEE» INFANTIL

(M. 6 anos)

e às 21.30

DIABÓLICO TUA

(M. 17 anos)

AMANHÃ, às 17 e 21.30

A PISCINA

(M. 17 anos)

Ambiente climatizado

FÉRIAS

BALEARES E CANÁRIAS

Partida de Madrid

Preços desde

Esc. 1.320\$00 (8 dias)

Esc. 1.750\$00 (15 dias)

PEÇA INFORMADAÇÕES DETALHADAS

TELEF.: 53 98 71

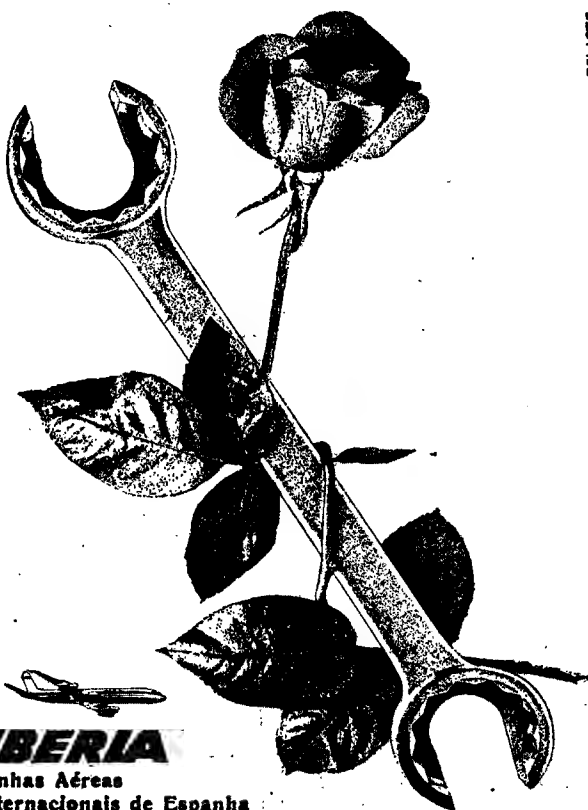
36 25 01

UTILIZE O CREDI-STAR

STAR

Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

Pense em Maiorca:



IBERIA
Linhas Aéreas Internacionais de Espanha

Pense em Iberia:

Onde só o avião recebe mais atenções que V.

Consulte o seu agente de viagens ou:

IBERIA - Avenida da Liberdade, 107
Informações e bilhetes, telef. 562018
Reservas, telef. 539571

SALORA
O TELEVISOR DE ALTA QUALIDADE
PREMIADO COM MEDALHA DE OURO

Srs. agentes de Viagens

Para reservas especiais em Fátima prefiram o
HOTEL SANTA MARIA
Utilidade turística
Recentemente inaugurado
Telefones 97215 e 97236



VISTA SEUS FILHOS NO

BALÃO VERMELHO

A VISTA-SE A SI NA NOVA SECÇÃO

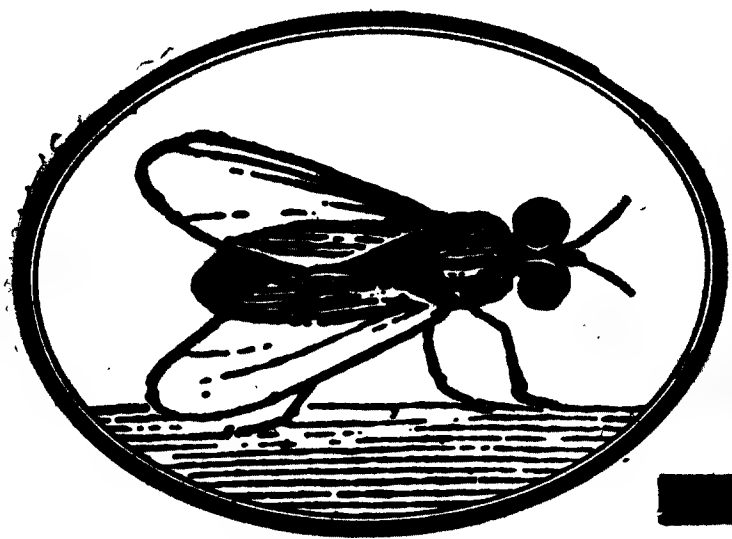
N.º 3

ONDE ENCONTRARA PARA VESTIR
O QUE PRECISE NO MOMENTO

AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR 1-B - LISBOA

AOS PROFESSORES/AS

Externatos de ensino liceal, em Lisboa, com bom ficheiro e ótima situação, admitem com pequenas quotas, 3 professores/as que queiram exercer a sua actividade. Excelentes condições de trabalho e rentabilidade. Resposta ao D. Lisboa, ao n.º 303.



ESTÁS CONIGO
OU CHEIRA-TE
A PALHA?

14

o cavalo de tipóia

Eram poucos (primeiros eles que eram Marialvas) e poucas (depois elas que eram Severas). Vestiram-se na associação dos pescadores, que não devia ter nada que ver com esta história. Deixaram lá as roupas de todos os dias e só trouxeram os trajos a propósito, mais as patilhas e o peito espetado. Cuspiram para o chão, bem puxado, que de Marialvas se tratava, agarraram nas vio-

cordel e não há dúvida que respeitámos o nosso código de cavalos de aluguer, talvez até tivéssemos exagerado mas tem de se compreender que aqueles di- chotes baratos de Marialvas e Severas tinham o condão de irritar qualquer cavalo que se preze, e a verdade é que cavalo que não se sente não é filho de boa égua, e por isso fomos ainda mais devagar, o que irritou brutalmente as

cultivam as ostras que é uma das principais produ- ções do Montijo. Depois sentam-se nas tipóias, elas compõem muito bem as salas (há algumas que não se importam que se veja ou deixe de se ver) e eles ficam de pé, com os joelhos amparados aos delas, a ajear os lenços de pe- coço e a arranjar os bonés ou os Manzanini no tal jeito canalha que o fado can- ta.

Andamos, andamos, va- mos por ruas e ruas, pas- samos junto à igreja, que é do século XV. Segundo um colega meu que teve estu- dos (foi cavalo de um revo- lucionário de 1910 e veio para a praça ainda no tem- po da CGT) é o único ed- ifício notável do Montijo, a tal ponto de ter sido re- construído nos fins do sé- culo XVII. Ai, junto à igre- ja, é que se começa a ver mais gente. E lá vamos

Sempre sem ninguém ou- vir o que cantam, porque como eu percebi a meio, aquilo é tudo para ganhar tempo, enfim, fazer horas até à largada que segundo depois me disse um outro camarada que fez as suas viagens quando tinha economias não tem nada que ver com as de San Fir- min, de Pamplona. Aquilo pareceu-me depois, de facto, uma largada assim mul- to folclórica, uma espécie de marchas populares com touros. Mas explicaram-me que não se devia também pensar assim mal de tudo, pois a Misericórdia faz mu- tos sacrifícios para manter estas tradições todas.

Bom, mas como eu ia a dizer, a gente vai por ali fora, carregando aquilo tu- do, ao fim e ao cabo a nos- sa cruz de cavalos de alu- guer, e há sempre uns ca- valos mais bem dispostos

M
O
S
C
A

las, elas arregaçaram as saias (havia algumas que até pareciam espanholas, de mantilha e tudo: enfim, igno- rância) e saltaram para os carros, espantando-nos da nossa sonolência natural de cavalo de tipóia.

A tarde, o homem que nos alugou falou com o nosso dono e disse-lhe: «Vimos buscar os cavalos para as festas. Veja lá se nos arranja uns bichos de jeito, para não destoarem dos que temos lá cedidos pelas forças vivas do Montijo». Foi assim que eu e os meus companheiros sou- bemos que íamos para o Montijo. Encolhemos as ga- rupas e dissemos cá para a gente: «Paciência».

O cavalo baio que fazia parêlha na tipóia que me destinaram disse-me á boca pequena, já quando as Se- veras e os Marialvas esta- vam instalados: «É pá, va- mos devagarinho, que isso de as pilecas serem raios é só no fado e aconteceu antes do automóvel». Con-

centenas de pessoas que nos viram passar.

Não sei se já alguma vez assistiram ao Desfile do Marialva no Montijo, mas aquilo passa-se como vou contar:

Eles (os Marialvas) e elas (as Severas) despem- se e vestem-se, como já disse, na associação dos pescadores que fica numa rua sossegada, cheia de árvores e de mau cheiro que vem do rio, onde se

Quando tudo está pronto, o mestre de cerimónias dá a partida — aquilo tem mestre de cerimónias e tu- do, como nos casamentos — e lá vamos nós, a puxar Severas e Marialvas, elas caladinhas que são só para fazer vista e eles de pé, cabeça atrada para trás a cantar coisas que ninguém ouve porque a gente nunca pára e as pessoas que es- tão a ver-nos passar fazem muito barulho.

sempre andando, toc, toc, e o cortejo abre com cam- plinos não sei bem porquê, porque a largada de tou- ros é a seguir e isso é que verdadeiramente interessa áquelas pessoas todas que não estão ali para outra coisa senão para ver uns tipos conhecidos apanha- rem umas marradas. Entre- tanto, os Marialvas nunca páram de cantar e elas de mostrarem a toda a gente que lavaram os dentes.

do que outros por isso até houve colegas meus que se fartaram de gozar.

O aborrecido do cortejo são sempre aqueles homens ordinários que há nestas festas e dizem piadas gros- seiras, que faziam rir mul- to os nossos cocheiros (ou seriam carroceiros?) e a quem as Severas chama- vam nomes daqueles que nem um cavalo pode dizer.

(Continua na página seguinte)



o cavalo de tipóia

(Continuação da pág. anterior)

Vocês conhecem o género, olhem, a piada mais fina foi esta: «Oh Elifisa! Vais preeesa?» Francamente, para o, que estamos nós guardados, animais vossos amigos!!!...

Mas então, como ia dizendo, vai daí aos despois, lá vamos nós, toc, toc, com as pessoas todas distraídas ou a dizerem aquelas coisas ordinárias e chegamos á praça de touros, que agora tem gerência nova, parece, e onde passámos as passinhas do Algarve para abrirem as portas e nos deixarem entrar antes de os touros saírem. Francamente, isto de cavalos de aluguer ainda está muito longe das pilecas dos picadores... (Ai, Rocinante, se fosses vivo!)

E na deserta praça de touros acabou este nosso serviço de (improvisados) cavalos de tipóia. Durante longas horas naquele cheiro a touro, que tão nervosos nos deixa. Ali estivemos, às escuras, até recolherem os touros da largada. Não se pode dizer que tenha sido um serviço árduo, ou difícil, ou enfadonho em demasia. Mas não foi nada agradável.

Não foi nada agradável ver aqueles meninos finos e os talhantes a quererem imitar os falecidos marqueses de Marialva; como se já não bastassem os modernos, os adaptados Marialvas, de dois carburadores, corte á francesa e mulher recatada; como se fosse necessário renovar um culto a todos os minutos revivificado... Ah, sim, a minha consolação, consolação de cavalo filho de boa égua, foi ver que andaram «oh tia, oh tia» para arranjar Marialvas em numero bastante. A minha consolação

foi essa e foi ainda ouvir como se pode cantar tão mal um fado. Ai, boas consolações de cavalo de tipóia, esses velhos e bons antepassados desta raça que é a minha e tão desde sempre vossa amiga... Descendente desses desgraçados que eram obrigados a espumarem fora de portas, esqueléticos do mau trato, a correrem para retiros e deboches, cheios de fadistas e da noblesse du vin rouge; igualmente foi grande a minha satisfação ao ver as tipóias, esse famigerado carro de tiro que hoje foi substituído pelos «Porsche», «Maseratti», «Jaguar E» e outros produtos da

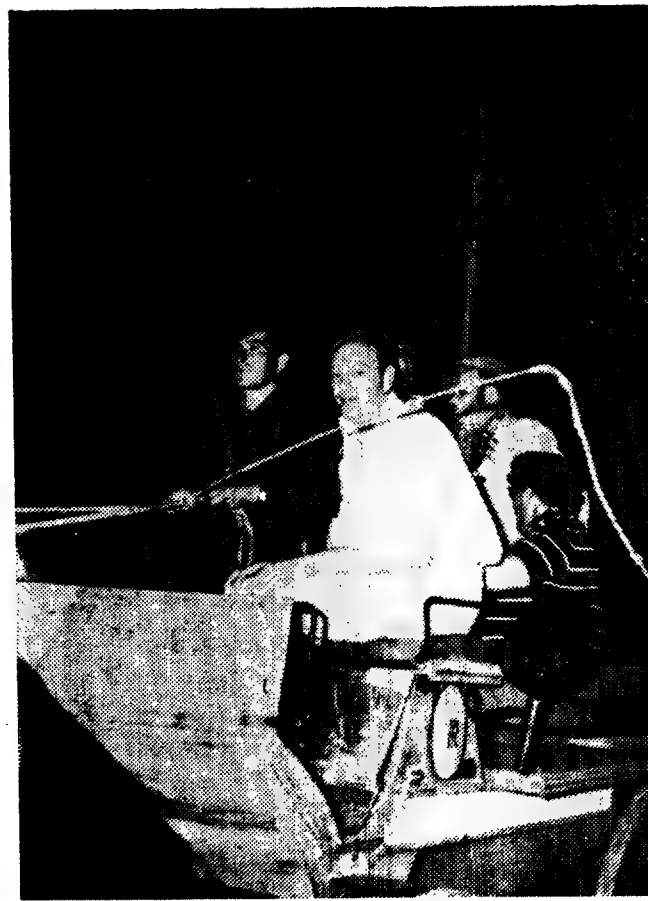
mecânica luxuosa, completamente areadas e pintadas de fresco, retiradas de garagens, reparem bem: garagens.

Mas, por ultimo fica a tristeza que tudo invade, como no fado. A tristeza de ver aquelas raparigas de sorriso de atarrachar, alegres por encarnarem nos seus trajos a famosa Severa que elas não sabem quem foi. Essa Severa que só conhecem de ouvido ou do filme de Leitão de Bar-

Os ordinários
fazem rir
os nossos cocheiros...



Elas vestiram-se
na associação
dos pescadores



ros; essa Severa que podem ter imaginado ao ler Julio Dantas; essa Severa amiga de fidalgos, toureiros e boémios que nos chegou. Ah, meninas, meninas, se vocês tivessem conhecido a Severa, se tivessem conhecido Maria Onofriana, de seu nome verdadeiro, a viver com casa posta ali ao pé do Aljube, se a tivessem ouvido chorar, se a tivessem visto morrer com 26 anos, roída pela sífilis e minada pelas venéreas dos amigos, meninas do Montijo não se ririam tanto talvez fossem deixar uma flor por sua intenção na vala comum do Alto de São João, que guardou os seus desvarios.

Como diferente foi naquela noite a vila do Montijo, triste, artificial, frágil na sua envergadura de cortiça, ostras e carne de porco, engalanada sede de conceito rural de 3.ª classe. Longe vai o tempo de Aldeia Galega, e os tempos da resistência de 1640. Longe vai tudo o resto, que aqueles foram os dias, por mais que se procure fazê-los reviver.

Tipóias areadas
e pintadas de fresco



O DIÁRIO DA MANHÃ
comentou



Sob o título «Flores Fanadas» produziu o matutino Lisboa a «Diário da Manhã», na passada terça-feira, o seguinte precioso comentário sobre o n.º 13 deste suplemento: «A flor. As flores. Uma beleza. Mas deu-lhes... A Mosca.

Pobrezinhas...» «A Mosca» sente-se extremamente lisonjeada com o interesse do comentarista, revelador de muita agudeza de espírito e profunda formação filosófica. É raro congraçarem-se numa mesma individualidade tantos e tão inesperados dotes, pelo que resolvemos conferir-lhe desde já, com larga maioria de votos, o «Prémio da Combatividade».

Seja do seu tempo: leia e divulgue o «Diário da Manhã».

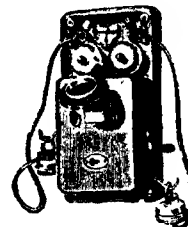
A MOSCA

MAGAZINE SEMANAL DO

Diário de Lisboa

Ora aqui está uma rica «Mosca»: cavalos, tipóias, carroças, pólo («very nice») e o príncipe Carlos com a coroa. Poesia também muito representada, precedida de camisas e antiguidades. A Itália para quem quiser. Mascarenhas o mavioso. E a Mosca de Bibé. Se você não gostar leia os colegas da manhã

«A Mosca»
nunca está
mas atende
sempre.



O cavalo fórmula 1



Os entusiastas do pólo tiveram esta época um importante centenário a celebrar, pois fez precisamente um século que esse «jogo de hóquei», meio para homens meio para cavalos, foi jogado na Grã-Bretanha.

O pólo foi introduzido

na Grã-Bretanha pelo 10.º de hussardos que regressava de uma comissão de serviço na Índia, onde o pólo se tinha tornado já muito popular entre os oficiais britânicos.

A primeira partida de pólo em território insular britânico teve uma

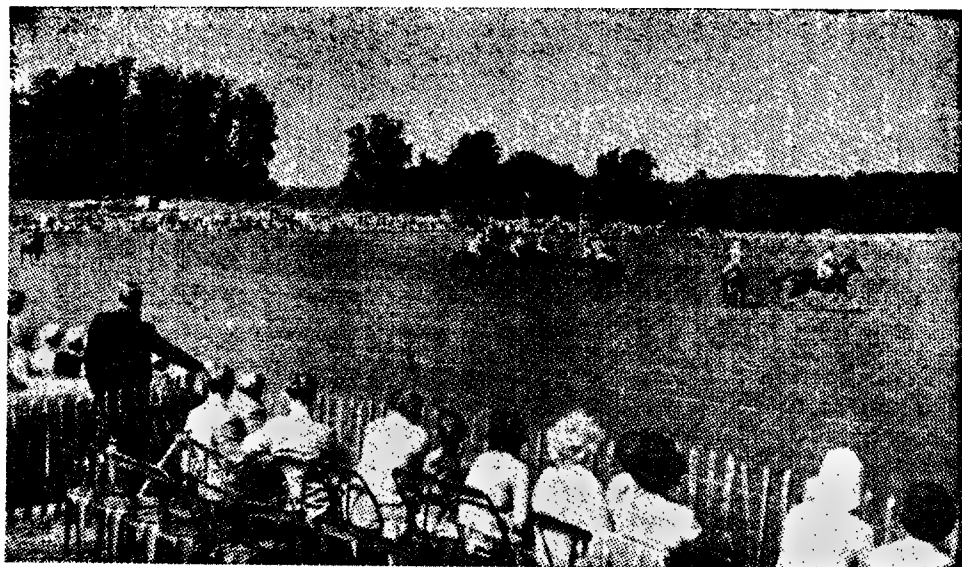
reduzidíssima assistência e aspectos técnicos deficientes, pois realizou-se na parada de um regimento em Hounslow, arredores sudoeste de Londres. Mas esse «match» foi o ponto de partida para o primeiro campo de pólo no Richmond Park, onde ain-

da hoje o Ham Polo Club promove os melhores jogos, todas as semanas.

Hurlingham Club, nas margens do Tamisa, tornou-se, porém a capital do pólo e, mau grado

mil libras (cerca de 700 contos). No entanto, em Windsor, onde o Clube de Pólo da Guarda tem as suas instalações, há amplas oportunidades para todos os membros de todos os ramos das

lentes torneios internacionais. Se você for a Inglaterra e quiser ver um bom jogo de pólo em qualquer daqueles «fields», fica desde já a saber que pagará com o seu carro 50 es-



O pólo é o jogo mais rápido depois do hóquei sobre o gelo. É frequente ver cavaleiros (e cavalos) «sprintar» a mais de 50 km/h

aquele desporto não ter sido jamais ali praticado, as receitas do jogo nas ilhas são ainda administradas pela Hurlingham Polo Association.

Ao princípio, o jogo era disputado com 8 ou 10 de cada lado, mas depressa as equipas foram reduzidas para quatro elementos. Isto teve o efeito de tornar o jogo mais espectacular e, na verdade, o pólo é o jogo mais rápido depois do hóquei sobre gelo. Num «sprint» de linha a linha de fundo do campo (que tem de comprimento 280 metros) é frequente ver-se um cavalo correr a mais de 50 quilómetros por hora. Os cavalos têm de ser tão rápidos e ágeis como gatos, parando, virando de direcção, arrancando, saltando, acelerando em todos os sentidos. É fascinante ver-se um jogador de classe mundial disparar um tiro a longa distância para a baliza ou ver os pôneis nas suas evoluções ultrarrápidas, e a forma como eles carecem antecipar os movimentos. Este é um passatempo muito caro. É essencial um mínimo de quatro cavalos e o preço de um destes cavalos especializados nunca é inferior a 200 libras (140 contos, podendo em muitos casos atingir as

Forças Armadas. O príncipe herdeiro, Carlos, o de Gales, é considerado pelos especialistas como uma promissora realidade do actual pólo, e ele próprio costuma jogar em Windsor frequentemente.

Embora nós, portugueses, possamos pensar o contrário, o pólo é para os ingleses um grande jogo internacional. Durante a época, que dura de Abril a Setembro, há sempre em acção, em Inglaterra, grandes jogadores da Índia, Argentina, México e Estados Unidos e todos os anos há exce-

cudos para entrar aos sábados, e 70 escudos ao domingo.

Precisamente no próximo dia 29 haverá a grande final do maior torneio de pólo do Mundo: a da Cowdray Park Gold Cup. É verdade, nem mais nem menos do que uma taça de ouro.

Se alguma vez for à Grã-Bretanha não se esqueça de ver o pólo, esse desporto de milionários, emocionante, e que em Portugal não poderá observar nem parecido, mesmo que vá às festas do colete encarnado a Vila Franca de Xira.



O príncipe Carlos, o de Gales, parece ser uma promessa neste jogo aristocrata

Porque será que certas pessoas que usam DENTES POSTIÇOS "vivem" mais do que outras?

Como milhões de pessoas que usam dentes postiços, pode também, a partir de hoje, usufruir de maior conforto, maior confiança em si e sentir o prazer duma boa refeição. O segredo é Dr. Wernet, o pó fixativo de dentaduras mais vendido em todo o mundo com uma reputação confirmada por uma experiência de 30 anos. O pó Dr. Wernet é único. Contém agora Neoseal, a descoberta que veio aumentar a firmeza e o poder de segurança da sua dentadura. Pode mastigar com facilidade e confiança, mesmo os alimentos mais "difíceis",



beber líquidos bem quentes - sorrir e conversar. Deixe de se preocupar com os dentes postiços. Experimente o pó Dr. Wernet: ainda hoje e torne-se uma daquelas pessoas que usam dentadura e que não se privam de "viver".

O pó DR. WERNET'S conserva bem fixos os seus dentes postiços.

No dia 17 de Agosto de 1959 um realizador francês, de 29 anos, Jean-Luc Godard de seu nome, começou a rodar um filme de 2500 contos intitulado «**À bout de souffle**», apresentando na figura do protagonista o desconhecido Jean-Paul Belmondo, cujo espírito anárquico, conjugado com um estilo igualmente violento e desprendido, iria entusiasmar certos públicos jovens e muitos cineastas de carreira incipiente. Iniciou-se então a época do anti-herói.



a personagem. Mas sei que há grandes actores que transportam os pa-

que a juventude faz hoje de positivo. Mas quando as diferenças

belmondo e o burro americano

Dez anos depois Godard continua a chocar o público cinéfilo e Belmondo é o actor mais bem pago da França. O mesmo Belmondo é hoje a personalidade estrangeira «campeã de parede» (sob a forma de posters) nas universidades norte-americanas, dividindo os louros dos dormitórios femininos com dois filhos do país: Marlon Brando e Steve Mc Queen.

Em sucessivos filmes e através de reposições de «*À bout de Souffle*», o encanto pessoal, o instinto dramático e a integridade profissional deste actor de nariz quebrado transformaram-no numa figura-chave da década de sessenta.

Belmondo está desde há dias em Hollywood, contratado como «premier rôle» masculino do novo filme de Claude Lelouch, «*L'homme qui l'aime*», em que contracenam com Annie Girardot, velha companheira de «tournées» baratas pela província. Nesta película Belmondo faz o papel dum compositor que encontra — e se apaixona por — uma actriz, ou seja Annie Girardot.



HOLLYWOOD
NÃO COMPENSA

«*L'homme qui l'aime*» («O homem que a amo») não é um filme típico de Hollywood, nem sequer

é falado em inglês, mas em francês — com uma ou outra frase mastigada à base de «chewing-gum».

— Sempre apreciei a ideia de viver em Hollywood — diz Belmondo, que aliás passou três meses na Meca do cinema em 1968. — Só ainda não fiz um filme americano pela simples razão de que falo uma única língua — o francês. (Palavras traduzidas para os jornalistas pela mulher do assistente de Lelouch, Bea Pinoteau).

— Por outro lado — acrescenta o actor — tenho ganho um certo nome nos Estados Unidos com os papéis que desempenhei em filmes franceses. Receio bem não ter o mesmo êxito fora desse ambiente. É certo que a minha participação num filme americano tornar-me-ia bastante mais conhecida. Simplesmente há neste país muitos e óptimos actores...

ELE TEM JÁ 36 ANOS

Aos 36 anos Jean-Paul Belmondo mantém um aspecto juvenil extremamente raro nesta idade e nesta profissão. Considera-se lisonjeado com o respeito (inegável) que Hollywood tem por ele, mas entretanto confessa:

— Não me satisfaz ser apenas um actor bem pago. Um actor tem sempre a ambição de fazer mais e melhor. Por isso não me identifico totalmente com as personagens que me são distribuídas. Prefiro observar os outros homens e acrescentar então gestos e tiques que só eu tenho. Quando não estou a trabalhar «dispo-

péis para a vida de todos os dias. Por exemplo Laurence Olivier.

Os jornalistas americanos quiseram saber o que pensava Belmondo sobre a juventude. Resposta do actor (com uma careta):

— Tenho grande simpatia por tudo aquilo

de idade se acentuam torna-se cada vez mais difícil compreendê-la. Posso dizer isto porque tenho uma filha de quinze anos.

VELHOS E NOVOS

As ideias do compatriota de Ursula An-

dress estão perfeitamente assentes neste capítulo. Eis o desenvolvimento do raciocínio:

— Os jovens fazem o que lhes apetece sem se prender com a opinião das pessoas mais velhas — às vezes até com a opinião de pessoas como eu, que não são assim tão velhas... É melhor que reajam desta forma, de contrário seriam seres absolutamente passivos. Vejo nisso até um sinal de que estão vivos. Quanto às pessoas mais velhas, ou melhor, os tipos «trintões» como eu, tentam por vezes fingir que continuam a ser jovens. É um erro. Acho preferível fazer uma jogada de «bluff» e pensar que também os jovens um dia serão «trintões» e até mesmo velhos...

POLITICA, NÃO!

O mesmo Belmondo é de opinião que os homens de cinema, ao contrário do que sucedeu com Jean Luc Godard,

não devem imiscuir-se na política.

— Na sua vida pública um actor ou um realizador nada ganham em ser políticos — garante ele. — Por exemplo: já viram o aborrecimento de tomar posição contra a América e vir depois, como eu agora vim trabalhar na América?

As acrobacias de Belmondo são lendárias. De resto o actor recusase normalmente a ser dobrado por «dúpos». No último filme de François Truffaut, «*A donzela do Mississipi*», a ex-estrela de Godard deu-se ao luxo atlético de escalar a fachada dum hotel de quatro andares em Antibes. Mas a façanha maior fê-la ele em Hong-Kong há anos, quando desceu, acompanhado dum amigo, pelo alçado lateral do «Milton»: 26 andares!

— Uma pessoa tem que correr riscos na vida — explica Belmondo.

— De outro modo a vida transforma-se numa chatice.

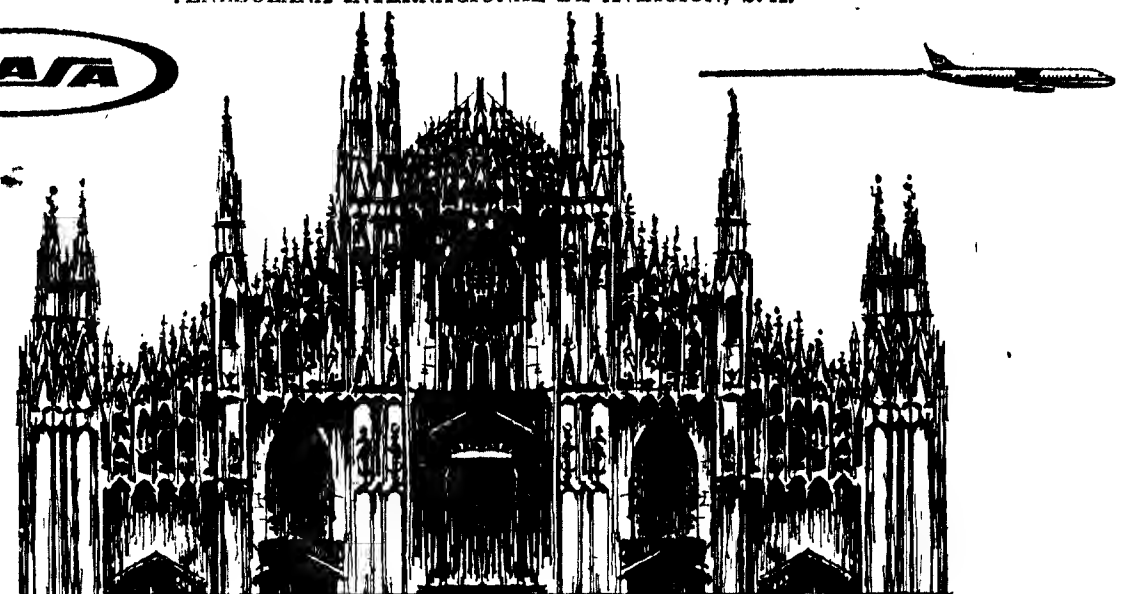
Viasar para MILÃO

significa viajar com a Viasa,
sem escalas, em autênticos vãos relax

V. também pode Viasar para Roma
Viasar é a melhor maneira de viajar

Consulte o seu Agente de Viagens ou a KLM, Agente Geral
VIASA-Praça Marquês de Pombal, Telef. 53 09 69/56 22 40/56 17 42

NA VIASA O TEMPO PASSA VOANDO
VENEZOLANA INTERNACIONAL DE AVIACION, S. A.



Peça informações sobre os novos horários para Milão e Roma.



«PULPO» «CHIPIRONES» E «CALLOS»

Uma das facetas mais curiosas do Escorial é a sua carta (económica) de bar, onde podem encontrar-se todos os dias os «callos» (dobrada — mas muito diferente da portuguesa) à madrilena, os «chipirones» em su tinta» e o «pulpo» frio à galega, de mistura com «roll-mops», enguias à vilão, pescada na caçola e «spaghetti» à napolitana.

Também há diariamente um prato escolhido de cozinha portuguesa: frango na púcara (domingo), açorda de marisco (segunda-feira), coelho à caçador (terça-feira), cozido (quinta-feira), bacalhau no forno (sexta-feira) e arroz de pato (sábado), com uma breve pausa à quarta-feira: «zarzuela» de peixes à catalã.

Ao balcão do bar os apreciadores de «whisky» têm cerca de vinte marcas para beber simples, «on the rocks» ou com águas. No bar ou na sala a carta

tamente com o do Escorial, está na agenda de muitos «gourmets» nacionais e estrangeiros

de vinhos apresenta as melhores colheitas, incluindo algumas raridades no capítulo das «reservas». (Entre parêntesis: a garrafeira do Escorial vale já mais de duzentos contos, e González Vilas mesmo assim desculpa-se dizendo que a casa «está no começo»)

O QUE SE VÊ E O RESTO

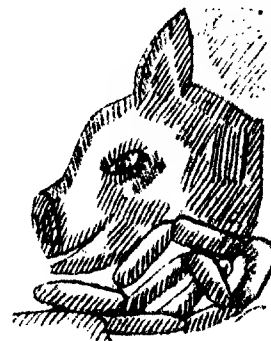
O que se vê (sala, bar e anexos) foi decorado pelo arquitecto Maurício de Vasconcelos, que transformou o Escorial num dos poucos restaurantes lisboetas de nível «top». Do aço inoxidável do bar aos móveis de pau-santo da sala, passando pelas toalhas e guardanapos de um belo vermelho-vivo (o «barman» veste da mesma cor), tudo tem um toque de surpresa.

O que se vê é a grande zona de serviços distribuída por três pisos: cozinha moderníssima (entregue às mãos cosmopolitas de Benito Paz Martínez), câmaras frigoríficas, garrafeira, despensa, lavandaria, refeitório e vestiário do pessoal. A cozinha tem fogão

a gás, grelha a carvão (muito pouco habitual) e «banho-maria» eléctrico. Cinquenta empregados enxameiam discretamente pela casa: não se dá quase por eles.

— Qual é o melhor cliente? — perguntou «A Mosca» a José González Vilas. — O americano? O inglês?

— O melhor cliente — aliançou-nos ele — é o português. Também gosto de trabalhar com o espanhol e o italiano. O americano cria alguns problemas: não sabe o que quer nem o que come, e no fim acha caro, porque lhe meteram no ouvido que Portugal é uma terra de pescadores.



«Pincho» de gambas: a gamba vai a cozinhar descaçada e entremeada com «bacon», misturando-se subtilmente os dois sabores. Quem lançou esta iguaria no pequeno circuito da boa mesa lisboeta foi o restaurante Escorial, unidade de luxo das entradas pela Rua das Portas de Santo Antão.

«A Mosca» poisa regularmente no Escorial e pode desde já adiantar que o seu apetite, inesperado em tão mínimo insecto, se inclina para o delicado «Filet Stroganoff», para a escolha excepcional de grelhados em carvão e para os ditos «pinchos» de gambas. De entre os grelhados sabe apreciar o «mutton-chop», o frango, o porco, a vitela, a costeleta de vaca (e só por vergonha não refere a lista completa).

Cinco sócios, todos oriundos da Galiza, empatarem no Escorial quase 8 mil contos. Disse-nos José González Vilas, um dos proprietários e também chefe

dos «maîtres», homem calmo, educado e com boa soma de informações sobre a arte do «restaurant».

— Pusemos aqui o que há de melhor. Uma vez colhida a fórmula definitiva — restaurante de luxo — não podíamos recuar. Mas uma casa como o Escorial dá imenso trabalho. Em França, por exemplo, há bons restaurantes especializados em duas ou três coisas: imagine-se as preocupações que isso poupa! No Escorial temos de ter tudo, e tudo de primeira qualidade. Com a agravante de o cliente potencial ser uma minoria em relação ao que frequenta os restaurantes médios.

González Vilas veio para Lisboa ainda rapazinho e não esconde as dificuldades com que lutou. O seu primeiro emprego: «groom». Aprendeu dia a dia a arte de servir e dirigir quem serve. Em 1969 é um dos melhores profissionais da capital e o seu nome, jun-



1300 MARK II

a classe desportiva de sempre...

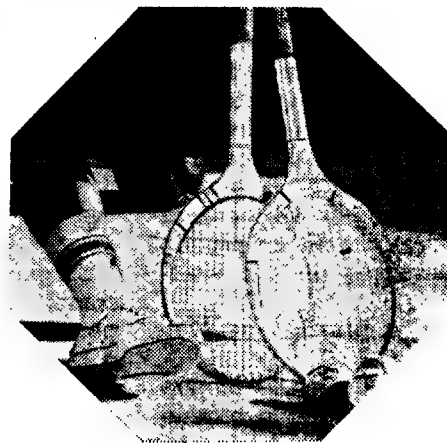


...e a potência ágil
de um «smash»!

Ágil e rápido como um MG 1300 Mark II, o campeão de ténis surpreende a jogada com um fulgurante «smash» e vence o encontro! Você surpreenderá e vencerá também na estrada com a desportividade flagrante, a segurança excepcional e a potência ágil do MG 1300 Mark II. E há que falar nas outras qualidades: interior super-cómodo e luxuoso, tablier requintado com conta rotações e volante de competição, carburador duplo, reduzido consumo... Mas o melhor será vir vê-lo... e em menos de um «smash» ficará encantado... e vencido!

A. M. ALMEIDA, S. A. R. L.

Av. da Liberdade, 11 - Av. 5 de Outubro, 168 - Rua da Escola Politécnica, 39 - Lisboa / Rua Sá da Bandeira, 501 - Porto / Agentes em todo o País





CAMA DOCE CAMA

A Cama é um móvel muito vulgar em todas as casas. Todos nós no entanto, nos sentimos atraídos por essa vulgaridade. Como é bom ter sono! Como é bom estar cansado! Como o amor sabe bem! A cama, enfim, anda sempre no nosso pensamento: quando um homem, às tantas da tarde, baixa as pálpebras por mo-

soma inacreditável de oitenta mil francos.

Eis que chega a altura, todavia, em que a burguesia enriquecida já não se deixa tentar por semelhantes exhibições de luxo. Os escritores preferiam a singeleza: Schiller e Goethe dormiam em simples camas de madeira. E, finalmente, as pessoas ricas renunciam a dormir em quartos separa-

ra e vaso de noite, é absorvido por um guarda-vestidos, nem daqueloutro que se disfarça em piano.

A tudo isto vem finalmente juntar-se o divã, o qual durante o dia toma ares de móvel de sala. Nasce com ele o quarto de dormir-sala, e fecha-se então o círculo: tal como nos antigos tempos, vive-se, nos «compartimentos único»

actuais, noite e dia num só e mesmo local.

• A cama na mão

O alemão Paulo Zeifert, pensando no aborrecimento que é chegar à noite a qualquer sítio desconhecido e não encontrar leito disponível, concebeu, em 1879, uma mala que podia conter o necessário de viagem, mas também ser desmontada e transforma-

da em autêntica cama.

A exposição internacional de balneologia, realizada em Francforte-no-Meno, em 1883, concedeu uma medalha de ouro à cama de Augusto Freire de Hildesheim, cama concebida em intenção aos doentes e que se podia pôr em diversas posições graças a algumas manipulações muito simples. Este móvel engenhoso continha igualmente um «caso de noite e uma bacia para doentes. Não se impôs, porém, ao uso corrente.

• A cama quente

Ninguém gosta de se meter entre lençóis ge-

de lis e insígnias reais.

Os «monges», chamados em Itália «preti», encontram-se em França no século XVII. Trata-se de esquentadores munidos de meios arcos-arcos de madeira, destinados a impedir que os lençóis se inflamem.

É em 1770 que o perspicaz Monsieur Grammech, vindo de Inglaterra, introduziu em Paris as botijas de estanho.

As almofadinhas com caroços de cereja, que se aquecem na lareira, usam-se principalmente no campo. Têm a vantagem de não serem nem pesadas nem rígidas e de se deslocarem com facilidade na cama.



mentos, logo lhe surge um lençol branco e um travesseiro da mesma cor...

Ora recordação tão amável merece um rápido bosquejo histórico. Mas como a preguiça é tão grande e tão doce, e já em pensamento um colchão nos espera, remontar-nos-emos unicamente ao leito de Madame Récamier, concebido no ano de 1798. E, lentamente, de cama em cama, chegaremos até aos dias de hoje.

Pois o leito de Madame Récamier era «branco guarnecido de indiana leve. O dosse da cama encontrav-se fixado ao tecto do quarto. Vaporosos reposteiros de tule caíam à direita e à esquerda. A parede por trás do leito estava revestida de um pesado damasco de cor violeta».

E o príncipe de Metternich?

O príncipe de Metternich, que havia conservado hábitos ancien régime, gastou, para adquirir duas camas, a

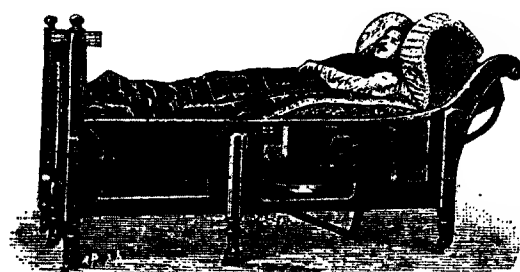
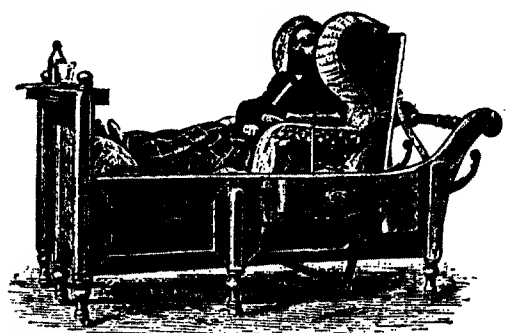
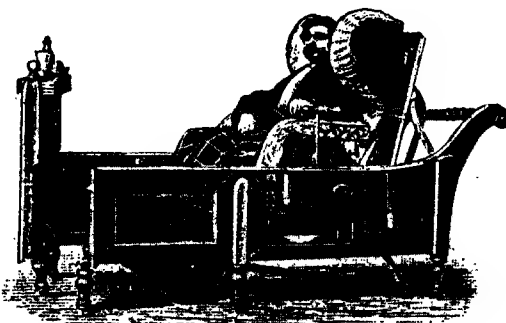
dos: começa a surgir a moda do tálamo conjugal. Os bebés começam a surgir aos montes...

• Cama de molas

Em 1820 começa-se a aplicar na estofagem das camas o sistema em vigor há já 150 anos para a das caleches: as molas. Por outro lado, o desenvolvimento dos centros industriais — a era das máquinas inicia-se — dá origem à penúria de habitações. Remedeia-se até certo ponto a deficiência fabricando camas que se podem dobrar ou escamotear. Já à volta de 1890 se contavam nos Estados Unidos da América qualquer coisa como 80 000 leitos-cadeiras em uso.

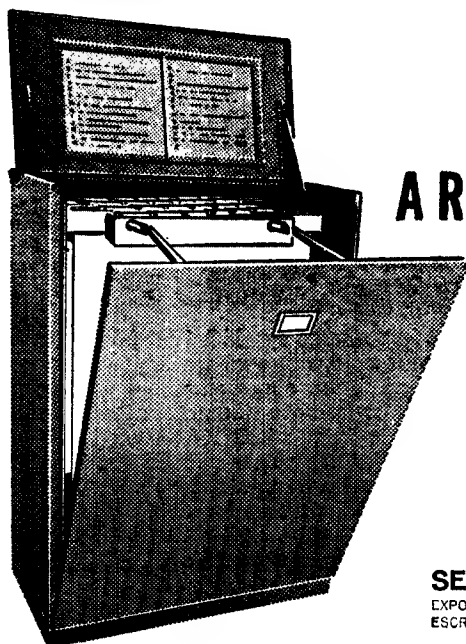
• A cama-divã

Surtem, então, as combinações mais inesperadas: o leito-mesa e o leito-cómoda, isto para não falar nem daquele que desaparece no armário da cozinha ou que, com toucador, banquinha de cabecei-



lados. Por isso os esquentadores de cama aparecem já em França a partir do século XV, possuindo o duque de Berry, autor de um célebre breviário ilustrado, dois em ouro. Pela sua parte Luís XIV dispunha duma colecção de dez esquentadores em prata cinzelada, com ornatos de flores

Mas que sono! Ora atiremo-nos para a nossa caminha actual: o colchão é de espuma — e o corpo cai breve no esquecimento. Quando acordamos serão já horas. Horas de quê? Horas de tudo um pouco: cigarro, cerveja, nome de mulher, táxi, jornal e formigas amarelas, Lua.



PLANTODEX

ARQUIVO PARA DESENHOS



SISTEMA VISÍVEL DE ARQUIVO PARA:

- Fácil procura por nomes ou espécies.
- Rápida extracção dos desenhos para consulta.
- Perfeita conservação das telas.

SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO SARL
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBERDADE, 127-129 — LISBOA 2 — TELEFOS: 32 49 86-32 86 71-32 70
ESCRITÓRIO E FÁBRICA: EST. DE BARCARENA — QUELUZ DE BAIXO — TELEFOS: 95 01 72-95 21 07, 9



CAMA DOCE CAMA



A CAMA é um móvel muito vulgar em todas as casas. Todos nós no entanto, nos sentimos atraídos por essa vulgaridade. Como é bom estar cansado! Como é bom amar sabe bem! A cama, enfim, anda sempre no nosso pensamento: quando um homem, às tantas da tarde, baixa as pálpebras por mo-

soma inacreditável de oitenta mil francos.

Eis que chega a altura, todavia, em que a burguesia enriquecida já não se deixa tentar por semelhantes exhibições de luxo. Os escritores preferiam a singeleza: Schiller e Goethe dormiam em simples camas de madeira. E, finalmente, as pessoas ricas renunciam a dormir em quartos separa-

ra e vaso de noite, é absorvido por um guarda-vestidos, nem daqueloutro que se disfarça em piano.

A tudo isto vem finalmente juntar-se o divã, o qual durante o dia toma ares de móvel de sala. Nasce com ele o quarto de dormir-sala, e fecha-se então o círculo: tal como nos antigos tempos, vive-se, nos «compartimentos único»

actuais, noite e dia num só e mesmo local.

• A cama na mão

O alemão Paulo Zeifert, pensando no aborrecimento que é chegar à noite a qualquer sítio desconhecido e não encontrar leito disponível, concebeu, em 1879, uma mala que podia conter o necessário de viagem, mas também ser desmontada e transforma-

da em autêntica cama.

A exposição internacional de balneologia, realizada em Francforte-no-Meno, em 1883, concedeu uma medalha de ouro à cama de Augusto Freire de Hil-desheim, cama concebida em intenção aos doentes e que se podia pôr em diversas posições graças a algumas manipulações muito simples. Este móvel engenhoso continha igualmente um «caso de noite e uma bacia para doentes. Não se impôs, porém, ao uso corrente.

• A cama quente

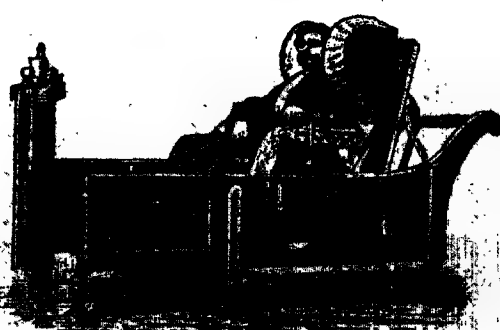
Ninguém gosta de se meter entre lençóis ge-

de lis e insignias reais.

Os «monges», chamados em Itália «preti», encontram-se em França no século XVII. Trata-se de esquentadores munidos de meios arcos-arcos de madeira, destinados a impedir que os lençóis se inflamem.

É em 1770 que o persapica Monsieur Gram-chaz, vindo de Inglaterra, introduziu em Paris as botijas de estanho.

As almofadinhas com caroços de cereja, que se aquecem na kareira, usam-se principalmente no campo. Têm a vantagem de não serem nem pesadas nem rígidas e de se deslocarem com facilidade na cama.



mentos, logo lhe surge um lençol branco e um travesseiro da mesma cor...

Ora recordação tão amável merece um rápido bosquejo histórico. Mas como a preguiça é tão grande e tão doce, e já em pensamento um colchão nos espera, remontar-nos-emos unicamente ao leito de Madame Récamier, concebido no ano de 1798. E, lentamente, de cama em cama, chegaremos até aos dias de hoje.

Pois o leito de Madame Récamier era «branco guarnecido de indiana leve. O dossel da cama encontrava-se fixado ao tecto do quarto. Vaporosos reposteiros de tule caíam à direita e à esquerda. A parede por trás do leito estava revestida de um pesado damasco de cor violeta».

E o príncipe de Metternich?

O príncipe de Metternich, que havia conservado hábitos antigos regime, gastou, para adquirir duas camas, a

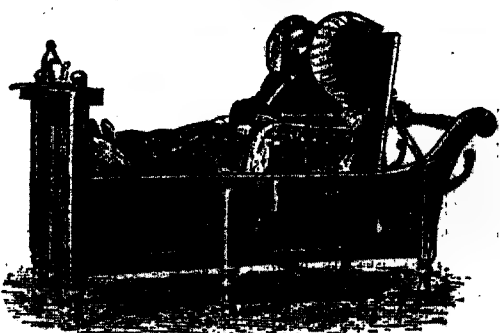
dos: começa a surgir a moda do tálamo conjugal. Os bebés começam a surgir aos montes...

■ Cama de molas

Em 1820 começa-se a aplicar na estofagem das camas o sistema em vigor há já 150 anos para a das caleches: as molas. Por outro lado, o desenvolvimento dos centros industriais — a era das máquinas inicia-se — dá origem à penúria de habitações. Remedeia-se até certo ponto a deficiência fabricando camas que se podem dobrar ou escamotear. Já à volta de 1890 se contavam nos Estados Unidos da América qualquer coisa como 80 000 leitos-cadeiras em uso.

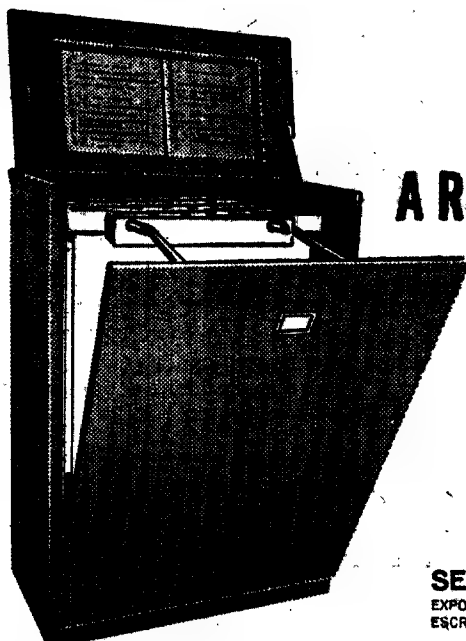
■ A cama-divã

Surgem, então, as combinações mais inesperadas: o leito-mesa e o leito-cómoda, isto para não falar nem daquele que desaparece no armário da cozinha ou que, com toucador, banquinha de cabecei-



lados. Por isso os esquentadores de cama aparecem já em França a partir do século XV, possuindo o duque de Berry, autor de um célebre breviário ilustrado, dois em ouro. Pela sua parte Luís XIV dispunha duma colecção de dez esquentadores em prata cinzelada, com ornatos de flores

Mas que sono! Ora atiremo-nos para a nossa caminha actual: o colchão é de espuma — e o corpo cai breve no esquecimento. Quando acordamos serão já horas. Horas de quê? Horas de tudo, um pouco: cigarro, cerveja, nome de mulher, taxi, jornal e formigas amarelas, Lua.



PLANTODEX

ARQUIVO PARA DESENHOS



SISTEMA VISÍVEL DE ARQUIVO PARA:

- Fácil procura por nomes ou espécies.
- Rápida extracção dos desenhos para consulta.
- Perfeita conservação das telas.

SELDEX SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO S.A.R.L.
EXPOSIÇÃO E VENDAS: AV. DA LIBERDADE, 127-129 — LISBOA 2 — TELEFOS: 3249 86-32 86 71-32 70
ESCRITÓRIO E FÁBRICA: EST. DE BARCARENA — QUELUZ DE BAIXO — TELEFOS: 95 01 72-95 21 07/89

A ARTE

NOVA

DAS VELHAS

COISAS



A indústria de fazer ganhar séculos a coisas acabadas de fabricar não só é rendosa no nosso País como também possibilita a muitas pessoas possuir objectos artísticos apenas vislumbrados até aqui na penumbra dos antiquários.

Simplemente, sem grandes alardes, os «industriais de antiguidades» lançam para o mercado peças a preço acessível e de grande qualidade técnica cuja autenticidade um leigo não poderá discutir.

O objectivo destas «fábricas de antiguidades» não é mais do que o de qualquer outra indústria: fazer dinheiro. No entanto, como na maioria dos negócios, o principal beneficiário é o intermediário ou o comerciante que, especulando com o «snobismo» de certos clientes ou explorando o turista, vende por somas fabulosas o que o industrial «lançou» a um preço convidativo para a maioria das bolsas médias portuguesas.

Poderá de alguma forma ser este negócio considerado desonesto? Não nos parece. As fábricas de antiguidades trabalham de porta aberta, pagam as suas contribuições e impostos, dão emprego a muitas dezenas de operários e técnicos, constituem, em suma, mais uma fonte industrial de riqueza. Não são elas que pretendem que exista o logro na compra dos produtos que fabricam. O preço a que normalmente uma peça sai da fábrica (em média, entre 100 e 500 escudos, se se trata de estatuetas ou qualquer «bíbela») é um desmentido formal da autenticidade do objecto. Mas a verdade é que o lucro do comerciante ultrapassa em grande parte dos casos os cem por cento.

«Vendi «bibelots» para o Algarve durante o Verão do ano passado. Desde imagens de santos a miniaturas chinesas, passando por diversas peças D. João V. Posso garantir que o preço médio por que entregui as encomendas foi de 250 escudos. Determina a casa de uma vila altamente turística, num só mês, fez uma encomenda de 16 contos. E quando ali

ful passar uns dias fiquei espantado por ver as minhas peças serem vendidas a uma média de 1200 escudos e dois contos em determinada «boutique» onde os turistas affluam — disse-nos o proprietário de uma das mais importantes «fábricas de antiguidades» cujo nome pediu que não fosse revelado.

— Esta é a realidade — acrescentou — se tentarmos elevar os nossos preços, o que nos permitiria pagar desde logo melhor ao pessoal, os comerciantes ou encurtavam as encomendas ou punham os produtos a um preço de tal modo inoportuno, que reduzia imediatamente a procura. Mesmo agora, já somos prejudicados pela ganância do comerciante — afirmou, desasombradamente.

Como qualquer indústria, esta necessita fundamentalmente de produzir. E o preço actual dos proprietários das fábricas é que o presente «boom» conduza a uma saturação de mercados proveniente da constante subida de preços que os donos de casas de decorações, de móveis e «boutiques» promovem.

Sobre isto, disseram-nos: — O público ainda paga, pois isto é novidade, por enquanto, mas os preços que as lojas pedem são um óbice para o desenvolvimento desta indústria.

Para se avaliar da importância de que estas fábricas gozam de momento, importa que se narre este caso ocorrido com um velho vendedor de relógios e artigos domésticos, Manuel José Nascimento de seu nome.

Após vinte anos de serviço numa importante casa de importações, na qual ainda se mantém, este vendedor, com centenas de milhares de quilómetros de estradas portuguesas, foi abordado por um amigo que trabalhava numa das fábricas de antiguidades. Não necessitava de trocar de emprego. Apenas acumularia, passando a transportar mais um mostruário — o de antiguidades fabricadas. E agora, chegados a este ponto, demos a palavra a Manuel José Nascimento:

— Só posso dizer que comecei a ganhar mais em

comissões com aqueles «mamarrachos» do que sempre fiz com velhos relógios e electrodomésticos. As casas de decoração e até mesmo antiquários da provincia encomendam disto como gente grande. Tive meses de conseguir mais dinheiro com este assunto do que com electrodomésticos e relógios em toda a minha vida!

A maior parte das pessoas desconhece o que seja «fabricar antiguidades», ou melhor, como a coisas acabadas de fazer se consegue dar um ar de 100 ou mais anos. Esse é o trabalho oficial que tentaremos breve e sucintamente descrever, de seguida.

Escolhido o lote de figuras ou peças, que importa fabricar, os moldes são feitos e a parte mais fácil da espinhosa tarefa segue-se — verter o material (espécie de resina sintética) no interior dos referidos moldes. Se as peças se destinam a ser pintadas, não há mais a fazer, depois da «cozedura», senão esperar que, após o arrefecimento e consolidação do material, esta vá cair nas mãos do pintor.

A importância de tal personagem nesta indústria é particularmente relevante. É ele que escolhe e consegue, com as suas misturas e experiências, arranjar o tom velho exacto das tintas que nas autênticas peças foram aplicadas há séculos.

Para isso, ele necessita de luz, de modelos autênticos ou, em sua substituição, simples fotografia colorida que respeite o mais possível a verdade do modelo adoptado.

Quem normalmente executa este trabalho é um pintor de arte, profissional ou, simplesmente, um estudante de pintura, de molde a que o seu conhecimento e a técnica aliadas conduzam a uma obra perfeita. É este um trabalho demorado, a maior parte das vezes, e difícil de executar. Pacientemente, o artista vai conseguindo cobrir o tom de marfim novo da peça com cores medievais, além de a revestir com o necessário pó que é fundamental em certos panejamentos, pregas e cantos da obra em que trabalha. Quando necessário, um pequeno pincel ou mesmo um pulveri-



zador se a área a cobrir é maior, entram em acção e o efeito de «velho» está conseguido.

Desde «bibelots» a móveis e oratórios, passando por esculturas mutiladas, de pedra, tudo se consegue

na moderna indústria de fazer logo velho as coisas novas.

Desonesto? Mas porquê? Quem poderia de outra forma ter em casa aquele candélabro «D. João VI» ou aquela bela chinesa ou ainda um candeeiro com um pé tão bonito?

Claro, claro que o candeeiro também não é autêntico, lá por a madeira ter todos aqueles poros abertos e estar roído; garantem-vos que não tem mais de cinco meses...

Claro que os amantes de antiguidades se podem sentir lesados. Mas mesmo esses não podem, em nada, acusar uma nova indústria séria que prospera no nosso País.

No logro, não caem eles, por certo, dada a profundidade dos seus conhecimentos da matéria. Quando muito, queixam-se de que não são já os únicos a possuírem belas peças em sua casa. E vamos lá, arriscamos a que algum convidado mais ignorante se lembre de perguntar se esta ou aquela peça autêntica foi comprada nesta ou naquela moderna fábrica de coisas «velhas»...



NSU

28

agentes

em todos os distritos

NSU PRINZ 4



NSU 1000



NSU 1200



NSU TT



AGORA! A NSU EM MUITOS PONTOS DO PAÍS

ASSISTÊNCIA TÉCNICA COMPLETA E GARANTIDA

ACORES — GARAGEM MACHADO, SUC., LDA. — R. Açoreano Oriental, 31 — Ponta Delgada — S. Miguel / **AVEIRO** — AGÊNCIA COMERCIAL RIA, LDA. — R. Condeheiro Luis Magalhães, 15 — Telefone 2 40 41/4 / **ALMADA** — AUTO-MONUMENTAL DE ALMADA — Av. D. Afonso Henriques, 24-B — Telefone 27 08 68 / **ANGOLA** — SOCIEDADE COM. LUSO-HOLANDESA, SARL — Caixa Postal 6344 — **LUANDA** / **BEJA** / **BOMBARRAL** / **BRAGA** — SOC. COM. RIBEIRO & GONÇALVES, LDA. — Largo das Almas / **COIMBRA** — AUTO-BRASIL DE COIMBRA, LDA. — R. do Brasil, 222-D — Telefone 2 85 04 / **CABO VERDE** — CARLOS ALBERTO DE CASTRO E SILVA BARROS — Caixa Postal 68 — Ilha de S. Vicente / **ÉVORA** — ESMORIZ — Empresa Comercial Alentejana de Automóveis, Lda. — R. dos Penedos, 13-B — Telefone 2 40 00/2 / **ESMORIZ** — MANUEL A. COSTA LEMOS — Lugar da Vinha — Telefone 00 26 - 72 169 / **FARO** — AUTO-JUALTA, LDA. — Stand: Largo do Mercado, 54 — Telef. 2 39 68 — Oficina: R. Alfereis Arnaldo Luzia da Silva — Telefone 2 39 17 / **GUARDA** — GERMANO G. MORAIS — Agência Automobiliística Morais — R. Vasco da Gama — Telefone 259 / **GUINÉ** — PINHEIRO & C. — Apartado 28 — **BISSAU** / **LISBOA** — AUTO-EDUARDO COSTA, LDA. — R. de Campolide, 27-B — Telefone 68 76 15 / **FERNANDO GEORGE SILVA** — Alameda das Linhas de Torres, 46 — Telefone 79 05 04 - 79 32 78 / **STAND ROLIMA** de Roberto H. Lima — R. Saraiva de Carvalho, 167 — Telefone 87 38 31 / **LEIRIA** — SOC. AUTO CENTRAL LEIRIENSE, LDA. — Av. Heróis de Angola, 45 — Telefone 23 14 8 / **MADEIRA** — MENDES GOMES & CIA. LDA. — R. Visconde da Anadia, 4 — Telefone 21 19 1 — **FUNCHAL** / **MOÇAMBIQUE** — AGÊNCIAS MUNDIAIS — Av. da República, 154-160 — **LOURENÇO MARQUES** / **PORTO** — J. M. COSTA OLIVEIRA — Stand AUTO-LIS — R. Sá da Bandeira, 662 — Telef. 28 36 3 / 64 58 8 / **PORTALEGRE** — A. SAJARA & CIA, LDA. — R. do Comércio / **SANTARÉM** — MARQUES, LDA. — Av. D. Afonso Henriques, 23 — Telefone 09-877 / **S. TOMÉ** — L. BAPTISTA, LDA. — Caixa Postal 76 / **TOMAR** — MARQUES, LDA. — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 102-104 — Telefone 877 / **TORRES VEDRAS** — COMAUTO — R. Cândido dos Reis, 72 — Telefone 629 / **VIANA DO CASTELO** — SOC. COM. RIBEIRO & GONÇALVES, LDA. — Largo das Almas / **VISEU** — STAND DAMIÃO de M. Pinto Damião — R. Sousa Macedo, 32-36 — Telefone 32 33 8.

NSU SPIDER



NSU R080



NSU SPORT PRINZ



TEM A QUALIDADE ALEMÃ E O CONFORTO EUROPEU

Representantes Lusolanda, Lda.

Av. António Aug. de Aguiar, 25-C — R. Latino Coelho, 63 — Av. de República, 84 — LISBOA





São os últimos carroceiros da cidade. Parcam, diariamente, beata ao canto da boca, junto dos últimos cavalos de tiro da cidade, arrumados à beira do passeio como automóveis de motor em ponto-morto. Morita é quase a sua actividade. Seus clientes são os de menos posses e de menos pressa. Estão arrumados ao passeio e esperam, lentamente, pelo seu fim. De quando em quando

há um que sai, para uma tarefa, e os outros ficam a olhá-lo, com inveja.

Eles, os carroceiros, foram há anos a elite do transporte público de cargas citadino. Representavam a industrialização da arte galega do moço-de-frete, o da corda ao redor do ombro e boné às três pancadas, dispostos a carregar com trastes, móveis ou entrevados, escadas altas acima da Baixa pombalina. O

O CAVALEIRO

carroceiro era o fundista, o especialista da média ou longa distância. Socorria a pequena burguesia e apoiava a indústria (artesanal). Hoje, nada mais há senão esperar, junto às bermas dos passeios. Nada mais há a fazer. Esperar. Fumar meios cigarros e guardar a outra metade atrás da orelha; espiolar sem esperança os mercados abastecedores. Olhar com nostalgia as carroças que vêm dos arredores, dos saloios, com frescos, para o lisboeta comer. Carroças suburbanas que o lisboeta não vê, que voltam a esconder-se nos arredores quando nós nos levantamos.

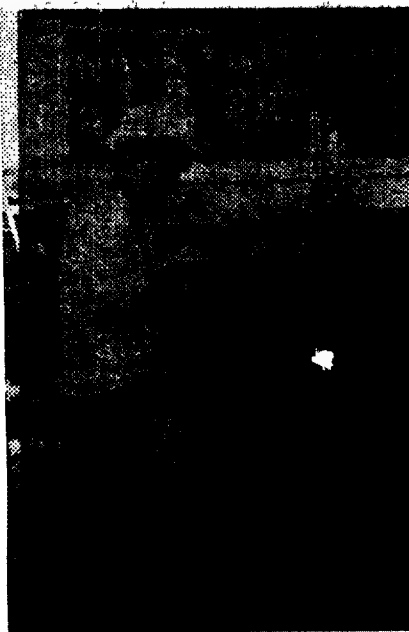
São velhos sem idade, nem esperança, olhando desencantados magoados, sem compreenderem. São os últimos, os derradeiros. Os seus filhos já outra

coisa fazem; depois deste cavalo, o último, também, nada mais haverá. Esperam sem esperança o fim, ao lado dos últimos cavalos de carroça da cidade. Falamos das grandes carroças, puxadas por grandes cavalos, tristes, orelhudos velhos e sem esperança, como os próprios donos, os derradeiros, não nos referimos às pequenas carroças que oferecem morangos de Sintra pelas ruas da cidade.

Alcântara, uma certa rua de Alcântara, parece ser o refúgio dos últimos homens do látigo, das rédeas ensebadas e do arre-arre estalado, ao canto da boca. Pelas manhãs e pelo escorrer das tardes eles ali se deixam observar, sem sequer jogar às moedas como os motoristas de táxi. São calados, meditados, desconfiados.



«Aqui há anos obrigaram a gente a meter pneus como os automóveis. Mas os automóveis cada vez fazem mais barulho, e ninguém lhes diz nada. Bebe o senhor? Somos todos, bestas e homens, umas alimérias que para aqui andamos a acabar»



«Carroças suburbanas que voltam a esconder-se quando nós nos levantamos»



SEGUNDA

Parece que só acreditam no fim.

«Já ninguém quer saber de nós. Para aqui estamos e ninguém quer saber de nós. É claro que as camionetas são mais rápidas. Nem se podem comparar, em rapidez. E o preço já nem interessa às pessoas. Ainda fazemos uns jeitinhos mas não dão nem para o «pitrol». Para aqui estamos... Para aqui estamos.»

Falou ora de olhos no chão ora de olhos lá longe, sem nunca fixar o jornalista, a não ser quando este aparentava estar distraído. Chama-se João César, embora lhe chamem o «Massa com Grão».

«Chamam-me assim porque quando eu era novo não comia outra coisa, e o nome ficou. Quando era novo chegava a levantar pesos

de 130 quilos e mais. Carroça não tinha ajudante, como as camionetas. Era à força de pulso. Hoje, já não tenho vitaminas nem preciso delas para nada.»

«Os comboios é que às vezes dão um jeitinho. Os comboios e fábricas pequenas que têm mánicas para mudar para perto, coisa pequena e sem pressa. Isso é que vai dando para a bucha. Mas o sustento e a arrecadação do animal ficam cada vez mais caros. E eles são como as pessoas. Também precisam de comer. Olhe, quando este cavalo já não tiver forças vai para o matadouro e eu fico a comer o dinheiro que me derem por ele e quando o dinheiro acabar acabou-se tudo, pronto, para mim é que nem há matadouro.»

São poucos, os últimos, os derradeiros, e conhecem-se todos uns aos outros embora alguns não se falem entre si por zangas velhas, coisas de trastes a transportar. Não fazem mais nada nem mudam de vida porque já não têm tempo para começar.

«Na minha terra, era eu pequeno, já te à lenha de carroça. Depois vim para a tropa e nesse tempo carroças era o que se usava. Comprei uma quando deixei a vida militar, e um cavalo, que só lhe faltava falar. Toda a vida nisto. Que vou fazer agora? Burro velho não aprende línguas.»

Por vezes há semanas em que nem um serviço aparece. O desespero aperta, nessas alturas, e as palavras mingam. Comem em silêncio, da marmita

que as mulheres lhes trazem; e elas também ficam caladas, o resto do tempo, o resto da tarde, cirandando por ali, fazendo horas para o regresso, igualmente silencioso, na boleia, com o cesto a dançar lá atrás, vazio, solitário, sobre as tábuas inúteis.

«Aqui há anos, obrigaram a gente a meter pneus, como os automóveis.

Compreende-se que não se deve fazer barulho. Mas os automóveis cada vez fazem mais, e ninguém lhes diz nada. Para nós, isso foi só mais uma despesa. Nessa altura já o negócio não tinha nada de bom. Mas alguma vez foi bom? E depois, junte as licenças, que não têm nada de barato, mais os apetrechos. Que vida esta, amigo, que vida. Somos todos, bestas e ho-

mens, umas alimárias que para aqui andamos a acabar.»

César está junto da sua carroça. César não é nome para carroça, é nome para quadriga, carro de guerra para combates de morte. Naquela rua de Alcântara, último refúgio, César e seus camaradas parecem esperar o sinal para uma qualquer partida, guerreiros entregues à derrota prévia, consumada.

São homens velhos, sem idade nem esperança, olhando desencantados, magoados, sem compreenderem. Estão arrumados ao passeio e esperam pelo seu fim. De quando em quando um sai, para uma tarefa, e os outros ficam a olhá-lo, com inveja. Pelas manhãs e pelo escorrer das tardes eles ali estão, sem sequer jogar às moedas, como os motoristas de táxi. Cada cavalo é o último e depois deste nada mais haverá. São os das carroças da cidade, são os últimos, os derradeiros.

REPORTAGEM
DE
«A MOSCA»

que a libeerta não vê, doras nos arredores levantamos...



OS GALESES CONTRA O PRÍNCIPE



Tem sido dito e repetido que o galês é uma língua cheia de acentos musicais, mas a investidura do herdeiro do trono britânico como príncipe de Gales dispensou muito naturalmente o último êxito «pop» desta região semi-autónoma.

«Carlow», melodia de Dafydd Iwan, não brindou o filho de Isabel II com as habituais palavras de elogio (convencional) que se dispensam à família n.º 1 de Inglaterra. Iwan é o chefe de fila da Sociedade da Língua Galesa e a letra de «Carlow» dá mais ou menos o seguinte traduzida para português:

«Tenho um amigo que vive no
[palácio de Buckingham
e Carlow Windsor é o seu nome.
Da última vez que lhe rondei
[a casa
a mãe veio à porta e disse:
Carlow, Carlow,
Carlow está
[a jogar pólo,
Carlow está a jogar pólo com o pai.—
Vinde, ó servos de Gales, juntar-vos
[ao coro.
Finalmente há um príncipe nesta
[terra da canção!]

Dafydd Iwan foi entrevistado pelos jornais a propósito do lançamento de «Carlow». Eis a sua resposta mais clara: — Não precisamos de um circo real. Queremos é estradas, indústria, escolas, casas com retrete e água corrente. Os únicos galeses que estão de acordo com a investidura são os tipos esperançados em receber a Ordem do Império britânico.

Antes da cerimónia o herdeiro do trono fez uma viagem de boa vontade pelas principais cidades da região, sem despertar mais que uma simples curiosidade e maganância. Um professor universitário de Bangor fez o ponto à situação:

— Não temos nada contra o príncipe, e só há que aplaudir a forma como ele se comportou nestes últimos dois meses de permanência entre nós. Mas a

investidura, longe de unir o nosso povo, dividiu-o ainda mais.

SIMBOLISMO

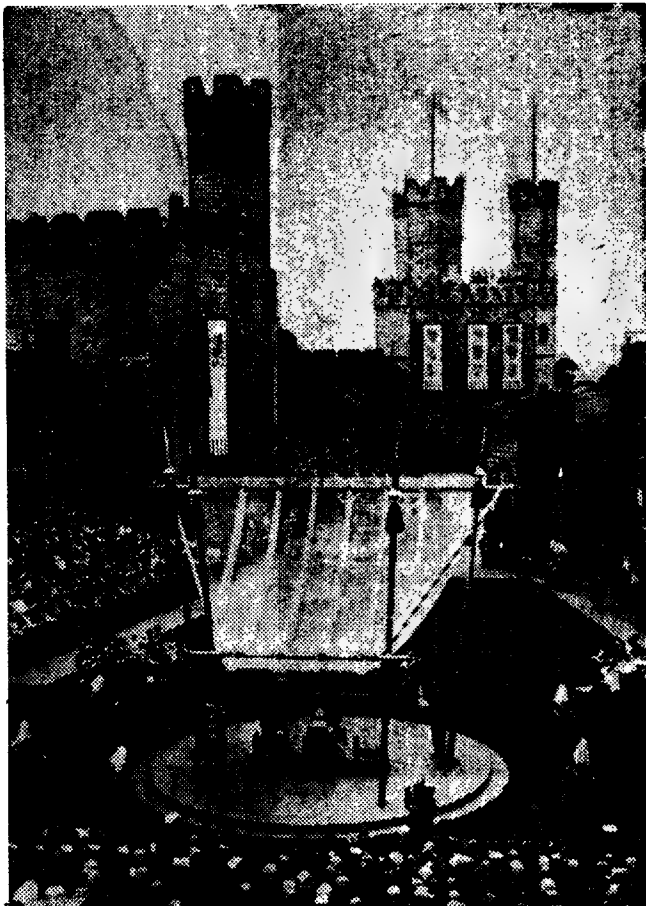
O galês médio não vê inconveniente em falar deste tema, sentindo-se mesmo lisonjeado com o súbito interesse que o País de Gales despertou em 1969 à escala mundial. Entretanto faz notar um facto que terá passado despercebido à grande maioria dos não galeses: o extremo simbolismo da cerimónia.

Para começar há o castelo de Caernarvon. Do mesmo modo que os irlandeses recordam a invasão dos barões normandos como se hou-

vesse ocorrido na véspera, assim os galeses se apaixonam ao falar da conquista do seu país por Eduardo I de Inglaterra, sucesso trágico do ano de 1282. Os símbolos vivos dessa conquista são seis castelos construídos no Norte de Gales, e de todos eles o mais irritante está precisamente em Caernarvon. Assim o local da investidura não poderia ter sido pior.

Além disso a cerimónia não possui, aos olhos dos galeses, qualquer cunho de autenticidade, pelo menos desde 1911, quando Lloyd George ali levou o tio-avô de Carlos para ser sagrado príncipe de Gales.

Mas o argumento antipríncipe mais utilizado está nesta acusação: a investidura como que injectou na vida galesa um elemento de cabotismo (inglês) tendente



O castelo de Caernarvon durante a cerimónia



«Vinde, ó servos de Gales, juntar-vos ao coro!»

à vanglória da aristocracia, nada grata ao temperamento local. Durante muitos anos o País de Gales foi um poderoso bastião do Partido Liberal e é-o hoje do Partido Trabalhista, a tal ponto que a cerimónia pareceu tão deslocada como seria, digamos, a sacração dum

sacerdote druída num templo inglês...

EMOCIONAIS

Observadores estrangeiros quiseram ver na actividade dos extremistas o único sinal de resistência galesa. O Exército Galês Livre, porém, não monopolizou esse sentimento de

antipatia e desagrado. O partido nacionalista «Plaid Cymru» não representa 100 por cento da população. De facto o que se passou está talvez contido nesta explicação dum velho habitante de Cardiff:

— Nós não somos nacionalistas no sentido político, somos antes nacionalistas emocionais capazes de responder às provocações com uma bravata eloquente.

A «emoção» atinge o seu ponto extremo no que respeita à questão linguística. Há cem anos quase todos os galeses falavam fluentemente a sua língua natal: hoje só um quarto da população se exprime no velho dialecto celta. Por isso os nacionalistas (políticos e emocionais sem distinção) reagiram mal à escolha do galês para a cerimónia — lembram a propósito a situação de segundo plano em que ele se encontra no quotidiano nacional.

IMPRESSOS

Gwynfor Evans, o primeiro (e até hoje único) nacionalista galês eleito para o Parlamento britânico, costuma citar alguns pormenores deprimentes desta situação. Segundo o deputado apurou, de 1200 impressos publicados no País de Gales pelo Ministério da Educação e da Ciência apenas quatro — respeitantes a pensões — são redigidos também em galês. O mesmo se passa nos Correios: para meio milhar de impressos usados nas estações só quatro estão escritos em galês. Idem no que se prende com o Ministério dos Transportes: 302 impressos, 300 em inglês, 2 em galês.

Eis o estatuto oficial dessa língua «falada no céu», como se lhe referiu um dia no Parlamento o secretário de Estado para o País de Gales, George Thomas.

Os galeses discutem bastante o modo de preservar a língua. O

que nenhum nega é a importância da sua sobrevivência, que parece ameaçada pela crescente diminuição dos indivíduos bilingues (uma escassa minoria ainda hoje fala só o galês). Aliás a República da Irlanda, vulgo Eire, fornece um exemplo terrível: apesar de meio século de esforços oficiais, a velha língua do país, o gaélico, está em acentuado declínio.

RESPEITO

O sentimento geral é de que o Governo de Londres não se mostra muito interessado em fazer concessões neste domínio. Os partidários mais ferrenhos da língua galesa seriam pura e simplesmente olhados como fanáticos — o que muitos deles não são.

Para um estrangeiro o aspecto mais atraente do nacionalismo galês está precisamente no culto da língua como veículo da poesia e da música. Por alguma razão o maior festival do País de Gales é uma competição poética em que todos os anos se escolhe um novo bardo notabilizado pela excelência dos seus versos. Os galeses podem não ascender ao mais alto grau económico ou profissional, mas se se tornam conhecidos como poetas ou cantores ganham imediatamente o respeito de toda a comunidade.

Quanto à contestação violenta, centralizada pelo Exército Galês Livre (F. W. A.), redobrou de intensidade com a aproximação da cerimónia. No próprio dia em que o jovem Carlos foi investido como príncipe de Gales houve três condenações de militantes (e outros três ficaram com a pena suspensa...), no termo dum julgamento de 53 dias que custou cerca de 12 mil contos ao governo de Londres. Este é o outro lado duma realidade aguda, a face mais negra dum problema tremendo diladado por breves horas na pompa de Caernarvon.

Antigamente defendia-se a honra pessoal pelo veneno (auto-destruição exemplar do difamado), pelo punhal (destruição do difamador) ou pelo duelo (lavagem da honra no sangue do difamador, do próprio difamado ou de ambos, com eventual destruição de um deles por contingências do acaso). Mais tarde, com o aperfeiçoamento da noção de justiça, passou a recorrer-se aos tribunais via processo por difamação.

Mas Maria Fernanda Martins, natural do Marmeleiro, Sertão, ou ali residente (não importa ao caso), resolveu defender-se com versos.

Acusavam-na de «ter» o dinheiro do patrão, coisa que a criada de servir negou em 1968 — e nega hoje — veemente.

«A Mosca» acaba de receber a sua defesa, impressa em forma de desdobrável e com um selo de 1\$00 (carimbo da Sertão).

O documento fala por si.

O que faz correr esta Itália do pós-guerra, este país a que, em 1943, foram prometidos o progresso, o entendimento nacional e a paz e que, vinte e seis anos depois, se interroga de novo sobre o seu destino?

A democracia italiana, restaurada após a queda do fascismo, foi (é), afinal, um meio de assegurar a sobrevivência do poder de uma classe: o regime de Benito Mussolini foi outra. É essa democracia que está, neste momento, em causa.

Para a direita — socialmente falando — (para a burguesia dos monopólios se quisermos ser mais precisos) esta serôdia democracia parlamentar é uma fonte permanente de inquietações e mal-estar. A instabilidade governativa e a radicalização das confrontações sociais tornam as desigualdades demasiado patentes, conferem-lhes o perigo das grandes verdades. É preciso uma autoridade. Um centro de decisão. Um general de Gaulle, talvez.

Para a esquerda — extraparlamentarmente falando — a democracia ocidental representa a integração no sistema económico, social e político (capitalista) das reivindicações dos trabalhadores.

O(s) partido(s) que se reclama(m) do proletariado adquire(m) o gosto e o hábito pelo jogo político, perde(m) o contacto com o país real, transforma(m)-se em máquina(s) burocrática(s) de angariação de votos e em correio(s) de transmissão de compromissos e transacções parlamentares. A «nova ordem» — para utilizar a terminologia de António Granusci, fundador do P. C. I. nos anos 20 — não passa pelo Parlamento da República.

A manutenção do actual ordenamento constitucional só será possível se a esquerda e a direita (parlamentares) acordarem num programa de acção comum. A direita chama-se Democracia Cristã; a esquerda, Partido Comunista Italiano.

Se, por outro lado, e numa outra hipótese, uma alteração do regime entregar o poder a uma direita autoritária, moderna, tecnocrática (degaulista, numa palavra) essa direita só estará disposta a entender-se com um opositor (leia-se: um interloquutor) suficientemente representativo, e esse opositor é (ainda) o P. C. I. Paz social obriga: os negócios querem-se certos e seguros no momento do fecho, ainda quando ousados na concepção.

No centro desta tempestade, a social-democracia local paga os dividendos dos negócios em que participou (e daqueles em que não participou).

Enquanto uma ala direita (chefada por Mario Tanassi) se separa do Partido Socialista Italiano, o que resta do velho aparelho tenta desesperadamente manter uma posição própria: «socialista e democrática», «não-estalinista», de acordo com os termos de um comunicado distribuído na passada segunda-feira.

Na Itália, como na França, a idade da social-democracia (clássica) já passou, porém.

Os P. C. locais — mais disciplinados, mais fortes, directamente ligados à classe operária — substituem-na com êxito. Enquanto, à sua esquerda, não nasce (ou melhor: não cresce) uma nova força a social-democracia dos anos 70 poderá transaccionar com êxito.

«Ó Jesus dos altos Céus,
Venha ver a crueldade,
A fama que me puseram,
Na flor da minha idade.

Meus senhores queiram ou-
[vir,

Ou leiam com atenção,
A fama que me puseram,
Em casa de um patrão.

Diziam que tinha o dinheiro,
Eu não os desminto; não,
Onde o tinham não sei,
Dizem que era no colchão.

Eu nunca vi o dinheiro,
Nem a minha geração,
Deve ser ele que o tem,
Aquele ingrato patrão.

Julgo que esteja certo,
E ele disse a um meu fa-
[miliar,
Tinha colocado o dinheiro,
Desconhecendo o lugar.

Ele nunca chegou a inter-
[mar,
Qual o total do dinheiro,
E já tenho ali trabalhado
Alguns anos inteiros.

Tinha vergonha talvez,
De dizer o mal que fez,
E como meu pai não tem
[recursos,
Ficamos na pacatez.

Não é para me elogiarem,
Do que me pus a escrever,
Reparem para a má fama
E o que ele me fez sofrer.

Os momentos que vivi,
No meio da confusão,
E ainda ser agredida,
Pelo genro do patrão.

Veio de longe com esse in-
[tento,
Da sua alta personalidade.

Apresentando-se após a
[missa,
Com atitude de autoridade.

Agrediu-me publicamente,
No meio da multidão,
E em voz alta ele disse: la-
[dra,
Onde tem o dinheiro, que
[roubou ao seu patrão.

Os filhos é que tinham o
[dever,
De seu pai defender,
Mas por verem a minha ino-
[cência,
Nem nisso se quiseram me-
[ter.

Quando me vi encerrada,
Nas grades duma prisão,
A gente pagar sem dever,
Até corta o coração.

Já a alguns anos atrasados,
Houve um desfalque no
[Sembal

Eu então era garota,
Quem é que foi fazer esse
[mal.

Na freguesia do Marmeleiro,
Nunca aconteceu coisa

[igual,
Foi este é que me difamou,
Manuel Lopes do Sembal.

Até mesmo na Sertão,
Houve um caso doloroso.
Abandonaram a minha mãe,
A porta do sr. Raposo.

Eram sete horas da noite,
Quando eles ali a deixaram,
Ó que noite tão escura,
E com doze quilómetros p'râ
[andar.

Foi o sr. Diamantino,
É que a foi transportar,
Viu a miséria tão grande,
Que nem dinheiro lhe quis
[llevar.

Tanto o sr. dr. Delegado,
Como a Guarda em geral,
Dales nada tenho a dizer,
Porque não me fizeram mal.

Estavam cumprindo um de-
[ver,
Que era da sua missão.
O culpado foi só ele,
Aquele cruel patrão.

Sou nova eu bem o sei,
Mals nada tenho a dizer,
Mas com esta difamação,
Também já posso perder.

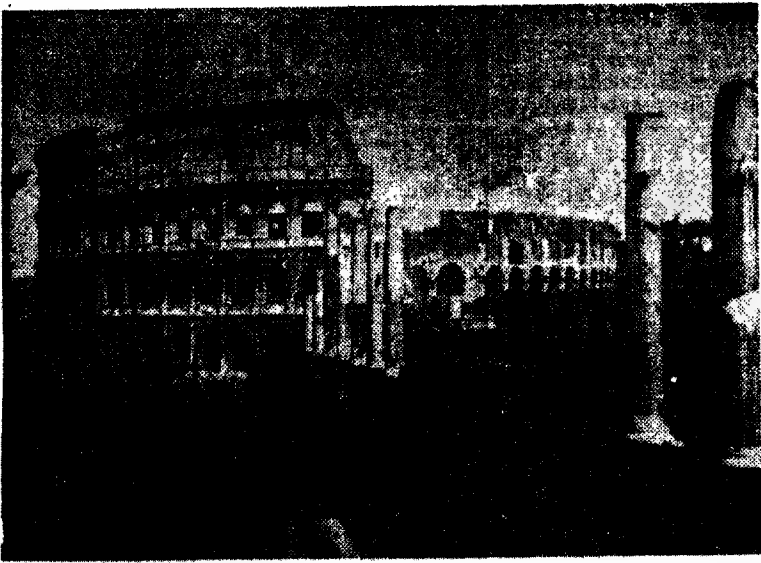
Foi injusta e ingrata,
Esta minha difamação,
Tanto para a família do
[Validos,
Com para os do Vergão.

A família nada tem.
Com este meu proceder,
E se eu assim falo,
É porque tenho razão p'rô
[fazer.

Ó criadas de servir,
Só vos digo como é,
O nome dele é Manuel,
E o dela é Nazaré.

Isto é só dum homem mau,
Pois nunca vi o dinheiro,
Só gosto que todos saibam,
Até pelo mundo inteiro.

Com isto vou terminar,
Este meu difamamento,
Se eu fosse a contar tudo,
Era um grande testamento.»



em ITÁLIA (HOJE) 5 PONTOS

O que faz correr esta Itália do pós-guerra, este país a que, em 1943, foram prometidos o progresso, o entendimento nacional e a paz e que, vinte e seis anos depois, se interroga de novo sobre o seu destino?

A democracia italiana, restaurada após a queda do fascismo, foi (é), afinal, um meio de assegurar a sobrevivência do poder de uma classe: o regime de Benito Mussolini foi outra. É essa democracia que está, neste momento, em causa.

Para a direita — socialmente falando — (para a burguesia dos monopólios se quisermos ser mais precisos) esta serôdla democracia parlamentar é uma fonte permanente de inquietações e mal-estar. A instabilidade governativa e a radicalização das confrontações sociais tornam as desigualdades demasiado patentes, conferem-lhes o perigo das grandes verdades. É preciso uma autoridade. Um centro de decisão. Um general de Gaulle, talvez.

Para a esquerda — extraparlamentarmente falando — a democracia ocidental representa a integração no sistema económico, social e político (capitalista) das reivindicações dos trabalhadores.

O(s) partido(s) que se reclama(m) do proletariado adquire(m) o gosto e o hábito pelo jogo político, perde(m) o contacto com o país real, transforma(m) se em máquina(s) burocrática(s) de angariação de votos e em correio(s) de transmissão de compromissos e transacções parlamentares. A «nova ordem» — para utilizar a terminologia de António Granusci, fundador do P. C. I. nos anos 20 — não passa pelo Parlamento da República.

A manutenção do actual ordenamento constitucional só será possível se a esquerda e a direita (parlamentares) acordarem num programa de acção comum. A direita chama-se Democracia Cristã; a esquerda, Partido Comunista Italiano.

Se, por outro lado, e numa outra hipótese, uma alteração do regime entregar o poder a uma direita autoritária, moderna, tecnocrática (degaulista, numa palavra) essa direita só estará disposta a entender-se com um representante (leia-se: um interlocutor) suficientemente oposicionista, e esse opositor é (ainda) o P. C. I. Paz social obriga: os negócios querem-se certos e seguros no momento do fecho, ainda quando ousados na concepção.

No centro desta tempestade, a social-democracia local paga os dividendos dos negócios em que participou (e daqueles em que não participou).

Enquanto uma ala direita (chefiada por Mario Tanassi) se separa do Partido Socialista Italiano, o que resta do velho aparelho tenta desesperadamente manter uma posição própria: «socialista e democrática», «não estalinista», de acordo com os termos de um comunicado distribuído na passada segunda-feira.

Na Itália, como na França, a idade da social-democracia (clássica) já passou, porém.

Os P. C. locais — mais disciplinados, mais fortes, directamente ligados à classe operária — substituem-na com êxito. Enquanto, à sua esquerda, não nasce (ou melhor: não cresce) uma nova força a social-democracia dos anos 70 poderá transaccionar com êxito.

Antigamente defendia-se a honra pessoal pelo veneno (auto-destruição exemplar do difamado), pelo punhal (destruição do difamador) ou pelo duelo (lavagem da honra no sangue do difamador, do próprio difamado ou de ambos, com eventual destruição de um deles por contingências do acaso). Mas tarde, com o aperfeiçoamento da noção de justiça, passou a recorrer-se aos tribunais via processo por difamação.

Mas Maria Fernanda Martins, natural do Maranhão, São Paulo, ou ali residente (não importa ao caso), resolveu defender-se com versos.

Acusavam-na de «steir» o dinheiro do patrão coisa que a criada de servir negou em 1968 — e nega hoje — veemente.

A Moeser acaba de receber a sua defesa impressa em forma de desdobrável e com um selo de 1500 (cunho da Santa).

O documento fala por si.

•O Jesus dos altos Céus,
Venha ver a crueldade.
A fama que me puseram
Na flor da minha idade

Meus senhores querem ou
[vir]

Ou leram com atenção,
A fama que me puseram
Em casa de um patrão

Diziam que tinha o dinheiro,
Eu não os desminto; não,
Onde o tinham não sei,
Dizem que era no colchão

Eu nunca vi o dinheiro,
Nem a minha geração.
Deve ser ele que o tem,
Aquele ingrato patrão.

Julgo que esteja certo,
E ele disse a um meu ta-
[miliar]

Tinha colocado o dinheiro,
Desconhecendo o lugar.

Ele nunca chegou a inter-
[mar]

Qual o total do dinheiro,
E já tenho ali trabalhado
Alguns anos inteiros

Tinha vergonha talvez,
De dizer o mal que fez,
E como meu pai não tem
[recursos]

Ficamos na pobreza

Não é para me elogiarem,
Do que me pus a escrever.
Reparem para a má fama
E o que ele me fez sofrer

Os momentos que vivi,
No meio da confusão,
E ainda ser agredida,
Peio genro do patrão

Vou de longe com esse
[fanto]

Da sua alta personalidade.

Apresentando-se após a
[missa],
Com atitude de autoridade.

Agrediu-me publicamente,
No meio da multidão.
Foi em voz alta ele disse, lá,
[Idra]

Onde tem o dinheiro, que
[roubou ao seu patrão]

Os filhos e que tinham o
[dever],
De seu pai defender,
Mas por verem a minha ino-
[cência]

Nem nisso se quiseram me-
[ter]

Quando me vi encerrada,
Nas grades duma prisão,
A gente pagar sem dever,
Até corta o coração

Já a alguns anos atrasados,
Houve um desatque no
[Sembal]

Fu então era garota,
Quem é que foi fazer esse
[mal]

Na freguesia do Marmeleiro,
Nunca aconteceu coisa
[fiquat]

Foi este é que me difamou,
Manuel Lopes do Sembal

Até mesmo na Santa,
Houve um caso doído o o,
Abandonaram a minha mãe,
A porta do sr. Raposo

Eram sete ho as da noite,
Quando eles ali a deixaram
O que noite tão escura,
E com dor quilómetros pra
[fazer]

Foi o sr. Diamantino
E que a foi transportar,
Vi a miséria tão grande
Que nem dá para imaginar

Tanto o sr. de Dequado,
Como a Guarda em geral,
Deles nada tenho a dizer,
Porque não me faz um mal

Estava a tempo de um re-
[fazer]

Que era da sua miséria
O culpado foi só eu,
Aquele cruel patrão

Sou nova eu bem o sei,
Mas nada tenho a dizer,
Mas com esta difamação,
Também já posso perder

Foi injusta e ingrata
Esta minha difamação,
Tanto para a família do
[Valdeas]

Com para os do dequado

A família nada tem,
Com este meu proceder
E se eu assim fôr,
É porque não sei o que

O criadas de casa
Só vos digo como é
O nome dele é Manuel
E o dele é Nuno

Isto é só dum nome a falar,
Pois nunca vi o dinheiro
So gosto que todos os dias
Até pelo mundo inteiro

Com isto vou terminar
Este meu difamar este,
Se eu fosse a contar tudo
Era um grande testemunho



Antigamente defendia-se a honra pessoal pelo veneno (auto-destruição exemplar do difamado), pelo punhal (destruição do difamador) ou pelo duelo (lavagem da honra no sangue do difamador, do próprio difamado ou de ambos, com eventual destruição de um deles por contingências do acaso). Mais tarde, com o aperfeiçoamento da noção de justiça, passou a recorrer-se aos tribunais via processo por difamação.

Mas Maria Fernanda Martins, natural do Marmeleiro, Serfã, ou ali residente (não importa ao caso), resolveu defender-se com versos.

Acusavam-na de «ter» o dinheiro do patrão, coisa que a criada de servir negou em 1968 — e nega hoje — veemente.

«A Mosca» acaba de receber a sua defesa, impressa em forma de desdobrável e com um selo de 1\$00 (carimbo da Serfã).

O documento fala por si.

SENHORES

QUEIRAM OUVIR

«O Jesus dos altos Céus,
Venha ver a orusidade,
A fama que me puseram,
Na flor da minha idade.

Meus senhores queiram ouvir,
Ou leiam com atenção,
A fama que me puseram,
Em casa de um patrão.

Diziam que tinha o dinheiro,
Eu não os desminto; não,
Onde o tinham não sei,
Dizem que era no colchão.

Eu nunca vi o dinheiro,
Nem a minha geração,
Deve ser ele que o tem,
Aquele ingrato patrão.

Julgo que esteja certo,
E ele disse: é um mau fe-
[militar]
Tinha colocado o dinheiro,
Desconhecendo o lugar.

Ele nunca chegou a fazer,
Qual o total do dinheiro,
E já tenho ali trabalhado
Alguns anos inteiros.

Tinha vergonha talvez,
De dizer o mal que fez,
E como meu pai não tem
[recursos,
Ficamos na pazez.

Não é para me elogiarem,
Do que me pus a escrever,
Repáram para a má fama
E o que ele me faz sofrer.

Os momentos que vivi,
No meio da confusão,
E ainda ser agredida,
Pelo genro do patrão.

Velo de longe com esse in-
[fante],
Da sua alta personalidade,

Apresentando-se após a
[missa,
Com altitude de autoridade.

Agrediu-me publicamente,
No meio da multidão,
E em voz alta ele disse: le-
[drá,
Onde tem o dinheiro, que
[roubou do seu patrão.

Os filhos é que tinham o
[dever,
De seu pai defender,
Mas por verem a minha in-
[fante],
Nem nisso se quiseram me-
[ter.

Quando me vi encerrada,
Nas grades duma prisão,
A gente pagar sem dever,
Até corta o coração.

Já a alguns anos atrasados,
Houve um desfalque no
[Sembal
Eu então era garota,
Quem é que foi fazer esse
[mal.

Na freguesia do Marmeleiro,
Nunca aconteceu coisa
[igual,
Foi este é que me difamou,
Manuel Lopes do Sembal.

Até mesmo na Serfã,
Houve um caso doloroso,
Abandonaram a minha mãe,
A porta do sr. Raposo.

Eram sete horas da noite,
Quando eles ali a deixaram,
O que noite tão escura,
E com doze quilómetros p'rá
[andar.

Foi o sr. Diamantino,
É que a foi transportar,
Viu a miséria tão grande,
Que nem dinheiro lhe quis
[llevar.

Tanto o sr. dr. Delegado,
Como a Guarda em geral,
Dales nada tenho a dizer,
Porque nada me fizeram mal.

Estavam cumprindo um de-
[ver,
Que era da sua missão,
O culpado foi só ele,
Aquele cruel patrão.

Sou nova eu bem o sei,
Mas nada tenho a dizer,
Mas com esta difamação,
Também lá posso perder.

Foi injusta e ingrata,
Esta minha difamação,
Tanto para a família do
[Validos,
Com para os do Vergão.

A família nada tem,
Com este meu proceder,
E se eu assim falo,
É porque tenho razão p'rá
[fazer.

O criadas de servir,
Só vos digo como é,
O nome dele é Manuel,
E o dela é Nazaré.

Isto é só dum homem mau,
Pois nunca vi o dinheiro,
Só gosto que todos saibam,
Até pelo mundo inteiro.

Com isto vou terminar,
Este meu difamamento,
Se eu fosse a contar tudo,
Era um grande testamento.

O que faz correr esta Itália do pós-guerra, este país a que, em 1943, foram prometidos o progresso, o entendimento nacional e a paz e que, vinte e seis anos depois, se interroga de novo sobre o seu destino?

A democracia italiana, restaurada após a queda do fascismo, foi (é), afinal, um meio de assegurar a sobrevivência do poder de uma classe: o regime de Benito Mussolini foi outra. É essa democracia que está, neste momento, em causa.

Para a direita — socialmente falando — (para a burguesia dos monopólios se quisermos ser mais precisos) esta seródia democracia parlamentar é uma fonte permanente de inquietações e mal-estar. A instabilidade governativa e a radicalização das controvérsias sociais tornam-se desigualdades demasiado patentes, conferem-lhes o perigo das grandes verdades. É preciso uma autoridade. Um centro de decisão. Um general de Gaulle, talvez.

Para a esquerda — extraparlamentarmente falando — a democracia política representa a integração no sistema económico, social e político (capitalista) das reivindicações dos trabalhadores.

O(s) partido(s) que se reclama(m) do proletariado adquire(m) o gosto e o hábito pelo jogo político, perde(m) o contacto com o país real, transforma(m)-se em máquina(s) burocrática(s) de angariação de votos e em corredo(s) de transmissão de compromissos e transacções parlamentares. A «nova ordem» — para utilizar a terminologia de António Granucci, fundador do P. C. I. nos anos 20 — não passa pelo Parlamento da República.

A manutenção do actual ordenamento constitucional só será possível se a esquerda e a direita (parlamentares) acordarem num programa de acção comum. A direita chama-se Democracia Cristã; a esquerda, Partido Comunista Italiano.

Se, por outro lado, e numa outra hipótese, uma alteração do regime entregar o poder a uma direita autoritária, moderna, tecnocrática (degaullista, numa palavra) essa direita só estará disposta a entender-se com um opositor (leia-se: um interlocutor) suficientemente representativo, e esse opositor é (ainda) o P. C. I. Paz social obriga os negócios querem-se certos e seguros no momento do fecho, ainda quando ousados na concepção.

No centro desta tempestade, a social-democracia local paga os dividendos dos negócios em que participou (e daqueles em que não participou).

Enquanto uma ala direita (chefeada por Mario Tanassi) se segura ao Partido Socialista Italiano, o que resta do velho aparelho tenta desesperadamente manter uma posição própria: «socialista e democrática», «não-estalinista», de acordo com os termos de um comunicado distribuído na passada segunda-feira.

Na Itália, como na França, a idade da social-democracia (clássica) já passou, porém.

Os P. C. locais — mais disciplinados, mais fortes, directamente ligados à classe operária — substituem-na com êxito. Enquanto, à sua esquerda, não nasce (ou melhor: não cresce) uma nova força a social-democracia dos anos 70 poderá transaccionar com êxito.



No decorrer do sarau com que a E. N. abriu a entrega das laureas fez-se ouvir o padre Moreira das Neves, ele próprio poeta, que leu um texto de sua autoria «Em louvor da lingua portuguesa». Daí passamos a seguinte passagem:

«Como todas as plantas, a Língua tem as suas raízes, o seu tronco, os seus ramos e a sua seiva. A medida que vai crescendo, enriquece-se e renova-se, individualiza-se e expande-se.

Agreste e ingênua na primavera dos Cancioneiros, pouco a pouco vai ganhando energias e nervos, movimento e ritmo, captando e absorvendo valores espersos, matizando-se na urdidura, e sempre resistindo aos maus tratos de quem, por desamor, a rasgue ou manche

No século XIII cheira às resinas do Pinhal de El-Rei e às rosas de Santa Isabel.

Fernão Lopes a tempera e afina, com a mestria do alfageme de Santarém ao forjar a espada de Nun'Álvares para as grandes batalhas redentoras. Não esqueçamos que, antes de o Condestável vencer em Aljubarrota, é discursando que prepara, em Abrantes, o heroísmo das suas falanges ().

Nem lhe falta a glória impar de a ter falado Nossa Senhora nas Aparições da Serra de Aire, para os avisos da misericórdia do Céu aos delírios do Mundo, e o privilégio de três Papas — Pio XII, João XXIII e Paulo VI — a terem usado em discursos de irradiação universal, ao serviço da paz.

Nesta mesma Língua é que vamos escutar a leitura de algumas composições

premiadas entre as quatro mil remetidas aos Jogos Florais 1960 da Emissora Nacional. Com os concorrentes distinguidos, exultando todos os portugueses, revigorando-se na certeza de que a Fala que Deus nos deu também é Portugal e é seu destino não morrer senão quando se calarem as últimas trombetas do Juízo Final no Vale de Josafat.

Quanto às composições premiadas revelamos sobretudo a modalidade da quadra popular, onde os concorrentes atingiram uma espantosa originalidade. Veja-se o 1.º prémio (quadra enviada pelo dr. Paulo Fração, de Lisboa):

«Porque amei outras pri-
meiras,
Não te dê isso desgosto;
foram luar de Janeiro,
tu és o luar de Agosto...»

Autêntica dama de honra da rainha das quadras, eis a composição distinguida com o 2.º prémio (de Eugénio de Paiva Freixo, residente no Porto):

«O lenço com que me tens
Sempre a acenar-te, no
[cais,
Cheira-me a sol, quando
[vens;
Sabe-me a sal, quando
[vais!]

Esplêndida, também, a quadra do 3.º prémio, da autoria do dr. João Conde Veiga, de Viana do Castelo:

«Soldados da minha terra
Oh quem vos pudera dar
Coragem para ir à guerra
E sorte para voltar.»

Quanto ao 4.º prémio, coube ele a este brinco enviado por Mário Pedroso Gonçalves, de Lisboa:

«Ó Menina da janela
Tenha dó desta desgraça!
Já os cães me confundiram
Com os lampiões da pra-
[ça...]

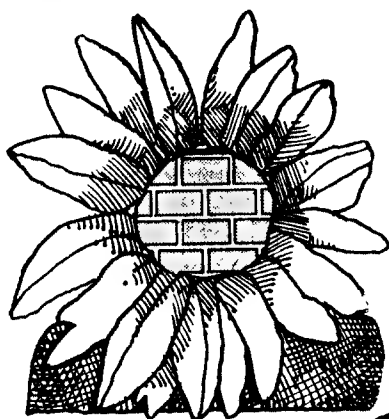
Com o 5.º prémio surge-nos este apontamento lírico de Maria Madalena da Fonseca Matos, de Lisboa:

«Não andes assim trajada
com saia tão pequenina,
porque a fruta descascada
não tem tanta vitamina.»

Reproduzimos ainda um dos poemas galardoados com menção honrosa. Enviou-o Maria de Lurdes Peres Fatal Canteiro, da Damia, e reza como segue:

«Reparou no seu vestido?
É tão curto... não o ponha.
Nele há falta de tecido,
E em si falta de... vergo-
[nha.]

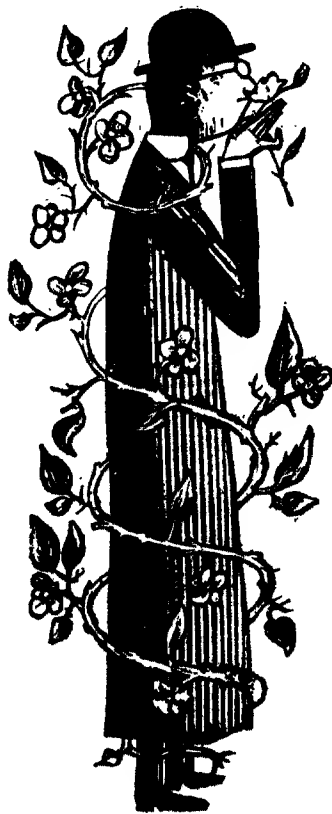
É claro que os pretensos críticos e antologadores com cátedra montada em certos jornais vão pura e simplesmente ignorar estes mimos a que a E. N. fez justiça. Mas o mundo dos homens está cheio de incompreensão. Quando aprendem eles com as moscas?



Jogos flores tais da emissora

Espíritos mal formados tentam cobrir com um véu de silêncio a grande afirmação literária que foram os recentes Jogos Florais da Emissora Nacional. Mas a sua importância, irmã da oportunidade, é demasiado eloquente para que «A Mosca» se cale neste momento: pois se não salvamos agora as flores mais olorosas, como estará dentro de poucos anos o nosso jardim das letras?

Aliás, o júri que presidiu aos trabalhos de selecção e classificação era formado por personalidades de indiscutível relevo na vida artística do País, a saber: prof. Manuel Lopes de Almeida (presidente), Carlos Trigueiros de Martel (secretário) e dezanove vogais de reconhecida competência — Agustina Bessa Luís, António de Navarro, Artur Anselmo, Carlos Selvagem, Eduíno de Jesus, Fernanda de Castro, Fernando Guedes, Fernando de Paços, Francisco Costa, Jaime Nogueira Pinto, Júlio Evangelista, Luís de Oliveira Guimarães, Luís Silveira, Maria Ana da Luz Silva, Maria da Graça Freire, Maria de Lourdes Belchior, Maria de Lourdes Figueiredo Albuquerque, Nita Lúpi e Padre Silva Rego.

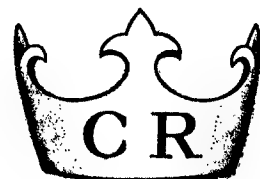


Macieira & Co. Lda.

*Foi o prazer de anunciar que
foi nomeada representante exclusiva
para Portugal do famoso*

Chivas Regal

Scotland's Prince of Whiskies



- «Augusto Cabrita é um mito»
- «Perdigão Queiroga está ultrapassado»
- «Fonseca e Costa é melhor do que Fernando Lopes»
- Outras declarações sensacionais

«OFF» quer dizer, sumariamente, FORA. Por isso, esta é a voz-fora que «A Mosca» hoje vos oferece. Voz-fora de tudo: de interesses, de grupos, de amizades, de cor.

«Em Portugal não existem jornais de actualidade, não existem documentários, não existe nada parecido com cinema de informação. O que há no nosso país é o filme-disfarce para veicular publicidade». São de um «cameraman» estas palavras. São de um homem que já trabalhou em quase todos os jornais de actualidades cinematográficas. Moedas Miguel, «Cameraman» da Televisão estas declarações. O melhor a fazer é passar a panhola, é o autor de transcrever as afirmações deste operador cujas palavras podem ser discutíveis, mas são, sem dúvida, um documento de desassombro. Elas não foram feitas assim, de seguida, com o propósito de atacar ou de ferir quem quer

que seja. Vieram à superfície ao longo de uma conversa com um redactor deste suplemento. Quando essa conversa chegou ao fim, Moedas Miguel disse, simplesmente: Pode publicar tudo isto.

Água vai: e muitos vão-se molhar.

«Nos jornais de actualidade, não há um mínimo de brio profissional. O que preocupa os produtores é mostrar as pessoas muito bem vestidas e com a barba feita. E o mal é que isso também parece ser a única coisa que interessa às personalidades responsáveis. Uma vez fui a um circuito de automobilismo para fazer a reportagem. Durante dois dias lutei para ser autorizado a filmar a corrida de dentro de um carro. Consegui-o. Quando o filme foi montado, cortaram essa sequência «porque estava tremida». Arrisquei-me eu a andar a 160 á hora para nada... A única coisa que era viva, autêntica, ficou de fora. E isso só porque o que



MOEDAS MIGUEL VOZ OFF

interessava era mostrar os carros a meterem gasolina da marca X, ganhar os cartazes da marca Y, e filmar os automóveis da marca Z. Pode fazer-se publicidade disfarçada como muita gente faz lá fora, para se conseguir realizar um filme. Um homem e uma mulher não era mais do que um filme publicitário a

uma marca de automóveis.

Mas o que aqui se faz é defraudar o público. O público não pode deixar de ficar defraudado quando um operador é uma pessoa sem preparação que trabalhava dois meses antes como motorista. A maior parte dos operadores, dos repórteres do cinema, são indivíduos

sem preparação. E isso só acontece porque é do interesse do produtor pagar pouco».

«As agências de publicidade estão agastadas por causa da publicidade disfarçada dos cine-jornais. Mas isso só acontece porque a maior parte das vezes elas não ganham os vinte por cento da comissão. Outras vezes são elas próprias a procurarem jornais de actualidades com subsídios, ou outros semi-oficiais, para servirem os seus interesses.»

«Quando o Chefe do Estado visitou Angola, o realizador deu ordem a um operador para filmar de um ângulo que se visse determinada marca num reclame. A filmagem ficou nitidamente prejudicada, mesmo paga pelo Governo para documentar a visita, mas a organização ganhou um anúncio.»

«Perdigão Queiroga diz que eu tenho a mania dos grandes planos e critica a minha maneira de trabalhar. Mas

a verdade é que ele está desinteressado, não digo que não saiba de cinema, mas só faz bem quando quer, ou melhor, quando lhe interessa. Acho que isso não é honesto. De resto, está ultrapassado. Estudei um ano em Paris, vejo muito cinema e sei como trabalham lá fora. Sei portanto que o que estou a fazer é correcto».

«A única maneira de se criar um jornalismo de cinema a sério era extinguir os jornais de actualidades existentes e criar um só, bem estruturado. Não «Horizonte» é bem feito mas não é um jornal de actualidades. A Augusto Cabrita é um mito. Sei o que estou a dizer e posso provar ao Cabrita aquilo que afirmo.»

«Além de correspondente da TVE, trabalho na Unifilme, com o Fonseca e Costa, Considero-o o melhor realizador português. Melhor que o Fernando Lopes. No fim deste ano vamos fazer um filme de fundo.»



Rogério Paulo com um grupo de russos. O actor está à direita

O MELHOR ACTOR DO ANO

«A chacun sa petite indépendance.» E cada pequena independência tem as suas sementes e dá os frutos que merece.

Rogério Paulo acaba de o provar e bem haja. Bem haja pela lição que deu a este nosso mundo perplexo. Agora, graças à consagração que lhe foi prestada pela Secretaria de Estado de Informação e Turismo, ergue-se no pe-

destal em que se dá posteridade a Couto Viana, Ribeiro e outras personagens do teatro Mudo.

Fez bem. Muito bem. Multíssimo bem. Multíssimo bem. Na carta que escreveu definiu a oportunidade de uma atitude que julgáramos desnecessária definir, excepto para meia dúzia de independentes. Cada prémio é identificado por um acordo de princípio: corresponde a um vo-

to de confiança de parte a parte. Identifica o juiz com o premiado já que este, aceitando a decisão, confere por seu turno aos julgadores o título de validade de a terem conferido.

E assim à chacun son Oscar. E à chacun as regas da boa educação que é devida seja a quem for, quer se goste do Tango, quer não.



Este relógio tem algo mais do que o seu. Ele desperta!

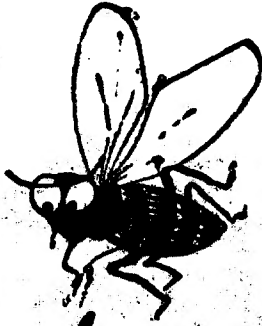
O VULCAIN CRICKET é de linhas modernas e conserva a sua alta qualidade. Além disso desperta no seu pulso, acorda-o e lembra-lhe as suas obrigações. Poder-se-á exigir mais de um relógio?

Veja a colecção VULCAIN nas principais relojarias e ourivesarias do país.

VULCAIN
cricket

POP

ularaticho



ENHAS MOSCARENHAS MOSCAR

A popularidade conquistada lá fora, é ainda o mais eficaz punhado de areia lançado à miope óptica nacional.

A fotografia com o Olympia em fundo, o cartaz do clube tal, o recorte do «New Bedford News», são credenciais de grande efeito para os espíritos incapazes de, por si, emitirem um juízo de valor, embora não convençam já aqueles que têm os olhos suficientemente abertos para que tal punhado de areia os cegue.

Rui de Mascarenhas tem feito do nome que tem lá fora, a base da sua promoção cá dentro.

Antes de mais, e prevenindo-se contra as costumeiras contestações do seu homenageado de hoje e as influências que move nestes casos, «A Mosca» esclarece que não põe em dúvida a sua popularidade no estrangeiro. A verdade é que Roberto Carlos, Raphael, Richard Anthony também são, lá e cá, muito populares. Portanto mais recortes, fotografias e ou-

tros atestados de talento, não vale!

E agora adiante.

**A força do destino
ou
A star is born**

Por malhas que o destino tece, Rui de Mascarenhas nasceu em Moçambique, um pouco mais ao norte que António Calvário, mas foi a meio mar entre Lourenço Marques e Lisboa, no salão de 1.ª classe do «Niassa», que iniciou a sua carreira artística. Tinha então meia dúzia de anos de idade e estava portanto muito a tempo de seguir outro caminho. Mas Mascarenhas tinha o destino traçado.

A segunda experiência do Ruizinho data dos seus 10 anos, quando ganhou no Casino Estoril um concurso de dança. Mas a valsa a prémio não estava em nenhuma das linhas da sua mão.

As três é de vez e Mascarenhas, que entretanto já cantava o fado aos amigos, não fugiu à regra. Frequentava então Belas-Artes e o Eden Teatro. De como ganhou um prémio de 60 mil reis e um passaporte para a fama, é coisa frequentemente relatada nas revistas da especialidade, do Cashbox à Plateia, do Billboard ao R&T e ao New Musical Express, mas que «A Mosca» não quer deixar de recordar. Foi no «Passatempo APA» que, vencendo a sua natural timidez, decidiu concorrer ao «Campeonato da Canção», concurso reposto mais tarde por Bruno Coquatrix com a designação de «Taça das Cidades com Música». Ganhou, como não podia deixar de ser para o conveniente desenrolar da crónica, cantando «Maria Dolores».

«...Mais um tudo nada e seria tudo. Mesmo assim foi quase...»

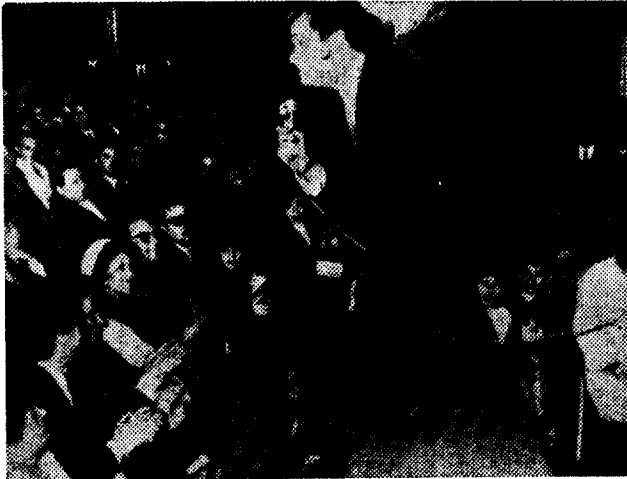
Mais vale um Mascarenhas na mão que dois Bécards a voar. O «Passatempo APA» não largou da mão a sua descoberta e aos oito de Março de mil novecentos e cinquenta, Rui fazia a sua estreia oficial como cançonetista.

É de tradição que as estradas do êxito estejam semeadas de escolhos, quanto mais não seja para tornar pitorescas e comovidas as biografias dos grandes artistas. No caso do nosso (salvo seja!) homem, aconteceu simplesmente que chumbou por duas vezes no concurso para ingressar nos quadros da E.

N. Também neste caso foi de vez às três. Ingressou na Emissora Nacional e posteriormente no elenco dos «Companheiros da Alegria».

Entretanto o espaço português começava a ser escasso para conter o talento de Rui. O Brasil, a Itália, de novo o Brasil, a França, a Holanda, a Suíça, a Bélgica, o Luxemburgo, a Espanha, o Canadá, por fim os Estados Unidos, renderam-se à voz e ao repertório de Mascarenhas. Corram de raiva e pensaram em mudar de vida os Brel e Sinatras, que só no plural a eles nos podemos referir. Singular só Rui de Mascarenhas.

«...porque no fim desta estrada
meu amor eu já não estou...»



Mais vale um Mascarenhas na mão que dois Bécards a voar

Vários prémios internacionais atestam o seu talento. Mascarenhas é mesmo o único artista que pode gabar-se, ou não pode mas se gaba, de ter sido distinguido com um troféu MIDEM em 1960. Este facto é particularmente significativo pois o 1.º MIDEM (Mercado Internacional do Disco e da Edição Musical) realizou-se em Cannes sete anos mais tarde. Pode pois dizer-se que o troféu de Mascarenhas lhe foi atribuído «a priori».

Mas o sucesso que alcançou lá fora, não o cegou a ponto que esquecesse a terra natal. Entre um espectáculo no Bobino e as provas em Hollywood, Mascarenhas canta para os portugueses no Pavilhão dos Desportos, no Casino Estoril ou na R. T. P.

Lá e cá, este acabado

cultor da afectação, com a sua voz cuidadosamente aveludada, maneando no sentido da pieguice «lucho-gática» toda e qualquer linha melódica, com mais ou menos (geralmente mais) câmaras de eco, canta. E canta o quê?

«...a Lua branca tem um
[manto de poesia...]

A escolha do repertório define um artista. Não basta cantar. É preciso que se cante alguma coisa. Das canções que Mascarenhas canta:

...Sem ela a minha vida é
[um tormento
sem ela o meu destino é um
[tracasso
mas rio e mascaro o sofrimento
com toda a hipocrisia dum
[palhaço...]

Alterações houve-as, mas apenas na ordem. De notar: — a subida vertiginosa de «seu» Roberto, em vésperas da sua chegada a Lisboa para fazer uma perninha num filme com Sainado;

— a subida mais branda de Simon & Garfunkel; — a subida ainda mais branda de Herminia; — a queda desastrosa dos Herman's Hermits; — a queda de três degraus de Fernando Tordo; — a queda natural dos Beatles, que entretanto lançaram a «Balada de John e Yoko» que, embora sem nada de novo, será certamente um êxito comercial.

De notar ainda que se mantiveram os três primeiros, merecendo referência especial os 5th Dimension.

— Os Moodies estão finalmente a conseguir impor no mercado a sua qualidade.

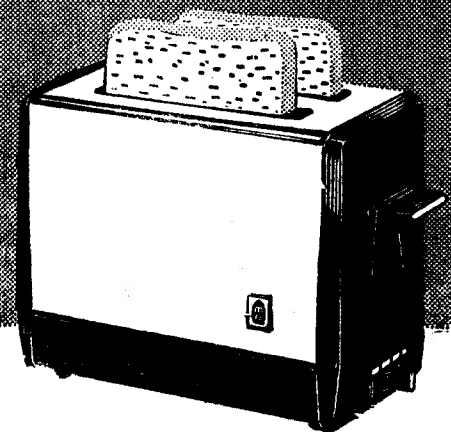
— As vendas de álbuns são uma vez mais pouco representativas. O que se disse há 8 dias continua actual.

— «A Mosca» informou-se nos sítios do costume; Discoteca Universal, Estabelecimentos Melodia e Valentim de Carvalho.

- 1.º (1.º) — Aquarius/Let the sunshine in — Fifth Dimension
- 2.º (2.º) — Never comes the day — Moody Blues
- 3.º (3.º) — Dizzy — Tommy Roe
- 4.º (9.º) — É meu, é meu, é meu — Roberto Carlos
- 5.º (8.º) — The Boxer — Simon and Garfunkel
- 6.º (4.º) — Get Back — Beatles
- 7.º (7.º) — Love me tonight — Tom Jones
- 8.º (10.º) — Destolhada da Herminia — Herminia Silva
- 9.º (6.º) — The windmills of your mind — Fernando Tordo
- 10.º (5.º) — My sentimental friend — Herman's Hermits

TORRADEIRA DE DISPARO AUTOMÁTICO DE CONCEPÇÃO MODERNA.

morphy-richards



**MODELO
ATR.**

- Regulação a seu gosto do grau de tostação.
- Desliga automaticamente elevando simultaneamente as lorradas.
- Tabuleiro de migalhas de fácil limpeza.

REPRESENTANTES:

SOC. de REP. SIDA SUECA, LDA.
RUA DE S. NICOLAU, 44, 48 - LISBOA



POP



ularzinho

ENHAS MOSCARENHAS MOSCAR

A popularidade conquistada lá fora, é ainda o mais eficaz punhado de areia lançado à míope óptica nacional.

A fotografia com o Olympia em fundo, o cartaz do clube tal, o recorte do «New Bedford News», são credenciais de grande efeito para os espíritos incapazes de, por si, emitirem um juízo de valor, embora não convençam já aqueles que têm os olhos suficientemente abertos para que tal punhado de areia os cegue.

Rui de Mascarenhas tem feito do nome que tem lá fora, a base da sua promoção cá dentro.

Antes de mais, e prevenindo-se contra as costumeiras contestações do seu homenageado de hoje e as influências que move nestes casos, «A Mosca» esclarece que não põe em dúvida a sua popularidade no estrangeiro. A verdade é que Roberto Carlos, Raphael, Richard Anthony também são, lá e cá, muito populares. Portanto mais recortes, fotografias e ou-

tros atestados de talento, não valem.

E agora adiante.

A força do destino

ou

A star is born

Por malhas que o destino tece, Rui de Mascarenhas nasceu em Moçambique, um pouco mais ao norte que António Calvário, mas foi a meio mar entre Lourenço Marques e Lisboa, no salão de 1.ª classe do «Niassa», que iniciou a sua carreira artística. Tinha então meia dúzia de anos de idade e estava portanto muito a tempo de seguir outro caminho. Mas Mascarenhas tinha o destino traçado.

A segunda experiência do Ruizinho data dos seus 10 anos, quando ganhou no Casino Estoril um concurso de dança. Mas a valsa a prêmio não estava em nenhuma das linhas da sua mão.

As três é de vez e Mascarenhas, que entretanto já cantava o fado aos amigos, não fugiu à regra. Frequentava então Belas-Artes e o Eden Teatro. De como ganhou um prêmio de 80 mil reis e um passaporte para a fama, é coisa frequentemente relatada nas revistas da especialidade, do Cashbox à Plátela, do Billboard ao R&T e ao New Musical Express, mas que «A Mosca» não quer deixar de recordar. Foi no «Passatempo APA» que, vencendo a sua natural timidez, decidiu concorrer ao «Campeonato da Canção», concurso reposto mais tarde por Bruno Coquatrix com a designação de «Taça das Cidades com Música». Ganhou, como não podia deixar de ser para o conveniente desenrolar desta crónica, cantando «Mária Dolores».

«...Mais um tudo nada e seria tudo. Mesmo assim foi quase...»

Mais vale um Mascarenhas na mão que dois Bécards a voar. O «Passatempo APA» não largou da mão a sua descoberta e aos oito de Março de mil novecentos e cinquenta, Rui fazia a sua estreia oficial como cançonetista.

É de tradição que as estradas do êxito estejam semeadas de espinhos, quanto mais não seja para tornar pitorescas e comoventes as biografias dos grandes artistas. No caso do nosso (salvo seja!) homem, aconteceu simplesmente que chumbou por duas vezes no concurso para ingressar nos quadros da E.

N. Também neste caso foi de vez às três. Ingressou na Emissora Nacional e posteriormente no elenco dos «Companheiros da Alegria».

Entretanto o espaço português começava a ser escasso para conter o talento de Rui. O Brasil, a Itália, de novo o Brasil, a França, a Holanda, a Suíça, a Bélgica, o Luxemburgo, a Espanha, o Canadá, por fim os Estados Unidos, renderam-se à voz e ao repertório de Mascarenhas. Corram de raiva e pensaram em mudar de vida os Breis e Sinatras, que só no plural a eles nos podemos referir. Singular só Rui de Mascarenhas.

«...porque no fim desta estrada meu amor eu já não estou...»



Mais vale um Mascarenhas na mão que dois Bécards a voar

Vários prêmios internacionais atestam o seu talento. Mascarenhas é mesmo o único artista que pode gabar-se, ou não pode mas se gaba, de ter sido distinguido com um troféu MIDEM em 1980. Este facto é particularmente significativo pois o 1.º MIDEM (Mercado Internacional do Disco e da Edição Musical) realizou-se em Cannes sete anos mais tarde. Pode pois dizer-se que o troféu de Mascarenhas lhe foi atribuído «a priori».

Mas o sucesso que alcançou lá fora, não o cegou a ponto que esquecesse a terra natal. Entre um espectáculo no Bobino e as provas em Hollywood, Mascarenhas canta para os portugueses no Pavilhão dos Desportos, no Casino Estoril ou na R. T. P.

Lá e cá, este acabado

cultor da afectação, com a sua voz cuidadosamente aveludada, maneja no sentido da pieguice «lucho-gática» toda e qualquer linha melódica, com mais ou menos (geralmente mais) câmaras de eco, canta. E canta o quê?

«...a Lua branca tem um [manto de poesia...»

A escolha do repertório define um artista. Não basta cantar. É preciso que se cante alguma coisa. Das canções que Mascarenhas canta:

«...Sem ela a minha vida é [um tormento sem ela o meu destino é um [tracasso mas rio e mascaro o sorriso com toda a hipocrisia dum [paião...»



«...Mais um tudo nada e seria tudo.

«...Mesmo assim foi quase só com a diferença do acento [to grave ao acento agudo...»

«...contigo eu aprendi que a Lua branca tem um [manto de poesia contigo eu aprendi a ver candura no sol-pôr de [cada dia...»

«...pedaços de luar prendem-se a medo ao teu olhar Felício...»

«...Eu sou de Portugal onde em sua casa cada um é Rei...»

«...porque já não souro quando estás ausente me divirto à meema, se não [estás presente...»

«...Ai, ai, Isabel... etc., etc., etc.»

Alterações houve-as, mas apenas na ordem. De notar: — a subida vertiginosa de «seu» Roberto, em véspera da sua chegada a Lisboa para fazer uma performance num show com Bolnisi;

— a subida mais branda de Simon & Garfunkel; — a subida ainda mais branda de Herminia; — a queda desastrosa dos Herman's Hermits; — a queda de três degraus de Fernando Tordo; — a queda natural dos Beatles, que entretanto lançaram a «Balada de John e Yoko» que, embora sem nada de novo, será certamente um êxito comercial.

De notar ainda que se mantiveram os três primeiros, merecendo referência especial os 5th Dimension.

— Os Moodies estão finalmente a conseguir impor no mercado a sua qualidade.

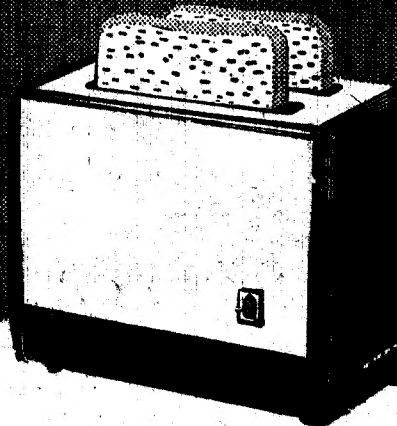
— As vendas de álbuns são uma vez mais pouco representativas. O que se disse há 8 dias continua actual.

— «A Mosca» informou-se nos estilos do costume; Discoteca Universal, Estabelecimentos Melodia e Valentim de Carvalho.

- 1.º (1.º) — Aquarius/Let the sunshine in — Fifth Dimension
- 2.º (2.º) — Never comes the day — Moody Blues
- 3.º (3.º) — Dizzy — Tommy Roe
- 4.º (9.º) — É meu, é meu, é meu — Roberto Carlos
- 5.º (8.º) — The Boxer — Simon and Garfunkel
- 6.º (4.º) — Get Back — Beatles
- 7.º (7.º) — Love me tonight — Tom Jones
- 8.º (10.º) — Desfolhada da Herminia — Herminia Silva
- 9.º (6.º) — The windmills of your mind — Fernando Tordo
- 10.º (5.º) — My sentimental friend — Herman's Hermits

TORRADEIRA DE DISPARO AUTOMÁTICO DE CONCEPÇÃO MODERNA.

morphy-richards



MODELO ATR.

• Regulação a seu gosto do grau de tosta-

gem.

• Desliga automaticamente elevando simultaneamente as torradeiras.

• Tabuleiro de migalhas de 1600 cm².

REPRESENTANTES:

SOC. de REP. SIDA SUECA, LDA
RUA DE S. NICOLAU 44 48 LISBOA



REDACÇÃO

O cavalo



O cavalo é um bicho que tem quatro patas e carroça mas há cavalos que não têm carroça porque fazem corridas e ganham mas quem leva as taças são uns homens pequeninos que andam em cima deles e há os cavalos das touzadas e o sr. Francisco que o meu pai diz que é o maior cavalo que ele alguma vez viu e os cavalos dos cow-boys que conhecem os assobios dos donos e salvam-nos quando os índios os estão a matar e o D. Afonso Henriques tinha um cavalo porque os

reis andavam a cavalo só os presidentes é que não sabem montar e nas batalhas o rei D. Afonso Henriques ia todo vestido de rei que é um fato de lata e entrava à espadeirada aos inimigos que fugiam dele não sei porquê e o cavalo também é bom para bifes mas a minha Mãe diz sempre que são de vaca porque senão a Vóvó não come lá porquê não sei porque come fressura e isso é que eu não comia nem que lhe chamassem lombo de vitela o cavalo tem pêlo curto e faz uns

pupus que parecem pastéis de bacalhau mas não são e por isso é preciso tomar cuidado porque se uma pessoa se engana pode ficar atrapalhada uma coisa que eu sei é que há uns cavalos que têm o rabo penteado aos quadradinhos esses são da Guarda Republicana que é uma guarda que quando os cavalos morrem corta-lhes os rabos para usar nos chapéus também sei que os cavalos não põem ovos o que é pena porque se pusessem um ovo estrelado ele dava para uma família inteira mas há

nos cafés uma coisa que se chama bife com um ovo a cavalo e está-se mesmo a ver que o bife é de cavalo eu sei porque o meu pai levou-me a comer um num café e tinha muito molh e muitas batatas o que tinha era pouco bife os cavalos são mamíferos porque mamam mas não sei aonde já espertei e não as vi se calhar ficam debaixo do selim outras coisas que os cavalos têm é umas palas do lado dos olhos para não verem para o lado se as pessoas também tivessem não viam as montras

e as coisas não se vendiam cada vez há menos cavalos e é pena porque eu gosto de os ver fazer pupus como pastéis de bacalhau coisa que os eléctricos não fazem eu não sei porque é que me mandaram fazer esta redacção de cavalos são lá coisas do director da escola que se chama Pires e tem manias mas já está feita só falta um parágrafo para encher o espaço todo cá está ele e mais um e outro e mais outro e acabou-se



NÃO PERCEBO PORQUE RAZÃO, NÓS AS MOSCAS, SOMOS ODIADAS POR TODOS...



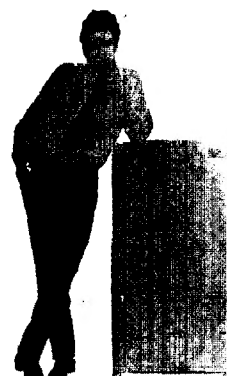
COMO É QUE OS PODRES MICROBIOS PODERIAM VIAJAR, SE NÃO EXISTISSEM?



... E NÓS NEM SEQUEL SUBIMOS OS PREÇOS...

faça teste

são necessários três elementos: você, uma garrafa cheia e um



INDESIT

Atire a garrafa para dentro do frigorífico. Esta salta, ressalt, e bate violentamente no interior do novo INDESIT! Vá verificar... Nem um risco! Nem uma esfoladura!

Poderá argumentar que o frigorífico não é o local mais próprio para onde se atirem garrafas.

De acordo, mas é procuramos provar que se o interior do INDESIT resistiu aos choques violentos de uma garrafa cheia, com certeza que resistirá aos pequenos choques do dia-a-dia e manter-se-á inalterável após longos e longos anos de uso diário.

O interior do novo INDESIT é de POLISTEROLO

com

INDESIT

tudo corre sobre rodas

